

NO DECLÍNIO VISCONDE DE TAUNAY



virtual books .com.br 

NO DECLÍNIO VISCONDE DE TAUNAY

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Compilador.

O Compilador gostaria de receber um e-mail de você com seus comentários e críticas sobre o livro. Edilberto Leite – compilador - eleite@terra.com.br - ICQ#: 47798889

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **vbooks02@terra.com.br**
Estamos à espera do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:

Fazemos o possível para certificarmos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



www.virtualbooks.com.br

NO DECLÍNIO
VISCONDE DE TAUNAY

No Declínio ¹

¹ Compilação feita a partir da 3ª edição – Agosto de 1926 - Cia. Melhoramentos de S. Paulo – S. Paulo – Caieiras - Rio de Janeiro.

Prefácio da terceira edição

Último, por ordem cronológica, dos seis romances do Visconde de Taunay, foi-lhe *No Declínio* o “canto do cisne” da estafada frase feita.

Escreveu-o no último ano de vida quando o implacável diabetes lhe minava as forças e cruelmente lhe ia roubando a vista em plena pujança cerebral.

Publicou a novela em folhetins da *Gazeta da Tarde* do Rio de Janeiro, em 1898, e depois de lhe dar a última demão, corrigiu-lhe as provas do volume até quase as vésperas da morte.

Saiu-lhe o romance menos de uma quinzena antes do seu falecimento a 25 de janeiro de 1899.

E seus confrades e amigos, visitando-o nestes dias derradeiros, porfiaram em lhe exprimir o prazer injustificadamente pessimista, como anda, quer, à fina força, fazer-nos crer que se sente e se acha mesmo abatido. Mas ao abrir o livro percebi logo que quem no declínio está é a Sra. D. Lucinda, viúva e mulher bonita, mas já quarentona, disse-lhe Machado de Assis, a gracejar, e aludindo à heroína do romance.

Noticiando o aparecimento do romance, a seu respeito escreveu José Veríssimo um artigo, última das apreciações que sobre a sua obra leu o romancista.

Estudou-lhe o crítico aí o papel no conjunto da história de nossa literatura, relembrou a feição nacionalista de sua obra e com franqueza lhe apontou senões e defeitos.

A seu ver é *No declínio* o melhor dos romances do escritor, depois de *Inocência*, entende-se. Encontra-lhe alguma desigualdade, mas “o assunto não é banal e o final do romance tratado com distinção e vigor”.

E ao terminar o seu estudo enuncia: “Eu achei neste livro de um escritor que começou há trinta anos, a influência das novas correntes literárias e das novas idéias de arte e uma preocupação da forma que atinge a do purismo. Estamos longe da reação de José de Alencar”.

É a observação perfeitamente exata. Começando a escrever numa época em que todos os autores brasileiros maltratavam e muito o vernáculo, imprimiu o Visconde de Taunay diversos volumes da primeira fase de sua vida literária com numerosos deslizes de linguagem.

À própria *Inocência* refundiu completamente por ocasião da segunda tiragem em 1884. Este apuro cada vez mais se lhe refinou, pelo contato íntimo dos grandes clássicos, sem que, contudo jamais se deixasse levar ao exagero de sacrificar uma só das modalidades da fraseologia brasileira para atender às exigências das formas equivalentes de além Atlântico.

Para o grande público é *No Declínio*, por assim dizer, uma novidade. A sua primeira edição, de mil exemplares, aparecida em 1889 (Rio de Janeiro – Macedo & Cia.) esgotou-se com certa rapidez.

Em novembro de 1900 assinou-se o contrato em virtude do qual a Livraria H. Garnier, do Rio de Janeiro e de Paris, publicou a segunda edição do romance, também de mil exemplares. Esta tiragem, inexplicavelmente, esgotou-se em 22 anos, segundo a comunicação que, em dezembro de 1923, me fez a casa Garnier.

Assim, pois, é como que um livro novo do Visconde de Taunay o que a Companhia Melhoramentos de S. Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada) aqui oferece ao público, na série já extensa das obras do autor de *Inocência*, por ela publicadas e reeditadas, com um capricho e um desvelo sobremodo notáveis e entre os quais sobrelevam as belas edições ilustradas da novela sertaneja e da *Retirada da Laguna*.

São Paulo, agosto de 1926.

Affonso de E. Taunay

No Declínio

I

Chamava-se Lucinda – Lucinda Mendes Soares – vestida sempre muito elegante, sem cores vivas nem exageros, e arvorando um lutozinho aliviado, que se resumia com muita discrição nos laços e enfeites de leve arroxeados do corpete ou nas plumas e flores ligeiramente violáceas do chapéu.

De longos anos viúva, rica e formosa, ninguém lhe podia imputar a mínima imprudência ou decaída, qualquer incidente menos correto que desse azo a censuras e até a simples reparos.

Impossível! Murmuravam entre si os eternos maldizentes, quando muito, será mais jeitosa, mais segredista que as outras. Virtudes... neste fim de século... e no gozo de absoluta liberdade... um milagre, um absurdo! E, de mais a mais, nada devota, propensa sequer à igreja... Nem constava que o marido lhe houvesse merecido lá muito... tivesse sido algum prodígio ou ídolo, credor de altares e sacrifícios póstumos... Depois, quanto tempo não fazia, que essa figura incolor se afundara na eternidade, carregando para o outro mundo a sua nulidade e os seus contínuos bocejos?! Então... não estava tudo bem claro?

Comentavam os menos ferinos, que tudo afinal era possível. Que idade, porém, teria essa viúva tão interessante, de rosto morno, corado, tez lisa sem uma rugazinha, olhos cintilantes, pestanudos, bem talhados e fascinadores em sua constante serenidade, isentos, nos cantos, dos mais sutis vincos, boca purpurina, dentes esplendidos, cabelos negros com um ou outro impertinente fio de prata, cintura fina, nadar garboso e firme, porte altivo – e tudo com encantador perfume de tanta sisudez? Por mais cedo que tivesse casado, contaria 16 anos... pusessem 15, muito bem... mas isso em 1870... estava na lembrança de todos... Tivesse, portanto, ela a santa paciência: passava já dos 40. Pois, deveras, não parecia. Via-se perfeitamente nos eu todo a mulher calma, metida consigo, sem filhos, bem equilibrada... Além do bom dote que levava, fora herdeira universal do marido. Com o quê o tio Ramos, o forreta (que miserável, esse Ramos!) dera formidável cavaco, tanto assim que se dispensara de ir ao enterro do pobre sobrinho... Sim, senhor, uma viúva de truz, um modelo, fruta rara na espécie entre tantas coitadinhas, estonteadas, sujeitas, aliás, a mil seduções e perigos numa sociedade maldosa, sem piedade nem entranhas, ávida de escândalos para os quais concorre o que depois profliga com fingida indignação.

E nesse gosto falavam horas e horas.

Era, com efeito, Lucinda Soares, pouco mais ou menos, aquilo que dela diziam os bisbilhoteiros inclinados a certa condescendência.

Desposara, muito jovem, um tal Ramos Soares, rapaz rico, fundamentalmente insignificante, nem peixe nem carne, sem vícios, mas igualmente sem valia, sem animação e estímulos, incapaz até de qualquer esforço para sair do estreito círculo de idéias e de hábitos em que desde menino girara como um caxinguelê na sua gaiola rotatória. Amigo de vestir bem, com apuro britânico – mandava vir tudo da alfaiataria Cool and Brother, de Londres – não sabia ao certo se a existência era coisa alegre e divertida ou triste e enfadonha, risonho favor da sorte ou carrancudo gravame. Gostava razoavelmente da Europa, isto é, da Praça da Concórdia, dos campos Elíseos e *boulevards* de Paris; mas, também, sentia pronunciado fraco pela rua do Ouvidor, afeiçoado aos pontos de parada habituais que adotara, o *Farani*, o *Bernardo* das

perfumarias e bibelôs, hoje *Casa postal*, salvo erro, - o *Arthur Napoleão*, onde costumava puxar uma cadeira e ficar uma ou duas horas sentado, a ver distraidamente passar gente e a fumar um legítimo Havana.

Apreciava, sobretudo, uma coisa: viagens de alto mar, transatlânticas, mas a bordo de paquetes ingleses, a "Royal Mail", só ingleses. Os únicos que lhe inspiravam confiança pela severidade de costumes e disciplina. Aliás, mal arranhava a língua dos intrépidos e rigoristas marujos, filial da velha Albion.

- Eu deveria ter sido oficial de Marinha, costumava dizer à mulher num tom dolente e de vago cismar. Nunca enjoiei, nunca; ouviste, Lucinda? Pelo contrário, sempre bem disposto... nos dias de maior temporal, pois... apanhei-os muito sérios; por exemplo... na baía de Biscaia...

E lá vinham umas histórias que o faziam bocejar a ele próprio que as contava. Também, como a mulher jamais contestasse a possibilidade de tal vocação, do mesmo modo que qualquer outra afirmativa, a pouco e pouco se lhe metera na cabeça que errara a carreira... um desastre!... tudo, porém, sem desgostos retrospectivos, numa descorada meia tinta de mal definida displicência.

No mais sistemático como raros, nos atos da vida, por menores que fossem. Ele mesmo, todas as manhãs, engraxava, melhor do que faria qualquer especialista italiano, as suas botinas; escovava a roupa; limpava-a com miudado zelo, revistava-lhe os botões, a consolidar os que encontrasse meio vacilantes na obrigatória fixidez; trazia o fato todo e acessórios arrolados, catalogados, cada objeto em seu lugar constante, de maneira que sempre lhe ficasse à mão, num automático estender de braço.

Para tanto tinha tempo de sobra - toda a fortuna em apólices da dívida pública e bons prédios nas ruas de maior comércio, alugados por empenho e por semestres adiantados, além de luvas e outras vantagens, décimas e mais impostos pagos.

Metodizara todas as horas do dia sobre as quais de contínuo pairava aquela tênue tristura e preocupação de não haver seguido a profissão do mar - isso ninguém sabia por quê.

Casara-se, ou melhor, deixara que a mãe, quando assim julgou oportuno, o casasse. Nem tivera nunca o menor motivo de arrependimento, pois, Lucinda, filha de boa família e muito ajuizada desde criança, foi, como se costuma dizer, luva para a sua mão. Feiazinha, ao ser levada ao altar, tomara progressivamente carnes, arredondando as formas e caminhando para uma dessas expansões completas e eurrítmicas que, pela solidez e harmonia de todas as partes constitutivas do organismo, tiram proveito do decorrer dos anos e transmudam uma magricela em mulher perfeita e formosa.

Viveram os dois como bons e leais companheiros, na placidez de absoluto acordo de vistas, preferindo aos ostentosos bailes e brilhantes reuniões, onde ambos se aborreciam, o bom lírico nas noites de inverno e, no verão, os passeios por distantes arrabaldes, estada em confortáveis hotéis na Tijuca, em Palmeiras, Petrópolis ou Nova Friburgo, distrações pacatas, de razoável entretenimento.

Morrera-lhes a mãe e sogra, e aos dois lhes haviam servido de bem valioso lenitivo a solicitude e dedicação dos parentes e amigos. Aliás, fora o enterro pomposo, com luzido séqüito de carros - cinqüenta e seis, eles mesmos os tinham contado por detrás dos postigos das janelas cerradas, cinqüenta e sete, pretendia ela. E, meses depois, ainda nisso falavam, agitando aquela dúvida, enternecidos e com desvanecimento.

Após uma dessas palestras, mescladas de melancolia e vaidade, dissera, um dia, Ramos Soares à mulher:

- E - sabes que mais? - preciso fazer o meu testamento.
- Deixa-te disso, protestou Lucinda meio assustada.

- Não, preciso; é questão de ordem e precaução na vida, já que não temos filhos.

E andou bem, porquanto, semanas depois, foi salteado de violenta febre, que zombou de todos os esforços e o levou inconsciente desta para melhor.

Quando muito, ouviram-no balbuciar em momentos de delírio:

- Que pena!... tão bom... oficial... de Marinha!

Legava à mulher todos os seus bens, uns duzentos e oitenta contos de réis, boa e sólida maquia, naquela época de câmbio a 24, pelo menos. E ela, da sua parte, tinha de seu cento e vinte e cinco contos bem aplicados.

II

Foi o bom do Ramos Soares chorado, a princípio, convulsa e impetuosamente, depois com mais calma, ainda que sempre absoluta sinceridade.

O que, mais que tudo, agoniava Lucinda era ter ficado sozinha no mundo, sem o camarada de viagem pela existência, naqueles anos decorridos tão depressa.

- Que há de ser de mim? Perguntava ela, de instante a instante, a si mesma, tomada de susto. Como cuidar dos meus dinheiros e negócios? O Roberto bem me explicou tudo; mas eu tenho a cabeça tonta, perdida!... Que me reserva a sorte? Que mudança, que reviravolta de todos os meus hábitos, tão doces e queridos!

Isto é o que mais a pungia.

Coube-lhe, porém, naqueles penosos primeiros tempos de iniciação em vida nova, a felicidade de encontrar preciosíssimo auxiliar na pessoa do velho Policarpo Dias, um desses procuradores que não procuram para si, procurador único, talvez por ser de longa data amigo da família do defunto.

Foi-lhe a viúva seguindo os conscienciosos conselhos e depressa tomou pé na gerência, aliás, nada complicada dos seus haveres, porque, para frutificarem, bastava que neles ninguém mexesse.

E, à medida que Lucinda foi adquirindo conhecimento exato da sua fortuna, mais gosto achava em dirigi-la, advindo daí o grato sentimento da sua completa independência.

No fim do segundo semestre do falecimento de Ramos Soares, fora ela própria no seu bom *landau*, à Caixa de Amortização e aos bancos e companhias para receber juros e dividendos, cuidando, ainda mais, da cobrança de aluguéis das casas e terrenos que tinha lá para os lados do Engenho Velho e Andaraí Pequeno. Entendia-se, por fim, diretamente com os inquilinos até de esfera inferior, e tanto sabia com eles lidar, que o Policarpo se sentia todo orgulhoso de tal discípula.

- Uma senhora de mão cheia, proclamava o velho entusiasmado. Boa, generosa, eqüitativa; mas também, se a querem embaçar, zanga-se, bate o pé, puxa pelo seu direito. É de força, a D. Lucinda!

Quando o honrado procurador – pérola rara nos mares dos interesses forenses – por seu turno veio a morrer, estava ela já traquejada em todas as passadas que, no começo, tanto lhe haviam conturbado o espírito.

Sem consultar ninguém, mas não sem longamente meditar no caso e em todas as conseqüências, abalançou-se até uma operação financeira de vulto, cujo resultado a tornou sobremaneira ufana. Aceitou a conversão Ruy Barbosa das suas apólices todas ao tipo 45 em ouro, recebeu os proventos a ele inerentes, nos áureos tempos da república e – o que mais ajuizado e rendoso fora – quando, pela descida do câmbio, viu a enorme alta daqueles títulos, vendeu-os sem hesitação e, com os lucros, os fez voltar ao primitivo empréstimo de 5% ao ano.

Neste entrementes, organizara o seu modo de viver com muita ponderação e acerto. Comprou, na rua dos Voluntários da Pátria, espaçosa e elegante vivenda cercada de vasto terreno, e nela se estabeleceu com o maior conforto, quase luxo, e um pessoal doméstico restrito, mas com toda a confiança – casal de espanhóis que a serviam há anos, o marido jardineiro, a mulher cozinheira e muito entendida no seu ofício, e mais um copeiro, branco também, já avelhentado e pesado, sério, porém, fiel, inteligente e sempre cerimonioso na compostura e no traje. Criada de quarto, não achara ainda a seu jeito; e isso a aborrecia bastante – uma das suas preocupações.

Nessa casa morava, sozinha e respeitada, Lucinda Soares, que tinha os seus dias ocupadíssimos, já no arranjo e direção internos, já no trato das suas mimosas e caras plantinhas, *begônias*, *caládios*, *sambaias*, e muitas variedades de lindíssimas *orquídeas*, com as quais formava grupos a todo o instante modificados. Os mássicos de *ardísias*, *azaléias*, *fúcsias* e *jurujubas* do seu jardim chamavam as vistas de quantos transitavam por diante das grades e que admiravam também a beleza e o aveludado da relva, campo dos constantes desvelos do Sr. Benito Cardenas.

Gostava Lucinda de passar bem, com certo requinte de mesa. Não raro, dava delicados jantares a parentes um tanto chegados, quase todos do lado do marido, e recebia muitas visitas de senhoras amigas, que retribuía à risca, mas sem precipitação. Uma vez, até, abrira as suas salas para concorrida e animada *soirée* que, se provocou falatórios, foi no teor dos mexericos esboçados em começo desta verídica história.

Na quadra lírica, como era fanática por música, - e roçava regularmente piano, sem ligeireza na técnica, mas com muita expressão – alugava o seu bom camarote na ordem nobre e consigo levava umas primas do Soares, que acudiam sôfregas ao convite – uma delas, a Hercília, bem bonita, notável beleza até, filha daquele Ramos forreta que se mostrara tão despeitado na ocasião da morte do sobrinho, por causa o testamento.

E, Lucinda achava especial agrado em fazer valer os encantos daquela meiga e dócil menina, um tanto acanhada de modos e de espírito.

Impossível mais equilíbrio em todos os fatos da vida moral e material. Tinha alma bem serena em corpo admiravelmente são.

Livre da ação intelectual do marido – verdadeiro *éteignoir* na frase francesa – embora a ele ainda presa por mil invisíveis fios, pois, conforme a sentença positivista, *os mortos guiam os vivos*, lia, todas as manhãs, com especial cuidado, vários jornais do dia, acompanhando, já o movimento político da situação, já as oscilações do câmbio.

Nem dava de mão ao romance estrangeiro do momento ou ao livro brasileiro que conseguia nomeada; tudo, porém, sem fogosidade nem arrebatamento. As obras de umho naturalista demasiado flagrante causavam-lhe tédio, nojo; atirava-as, logo às primeiras páginas, para um canto, repelindo-as da sua estante de autores prediletos; aborrecia também, quase a par, as de feição piegas e açucarada, achando-as perigosas para as índoles fracas e irresolutas.

Era, por natureza, casta, avessa de todo a complicações sentimentais e misteriosos arrastamentos. Desagradava-lhe tudo quanto se afastava da simplicidade e franqueza chã e sem refulhos. Jamais pensava baixinho o que não pudesse dizer bem alto.

Para assim dizer, nunca observara o seu corpo; não lhe conhecia as intimidades, nem poderia asseverar ao certo se tal ou tal sinal, esta ou aquela pintazinha negra, aveludada, lhe marchetava a nuca, o ombro direito ou esquerdo.

Entrava no largo e amornado banho diário, derramando previamente nele um preparado perfumoso que opalizava a água, quebrando-lhe a transparência.

Do seu todo, só contemplava, e de contínuo, a cabeça, o rosto. Achava-se bem parecida, bonita, e disso tirava prazer honesto, puro, tão somente para si, por sentimento estético, sem nenhuma faceirice. Experimentaria fundo desgosto se se

visse ao espelho feia, subordinada à ação do tempo, com a consciência de não poder mais agradar aos próprios olhos, numa decadência sensível, irrecusável.

Tratava muito dos cabelos, que sabia ajeitar com perfeição a todas as prescrições da volúvel moda, e particularmente lhe assentava o penteado à Cleo de Merode, com os lobulozinhos das orelhas apenas fora, pelo realce que dava ao rosto oblongo e de tipo angelical. Cuidava também com especial carinho das unhas, que trazia sempre aparadinhas por causa do piano, mas brunidas, lustrosas, cor de rosa – um mimo!

Dos tempos de casada, como que não lhe restavam vagas reminiscências, envolvido o passado numa névoa em que bailava um ou outro raio de luz, esta ou aquela impressão mais viva, certa noite do lírico, alguma paisagem notável, a estada no animado Petrópolis ou nas solidões da Bocaina e dos Campos do Jordão.

Afigurava-se-lhe, por vezes, que a sua existência fora sempre a mesma, como a do presente, e certas recordações, que depressa afastava, faziam-na enrubescer às ocultas, a lhe rememorem coisas, senão pecaminosas e desagradáveis, pelo menos não muito de acordo com o que lhe ia no íntimo.

Se gostava de lembrar-se do marido, era somente na sua feição de bom camarada de viagens e passeios, no seu caráter de apoio social, na sua convivência polida e respeitosa, embora sempre convencional e monótona.

III

Na cuidadosa e pausada formação do seu *modus vivendi*, uma das maiores dificuldades, ou antes, um dos maiores e mais repetidos aborrecimentos de Lucinda Soares, foi o sítio à sua pessoa e a necessidade de defender-se com valentia de um sem número de apaixonados candidatos, não poucos dos quais, mais ousados, sem rebuço lhe pleiteavam a posse *pour le mauvais motif* – uns, presos, desde muito, nos férreos laços matrimoniais, outros desquitados e, portanto, à meia corrente ou então declaradamente noivos e quase em vésperas de trocar os anéis da recíproca submissão.

A todos soubera ela afastar ou de pronto repelir com a máxima calma e dignidade, tornando-se, por fim, perita na arte de *dar a tábua*, brasileirismo bem nosso, talvez curiosa corruptela da locução portuguesa *mandar à tabúa*. Tinha uma maneira de olhar tão franca, tão plácida e frente a frente, que desnorteava os mais teimosos e amestrados em lidar com mulheres. Quando preciso, lá vinha também uma frase, uma observaçãozinha adequada e de sentido nada dúbio, que punha fora do selim os mais destros cavaleiros; tudo, porém, sem alarde, altivez, nem ares de pundonor ofendido.

Não queria casar – era a resposta certa, infalível – pretendia não se casar mais. Tão feliz havia sido com o marido, que receava ter de se arrepender de algum novo enlace. Só pedia que a deixassem sossegada, não se intromettessem na vida modesta e retraída que adotara, mas que condizia perfeitamente com o seu gênio.

Algumas vezes, franzia o sobrolho, tão desanuviado quase sempre na sua bela curvatura – aliás, por pouco tempo, minutos quando muito – e indignava-se ao ter de rechaçar tentativas mais acentuadas, se não insultuosas; outras, porém – e era o caso mais comum – ria-se a achava certo sainete nas conferências declaratórias e para logo resolutivas.

Realmente dessas cenas de assalto várias foram bem cômicas.

Assim, por exemplo, o apoio dado a uma candidatura aceitável, e até lisonjeira, por um parente paulista, fazendeiro no Bananal, já entrado em anos e primo afastado de Lucinda, mas a quem, desde criança, chamava tio, o Sr. Rafael Mascarenhas.

Apareceu-lhe este, num belo dia, com a sua costumada sem-cerimônia e aspecto de tabaréu finório, chapéu do Chile à cabeça e bengalão em punho, acolhido, aliás, com expansiva cordialidade.

- O *tio* por cá? Exclamou ela, que boa lembrança vir logo me ver.

- É fato, prima, e sem mais *aquela*, venho pedir-lhe de jantar.

- Otimamente... Diga-me, porém, porque não respondeu à minha última carta... de há seis meses?...

- Ora, você é uma letrada, e eu não passo de um roceiro, um ignorantão...

- Deixe-se de histórias!...

Antes e depois do jantar, e este foi, como de costume, suculento, fino, não fez Mascarenhas senão admirar a viúva e enchê-la de gabos, não poucos de um requinte superior aos seus hábitos. O Merdoc e o Pomarod, à mesa, lhe haviam merecido estalos de língua expressivos, mas bastante deslocados naquela elegante vivenda.

- Daqui a pouco, avisou ele, dir-lhe-ei o que me trouxe cá... negócio de muita *circunstância*.

Afinal, saiu-se com a novidade.

Um vizinho, o coronel Junqueira Prates, *arrebentara-lhe* no terreiro, certa manhã, bom vizinho, amigo de mais de quarenta anos. Vinha, muito aflito, incumbi-lo de tarefa difícil e maçante. O filho, no Rio de Janeiro, *embeçara-se* por uma pessoa... um *rabicho* valente, que o pusera bambo de vez, doente...

- Eis aí, concluiu ele; por isso venho pedir essa pessoa em casamento...

- Mas quem é ela?

- Quem há de ser senão você, prima? O pobrezinho está *chumbado* deveras, mete pena.

Ao ouvir aquele nome de Prates, sorri-se Lucinda, pois, com efeito, o filho do tal fazendeiro andava, desde muito, lhe fazendo corte rasgada, por sinal bem incômoda pelos arcaicos processos usados para demonstrar o incêndio em que ardia – olhares lânguidos, intermináveis, de carneiro morto, nos teatros, reuniões, por toda a parte, contínuas idas e vindas pela rua dos Voluntários da Pátria, montado em garboso, mas bem manso ginetezinho, e tudo o mais que constituía a velha pragmática do sentimentalismo piegas.

- Você, observou o diplomata da roça, tem, é certo, bem bons patacos; mas o rapaz, do seu lado, é filho de gente rica; está já estabelecido no Rio e vai otimamente.

Moço de salão – devia ser, pelo menos, ele não entendia do riscado – não lhe faltavam partidos de mão cheia... Com lealdade dissera ao pai, reparasse bem que a prima era mais velha que o filho um bom par de anos... Sim, era preciso pôr tudo em pratos limpos para que depois não dissessem: "Ah! O Rafael nos enganou" e mais isto e mais aquilo... Qual! A coisa estava já por tal modo entroviscada, que nem pai nem filho tinham querido ouvir a menor objeção... se chegaram a botá-lo fora de casa... dos seus cômodos... seus chinelos velhos!... Visse Lucinda que não era graça... Desse o sim... Fizesse-lhe esse grande favor. Queria obsequiar o compadre Junqueira e acabar depressa com aquela trapalhada toda... Cruzes! As mulheres punham a gente tonta! Uma desgraça!

Desfiou Lucinda o rosário das habituais razões – não queria casar-se, pretendia até não se casar mais etecêtera, etecêtera.

E, à medida que ela se desculpava, o fazendeiro a fitava curioso, absorto. Em certo ponto, exclamou:

- E não é que o tal pelintra tem muito bom gosto?!... Você é uma mulherona... Sim, senhora! E eu que nunca reparei nisso...

Depois de algum tempo de silêncio, perguntou:

- Então mesmo, o meu candidato não lhe quadra?... Que hei de fazer? Enfim, não posso, simples matuto, querer entender mais do que lhe serve, que você...

E nesse gosto discorreu largamente. Pareceu, ao ouvir bater 8 horas, querer levantar-se; chegou a levantar-se, mas tornou a sentar-se.

Via-se que vacilava em dizer qualquer coisa de mais difícil enunciação.

Afinal, com alguma timidez, que não lhe assentava nada, continuou, meio a gaguejar: Dissesse-lhe com franqueza: se ele lhe prepusesse outro pretendente?... Esse de peso... Homem considerado... Possuidor de sólida fortuna, já e já?... Ora, com a breca, Não era de caixas encouradas nem fingimentos... Viera-lhe à idéia isso, assim de repente, sem esperar: Por que não havia ela de aceitá-lo por marido? Viúva havia mais de vinte anos, sem filhos, era senhor de uma fazenda modelo... Mais de mil contos de réis, em metal sonante... Já fizera os seus 58 anos, lá isto confessava, mas... Sentia-se... Forte, bem disposto... Capaz de constituir família. Havia ela (é duvidoso se não lhe escapou *haverá*) de ser uma fazendeira chibante!... Enfim, falara com o coração na mão... Uma palavrinha e, logo, zás, traz, que darás, nó cego...

- Então, chasqueou Lucinda com um sorrisozinho zombeteiro, o *tio* põe assim de lado o seu protegido e a amizade de mais de 40 anos do vizinho Junqueira?

Mil milhões de diabos levassem para os infernos todos os Junqueiras do bananal! Agora, tratava-se dele! Estava cuidando dos seus interesses e via zelar o seu futuro, ver o que mais lhe convinha... a ambos. Aquele rapaz não podia ser nenhum fura-paredes, pois o pai não passava de um pobre coitado... muito tapado... bom homem, não havia dúvida, mas uma porta... Demais, quando poderia o tal biltrezinho dispor de toda aquela fortuna? O compadre era legítimo jequitibá; a comadre vivia vida de roça, onde quase não se morre... Nada, nada! Dizia a Lucinda com toda a sinceridade... esse casamento não lhe podia convir... contasse até com a sua oposição... Que o *cujo* estivesse apaixonado como um louco, não duvidava... Quem podia vê-la sem ficar...*abombado*, assim como ele? Repetia-lhe, nunca a imaginara tão bonita... Nem sabia com que olhos até então a enxergara... Verdade, que estivera alguns anos doentes, fracalhões... mas agora, *iche*, valia mais que uma peroba... afirmava-o à prima da sua alma!

E foi-se inflamando por tal modo, que assustou um tanto a Lucinda, apesar de toda a sua calma. Parecia que a tal peroba pegava fogo de alto a baixo, como imenso brandão.

Eram 10 horas, e ainda dissertava o *tio* fazendeiro a assentar a sua inopinada candidatura.

Já fatigada, tangeu Lucinda, em certo trecho, uma campainhazinha, que fez logo surgir, gravibundo como um diplomata às direitas, esse, na sua irrepreensível casaca e imaculada gravata branca, o pesadão do Jacinto.

- Acompanhe meu *tio* ao portão, disse ao criado, por causa dos cachorros.

E estendendo a destra ao fazendeiro, que, atônito, se pusera de pé num pulo:

- Então, boa viagem. E apareça por cá, sempre que vier ao Rio.

Ao sair, quis o desastrado intermediário insinuar, não poderia dizer porquê, na mão do solene fâmulu uma nota de 20\$000.

- Nesta casa, repeliu Jacinto com suma dignidade, não se recebem gorjetas.

No bonde, Rafael Mascarenhas foi reflexionando:

- Salta que gente essa, toda metida em tamancos altos!

E, como o ar picante da noite houvesse dissipado as fumaçazinhas do Saint Julien Médoc e do Pomard e, no fundo, o homem tinha bom senso, não pôde deixar de concordar, de si para si, que representara papel muito ridículo, *mas muito* – culpa toda do bestalhão do compadre Junqueira e do patetíssimo filho.

IV

Outra tentativa matrimonial, breve e expedita também, ainda mais graça e originalidade teve; desses fatos da vida real que, contados, levantam logo suspeição por inverosimilhantes. Não nos disse, porém, já o poeta "*Le vrai peut quelquefois n'être pas vraisemblable?*".

Em cálida tarde, antes da hora do jantar, estava Lucinda passeando pela frente do jardim, quando viu parar diante do portão um bonde da Gávea e dele pular alguém que lhe era absolutamente desconhecido, todo de preto, mal encobertos por leve sobretudo os trajos rigorosistas das grandes ocasiões.

Com o apreender de olhos rápido e próprio das mulheres, relanceou ela um rapaz alto, reforçado, de cara larga, faces rúbridas, mãos e pés grandes, muito grandes, metidos em botinas inglesas de couro engraxado e sola grossa, que, a par da falta de luvas, destoavam da casaca e gravata branca dos momentos solenes.

- V. Excia., disse com desembaraço o recém-chegado, aproximando-se respeitoso, de chapéu *claque* na mão – e aí punha à mostra cabelos negros grudados ao casco de tão emplastados de óleo fortemente perfumado – V. Excia., por certo, não tem idéia de quem eu seja; é natural... Nunca me viu mais gordo, como se costuma dizer – e um largo sorriso lhe distendeu ainda mais a carantonha – eis, porém, o meu cartão de visita, Siqueira Arroxelas... pediria uns minutos de atenção... sei não ser importuno...

Aberta a sala e sentados os dois, foi ele, sem demora, respondendo às tácitas perguntas indicadas pela reserva da dona da casa.

Era, Excelentíssima, começou fechando com certo estrépito o *claque* e colocando-o numa cadeira ao lado, um homem franco e muito prático. Poucos dias antes, completara os seus 32 anos... Não pouco tempo fazia que conhecia Lucinda e tomava a liberdade, para encurtar razões, de lhe dizer que, desde muito, lhe dedicava o mais submisso e honesto amor. Perdoasse essa declaração, que não podia ofendê-la... Morara naquela rua, onde tivera um grande e bem sortido armazém de víveres, o que os antigos chamavam secos e molhados. Tratavam-no, na redondeza, o Ruxelinhas. Era português e ia regularmente nos seus negócios. Nem pensara nunca andar tão depressa e ser tão feliz, tanto assim que acabava de abrir no Catete, um estabelecimento modelo – *Empório Comercial* – cujo prospecto tinha a honra de lhe oferecer.

E passou a Lucinda um grande cartão em papel *glacé*.

Francamente dizia, estava no caminho da fortuna e podia – sem ser um desmiolado... ou visionário – pensar numa comenda e até mesmo num baronato por Portugal, pelos muitos serviços que já prestara à Sociedade Beneficente Filhos da Lusitânia, de que era presidente. Nascera na aldeia de Montargão do Avel e não tinha vergonha de seus pais e parentes... gente limpa e trabalhadeira... dispunham até, para a terra, de alguma coisa de seu; mas, como sempre fora muito arrojado nos seus planos, viera sem receio para o Brasil a tentar fortuna. No princípio, quando aqui aportara, fora um inferno, tivera logo a bicha... a febre amarela e das piores, quase batera a bota, escapara arranhando, para depois comer o pão que o diabo amassou. Com o tempo, porém, havia serenado a barafunda, e Deus e a Virgem Santíssima o iam ajudando, como bem provava o pé em que se achava o *Empório Comercial*... Ora, *muito que bem*. Desde que Lucinda se mudara para a rua dos Voluntários, sentia-se ele não sabia como... todo abalado e macambúzio... Entretanto, muito vexado de levantar os olhos para pessoa de tanta circunspeção e que lhe metia até medo... Ainda hoje sabia que era tolice, grossa asneira, o passo que dava; mas, que fazer? Quantas vezes, não dissera com os seus botões: "Ora, Manuel, tu és um bobalhão... Pois a Sra. D. Lucinda é lá para os teus beijos?".

E o ar com que o Siqueira Arroxelas desenrolava tudo aquilo era tão sincero e lealmente bom que Lucinda o ia ouvindo curiosa e complacente.

Qual! Continuou ele, por mais que procurasse distrair-se, o coração a bater-lhe lá dentro umas marteladas, a ferra-lhe pontadas de o deixar sem fôlego. Ora, isso perturbava muito os seus negócios e estudos... Porque, à noite, acabada a escrituração da casa, costumava estudar bastante com bons explicadores. Já sabia o seu francês menos mal, e estava-se enfronhando no inglês. Não achava a Excelentíssima que fazia bem?

- Perfeitamente, Sr. Arroxelas. Vejo que é pessoa ajuizada.

Ah! Lá isso era, modéstia à parte; mas sempre a lembrança da Sra. Lucinda a girar-lhe na cachola... Assim não vamos bem, dissera lá... consigo... Era preciso dar um jeito à coisa e de vez... ou sim ou não. Demais, quem não arrisca não petisca; e eis a razão por que ali se achava naquela sala... Despachado como poucos! Poderia ter trazido bons empenhos... padrinhos de posição; por exemplo, o conselheiro Malaquias, que o honrava com a sua amizade; mas entendera que, nessas questões, bem se aplica o dito: quem tem boca vai a Roma... Ora, francamente, que adiantava ter ao lado, nesse momento, o seu amigo conselheiro Malaquias?

- Boa dúvida, concordou a viúva, não tinha importância alguma... O senhor aí andou assisadamente.

Muito o penhorava esse juízo. Vinha, portanto, expor, como pudesse, a sua história. Precisava casar-se... e, com franqueza, desejava achar quem tivesse também alguma chelpa de seu. Entendia bem de tudo quanto fosse negócio... Por exemplo, aquelas terras de Vila Isabel, era para D. Lucinda já ter mandado construir uma *cortiçada* valente, coisa de dar muito dinheiro, casinhas para a pobreza... Com um procurador ladino, que apertasse em regra os inquilinos e não se deixasse levar por choradeiras e cantarolas, não havia melhor emprego de dinheiro... ficasse certa. Depois, aquele capinzal do Andaraí Grande estava arrendado por uma ninharia... uma miséria! O seu compadre Travassos por ele oferecia, de olhos fechados, o dobro, se não mais.

- Exatamente, observou Lucinda, discípula aproveitada do velho Policarpo, termina este mês o contrato, e não estou nada satisfeita com o alugador.

Pois então! Exclamara Arroxelas com um sorriso triunfante que lhe alargou a cara meio palmo mais, hein? Amanhã mesmo havia de mandar lá o Travassos... homem de toda a confiança... E, consentisse uma confissão franca: havia sido aquele capinzal que o empurrara de uma vez a vir dar o seu recado... Possuía um terrenozinho ao lado... e a possibilidade de arredonda-lo de repente... A ambição do homem... a idéia de que uma senhora, nas suas condições, precisava sempre de quem lhe zelasse a fortuna... Não levasse a mal, ouvia? Em todo o caso, o compadre Travassos estaria amanhã... rente...

- Não se incomode, Sr. Arroxelas.

Incômodo, santo Deus?! Por ela iria ao fim do mundo... Pelo menos queria ser... como dizer?... Faltavam-lhe palavras... amigo... humilde... pequenino criado... muito pago do modo por que estava sendo tratado... a desembuchar tanta baboseira... Saberá mostrar-se grato... Mas, com mil perdões, que dizia da sua ousada pretensão?... Queria ouvir um "não" redondo, para tirar do bestunto aquelas minhocas... sem lhe ficar querendo o menor mal... pelo contrário, muito reconhecido e honrado sempre... Conhecia o que era e o que valia... Mesmo comendador ou barão, nunca havia de ter bazófias tolas, fumaças e pataratas.

- Muito bem...

Viera, sabia-o *belamente* (e o Sr. Arroxelas dizia ainda *veladamente*), comprar um desengano, mas viera para que não pudesse mais dizer com os seus botões: "Ó Manuel, foste um pedaço de asno com os teus acanhamentos. Faze, pelo menos, como os outros!". E, como os outros, apresentara-se para ser taboquado... Ouvira falar do

tal filho de fazendeiro... Ah! Que gostinho lhe dera a Excelentíssima, quando o mandara plantar batatas!... Um desfrutável!... Levara uma queda do tal cavalicoque... Mas... desculpasse muito, estava se excedendo... Fora sempre assim... quando lhe davam corda, propenso a abusar.

Aí, Lucinda expôs às pressas as razões de costume, que o ingênuo – proprietário do *Empório Comercial* foi aplaudindo com expressivo movimento da oleosa cabeça.

Levantou-se também logo com mostras do maior acatamento, ainda que meio triste e um tanto descorado.

- Darei aviso à minha gente cá de casa, disse-lhe Lucinda a título de consolação, para que se afreguezem no seu estabelecimento... Catete... número?

- 280... Um servo de S. Excia. Quando quisesse qualquer coisa... o mandasse logo chamar. O menor recadozinho... era uma ordem... Quanto antes, o Travassos... podia fiar-se nele... português de lei.

E após cumprimento muito rasgado, lá se foi o Sr. Siqueira Arroxelas, tomando na ante-sala o seu sobretudo leve, apresentado pelo Jacinto.

- E não é dos piores, observou lá consigo a bela viúva.

V

Perto de dois anos já havia, que Lucinda Soares adquirira uma amiga mais do peito e com quem, de encontro ao seu programa, estreitara relações: Helena Glerk, viúva como ela, filha de pai irlandês e mãe brasileira, quase cinquentona, e essa, mostrando bem às claras a idade – aliás, destituída de toda e qualquer pretensão – excelente senhora, gárrula sem malícia, nada tola, mas de contínuo no mundo da lua, alheia a tudo e sempre surpresa de quanto lhe contassem. Muito devota e dada a prodigalizar-se em incessantes obras de beneficência, possuía de seu alguns haveres, obrigada, contudo, pelos incoercíveis hábitos da generosidade, por vezes exagerada, a adstringir-se, em relação a si própria, a regras da mais apertada ordem e até severa economia. Vivia para os pobres e para a igreja.

Afeiçoara-se muito a Lucinda, de quem era vizinha uns cinco ou seis jardins intermédios, e, por isso, sobremaneira se atormentava por achá-la e vê-la, se não rebelde às coisas da religião, pelo menos bastante morna e esquiva nos atos e na prática.

Andava, em contraposição, tão absorvida neles, que não tinha tempo para mais nada. Chegava, depois de apegada à nova amiga, a acusar-se e lançar-lhe a culpa de esquecer-se dos seus mais rigorosos deveres. Donde penitências sobre penitências e duros jejuns de expiação.

Parecia, já dissemos, morar no mundo da lua; também era de ver o contínuo pasmo ao saber do mínimo fato já, de há muito, entrado na circulação geral e de todos conhecido; daí, um chuveiro de exclamações: "Como? Não é possível! Estou assombrada! Nem é para menos! O mundo é muito mau! O maligno anda a solta! Então fulana vai casar? Não diziam que ela queria ser irmã de caridade? Cicrana, também? Pois, essa não saía da Matriz. Aonde vamos parar, Nossa Senhora da Piedade?" e assim por diante.

Se lhe referiam jeitosamente algum escandalozinho – e nisso tinha particular gosto uma pessoa da vizinhança. D. Matilde Pereira – ficava a princípio boquiaberta, estatelada, sem poder tomar respiração, até abrir o dique às interjeições: "Misericórdia! Em que tempo vivemos nós?! Não há dúvida, isto tudo está a acabar!

Quantos Padre-nossos e Ave-Marias não tenho que rezar por tanta desgraça? Eu que já estou em atraso para com vários santos. Felizmente, trago tudo registrado... Deus me perdoe; mas deveras dá à gente vontade de morrer! Tanta perversidade em mundo tão pequeno!”

E, no rosto e no gesto, patenteava verdadeira aflição, quase angústia, que dava à maldosa D. Matilde um sabor de resaibozinho especial.

Impusera-se Helena Glerck difícil tarefa, verdade é que bem gloriosa: quando não *converter* Lucinda Soares, chamá-la, pelo menos, mais atenta e assídua ao grêmio da Igreja. Para tanto não poupava esforços, alguns dos quais, pelo inocente e até comovedor empenho, faziam sorrir docemente a amiga e a enterneciam quase.

Não imaginava, caríssima, dizia ela em certa ocasião de grande alvoroço por umas conferências de reputado pregador na matriz da Glória, nem podia calcular quanto perdera! E ela que lhe reservara um lugar tão bom até ao fim, lutando como uma leoa para lho garantir! O padre Júlio Maria estivera sublime! Isto é, por vezes não entendera bem o que quisera dizer; mas era tão humilde, que não admirava nada. Também, não gostara lá muito dos seus entusiasmos republicanos no púlpito sagrado, que devia ficar sempre superior a paixões políticas. Olhasse bem; só dizia isso na intimidade, um tanto em dúvida se, assim falando, incorria ou não em pecado... Já ouvira, porém, padres de nota e virtudes criticá-lo... talvez fosse uma mania, e devíamos ter toda a indulgência para com os outros, nós carregados de dívidas...

- Não será isto uma espécie de mexerico, D. Helena? Atalhou a brincar Lucinda.

Talvez fosse, concordara a outra; mas já que estava nela, queria desabafar de uma vez... Caberia ao padre Júlio Maria autoridade para à vontade estar crismando os sacramentos, cujas denominações vinham de séculos e séculos atrás? Chamar à penitência sacramento da amizade!... Com que poder? Seria bem ortodoxo? De semelhantes novidades deviam provir perigosas confusões.

E D. Helena mostrava-se gravemente agoniada, asseverando que das dúvidas do seu espírito, tão dócil à voz dos pregadores, lhe resultavam penosas insônias. Também iria sem demora consultar o padre Juvêncio, seu confessor. Que sacerdote! Um tesouro de virtudes! Não tinha senão um defeito, o pobrezinho: era muito surdo, de maneira que os penitentes haviam de gritar a valer para se fazerem ouvir – isto mesmo, não lá muito bem – legítima confissão pública em plena igreja...

- Ótimo para a nossa D. Corina, observou a Matilde Pereira, de visita também então; ainda ontem...

- Chi! Que histórias me contaram, atalhou Helena com verdadeiro terror.

- Felizmente não as ouviu da minha boca, objetou a outra.

- Lá isso não... Mas não acho possível, uma senhora da nossa roda... Canta no coro com voz tão afinada e tanta compunção nos modos... Só se é muito sonsa, mesmo muito!

- Pois ainda ontem, continuou a bisbilhoteira, houve lá por casa dela barulho grosso, pancadaria de moer entre o tal conselheiro do tempo do Império e um estudante, trilos de apitos... desmaios!...

Um aceno de enfado de Lucinda cortou a apimentada historieta.

- Pois eu não acredito, protestou Helena com fogo, jamais hei de acreditar.

- Nem que veja?

- Nem que veja! Confirmou ela, sincera e heróica. Este mundo está cheio de enganos e abusões... Uma coisa é ser, outra parecer... Tudo não passa de leviandade... é mau, muito mau... Mas, enfim, não é logo delito mortal, um crime!

Deviam, porém, tratar de coisa mais séria – e tal entrada em matéria trouxe as despedidas de Matilde Pereira.

Poucos dias antes, fora ela ajudar a bem morrer um infeliz carpinteiro, hidrópico, morador lá da Real Grandeza... ela e mais duas senhoras do retiro do Botafogo... O homem estava recalcitrante... Só pedia que o deixassem sossegado...

mas, a poder de caldos, bons conselhos e orações, fora amansando... Chorara muito quando vira dar 100\$ à desgraçada esposa e... Afinal, morrera muito contrito... Uma renhida vitória, um triunfo, capaz de infundir orgulho a pessoas menos possuídas da sua missão... E como o tempo se escoava depressa em tais misteres!... Como a gente se sentia feliz! Não podia haver recompensa maior. Em todo o caso, a sua amiga havia... por força, por força... de ir à próxima conferência do padre Júlio Maria.

Lucinda aquiesceu e cumpriu o prometido.

- Então que tal? Perguntou-lhe no fim Helena Glerk... Não gostou? E que logarão lhe arranjei, hein?

Parecia isso de importância capital à boa da senhora.

- diga depois que não lhe quero bem... Um lugar único, bem defronte do púlpito... Mas qual a impressão?...

Concordou Lucinda que o homem era argumentador por vezes feliz, mas não comovia, não chamava a si o coração do ouvinte. Haviam-lhe desagradado, sobretudo, certa ênfase na frase e desigualdades na voz... como que repentinos estouros.

Na! Não falasse mal deles, interrompera a outra... Era o que lhe valia, sujeita a tais distrações que, muitas vezes, na igreja, entrava a banzar, sem ouvir, sem ver nada, indiferente a tudo quanto a cercava, num como torpor invencível. Avisara-a o padre Juvêncio de que tal disposição acarretava muitos perigos... Não passavam de artes forjadas pelo demônio para apartar o espírito do crente das coisas sagradas, embarafustar pelo caminho do coração e nele se aninhar escondidinho, à espreita de qualquer bom ensejo.

- Deveras?...

Era o que lhe dizia, e só havia um meio de combater tais desfalecimentos, causa dos maiores riscos... Tomasse nota da receita... Talvez lhe aproveitasse. Convinha rezar rosários uns após outros sem parar... trinta, quarenta, cinquenta Padre-nossos, zaz, zaz, zaz, outras tantas Ave-Marias e Santa-Marias... Não descansar um minuto, pois o demo é das arábias... Custava muito essa luta contínua, sem tréguas... Mas que fazer? O destino do homem! Ou vela ou defende-se... ou há de infalivelmente ser tragado pelo inferno... Não havia meio termo!

Apesar, porém, das desveladas práticas que nunca eram fastidiosas – D. Helena tinha extrema finura e discrição – não progredia lá muito a suspirada conversão. Limitava-se Lucinda a ir, todos os domingos, à missa e concorrer, sempre com largueza, para as obras pias da amiga.

- Faz muito, dizia esta resumindo o seu conceito, e faz muito pouco. Que pena! Uma natureza tão boa, tão superior na sua calma celestial! Havia de ser inestimável auxiliar na batalha contra o vício, a miséria e a descrença que assolam este pobre mundo de Cristo e o entregam às ciladas e aos embustes de Satanás, o anjo decaído e amaldiçoado!

VI

Poderosas eram, sem dúvida, as ligações que prendiam Helena Glerk aos mundos empíreos; uma, porém, a retinha fortemente à terra – o estremecimento maternal, o amor e a admiração sem limites que votava a um sobrinho, Eduardo Glerk, distinto oficial da Marinha, ausente do Brasil desde anos na Europa, em comissões de imediata confiança do governo.

Cada carta que dele recebia, e a correspondência não falhava um só pacote, era um dia de vivo júbilo para a bondosa senhora. Desde que se achegara a Lucinda,

ia logo açodada mostrá-la e desfazia-se, então, em expressões e gabos de indizível ternura e engraçado fervor.

Como escrevia bem o seu Eduardo, não era verdade? Dissesse com franqueza, não o achava já um escritor feito? Visse... visse só a sua rica amiga esta descrição do mar! Possível pintá-lo melhor? Ele, que tanto, tanto já lhe falara do mar... achar ainda novidades daquelas! Deveras, tinha vontade, ímpetos às vezes, de correr aos jornais e intimar-lhes: "Publiquem já isto... Em vez de tanta pachuchada com que enchem as folhas diárias, dêem aos seus leitores esta página de ouro". Por isso, aquele rapaz fazia-a pecar muito, insuflando-lhe tais assomos de orgulho! Deus lhe havia, porém, de perdoar!...

E, num fluxo de palavras, contava que o seu Eduardo, desde criança, fora um prodígio de aplicação nos estudos e sisudez nos modos de proceder. Ela e o marido diziam sempre: "Há de ir longe esse menino". E que bem lhe queriam todos! Devia, muito breve, fazer 28 anos, e ninguém, na Marinha, tanto merecia do governo como ele. Não o deixavam descansar, ao pobre do Eduardo. Assim também era demais!... Os ministros bem sabiam que, sobretudo, em negócios de dinheiro, não achariam quem o excedesse em escrúpulo e severidade. Não era dos tais que ou relaxam, ou então se atiram a comer a dois carrilhos... quantos! E que rapagão, D. Lucinda! Que simpático! Que rosto delicado de feições... Mas de homem, com um bigodezinho fino, alourado, não dos tais bigodões que por aí aparecem, ásperos, estúrdios, a fingir grossos charutos metidos em cada canto da boca... E bem feito... elegante, talvez mais para o alto que para o baixo... Muito polido sempre... De uma paciência de anjo a aturar maçadas e queixas de operários, mulheres de soldados e um enxame de importunos, que o não deixavam repousar... almoçar ou jantar!...

E mais isto e mais aquilo, um dilúvio de elogios.

Até certo ponto, ou melhor, para sermos imparciais, quase de todo justificava Eduardo Glerk os arroubos de D. Helena, seu sobrinho por parte do marido e herdeiro certo, caso não liquidassem os pobres e a devoção, por fim, tudo quanto dela era de esperar-se. Aliás, por ocasião do falecimento do tio, recebera já uma deixa bastante quantiosa. Cursara, na realidade, com brilho a Escola Naval, em que deixara fama de estudante notável e, ainda mais, de excelente colega, com quem se podia contar, embora autoritário e disposto sempre a fazer prevalecer a sua opinião e vontade. Veterano, distinguira-se pela proteção dispensada aos calouros, naquele período de vaias e brutalidades que infelizmente ainda vigoram nas Academias e, por vezes, produzem cenas altamente vexatórias e até criminosas. Um pobre preparatoriano fora jogado ao mar todo vestido e, se Eduardo não lhe acertasse acudir com toda a energia e sangue frio, sem dúvida pereceria afogado. Retirou da água o mísero ludibriado e, para se aquecer do inesperado banho, atirou-se resolutamente aos brutais camaradas, dando-lhes incontinenti lição de mestre e debandando-os a socos e pontapés. Desde essa façanha, gozara de indiscutível prestígio, que fazia redundar em benefício dos assarapantados novatos da escola.

Nele igualmente concorriam condições precisas para se avantajarem na carreira da vida; caráter, altaneria bem entendida, ambição de glória, sentimento do que valia, gosto de servir os outros, amabilidade sem excesso e observação dos homens e das coisas. Era, porém, - disso tinha consciência - propenso ao arrebatamento e a deixar-se levar pelas primeiras impressões; donde, alguma versatilidade. Censuravam-lhe os amigos e admiradores, que os tinha não poucos e sinceros, a facilidade com que, de súbito, abandonava uma idéia proveitosa e em bom pé de frutificar para abraçar outra, que lhe dava muito trabalho antes de chegar ao ponto de maturação da antecedente, suscetível de ser também posta de lado, num belo dia. Assim, com referência a uma combinação de luzes-faróis, certa buzina automática para impedir abalroamentos marítimos em épocas de nevoeiro e modificações capitais nas hélices dos vapores. Isso quando não havia qualquer responsabilidade em matéria do serviço, porquanto, nesse

caso, sae mostrava inexcédível em zelo e perseverança. Nomeado para seguir de perto a construção, em estaleiros franceses, de dois encouraçados nossos, dera conta tão cabal da incumbência, que os contratadores estrangeiros, depois de fiscalizados apertadamente por ele desde o primeiro até o último dia e pelo modo mais minucioso, como verdadeiro Argos, enviaram ao governo brasileiro estrondosa manifestação de apreço. *"Il est impossible de trouver, dizia ela em certo trecho, un officier plus loyal, plus sûr de son affaire et, em même temps, plus sévere que Mr. Lieutenant Édouard Glerk. Il fait le plus grand honneur à la marine de son pays"*.

Também, não lhe faltavam comissões no exterior, o que por certo dispensaria bem, pois o traziam sempre arredado do Brasil e sobremaneira o fatigavam pelo desempenho rigoroso que lhes dava.

Sentia-se, escrevia ele a D. Helena, na ocasião a que estamos chegados, deveras cansado, um extremo saudoso, antes de tudo, da boa titia, mas também da rua dos Voluntários da Pátria, da ofuscante luz e das negras sombra dos trópicos, das palmeiras, particularmente as de Villegaignon e até do calor! Que belo, um calor de 32, 33 e mesmo 35 graus centígrados! Que delícia apreciar então a brisa do mar, tão suave e carinhosa, o terral, uma dessas horas de abrasada temperatura! Que contraste tão grato! Ah! Sim, gostava do calor, mas calor do Rio de Janeiro, já que uma coisa não dispensa outra. Não era por friorento, pois nunca sentia frio, porém sim... por patriotismo.

E lá vinham umas humorísticas divagações, que derretiam de gosto o coração da extremosa parenta.

Esse Eduardo! Murmurava então abanando a cabeça e com inefável sorriso, esse Eduardo é temível!...

E como iam, inquiria ele, as campanhas de caridade? Não pensasse que os bons exemplos de casa houvessem sido estéreis. Nada, também tinha por lá os seus pobres e, tanto quanto podia, aliviava algumas dores bem intensas. Mas, que país abençoado o Brasil! Nunca havia conhecido os indizíveis horrores do inverno. Também, as aflições do nosso povo não poderiam jamais atingir a agudeza, o insuportável das crises sociais da Europa. Ali, eram todas as desgraças e penúrias agravadas por um frio implacável, desses que enregelam os membros, desvairam a mente e afinal matam sem piedade. Bastante mais fáceis, por isso, as tais campanhas de caridade no Brasil. Aí, o empenho maior devia ser o da vigilância; examinar e perscrutar se o auxílio ministrado não iria favorecer e incrementar a malandragem e a vadiagem, a praga dos países quentes.

Aquele rapaz, o Eduardo, observava D. Helena à amiga, enxergava tudo com vista de lince. Quantas vezes não tinha ela, Helena, aplicado mal bem avultadas esmolos? Quando abria os olhos, era tarde! Opor exemplo: ajudara muito, uma italiana já velha que lhe cortava o coração, carregada de oito desgraçados filhinhos. Eis, senão quando, soubera que partira para a Itália, sozinha, levando bons cobres e repartindo a pretendida prole pela vizinhança!... Verdadeira velhacaria... exploração feita por um cortiço inteiro!... Um horror, minha rica amiga! Eu...

- Bem me diz o Anselmo que a senhora é muito enganada, interrompeu Lucinda.

Helena fechou o rosto e declarou com fingida rispidez:

- Não gosto nada do tal Sr. Anselmo... Já lhe tenho dito...

- Do Anselmo, coitado! Tão bom, tão serviçal, mas porquê, Santo Deus?

- Porque, respondeu a outra com resolução, passa a vida a falar mal dos padres...

- Ah! Concordou Lucinda risonha, lá isso é real. Nos dias em que sai do mutismo, não lhes poupa a pele. Aliás, parece que os pais ficaram arruinados por causa de uma demanda com uns vizinhos lazaristas... Não sei bem. Ele tem me contado tudo isso um mundo de vezes; mas, apenas começa a desfiar a tal história, foge-se-me a atenção, que não há como agarrá-la...

- O Sr. Anselmo, acentuou Helena, tem qualidades boas, reconheço; mas, repito, não gosto dele, porque, quanto pode, hostiliza o clero...

- Oh! Minha cara, que hostilidade! Por ele não vem o mal ao mundo. Só pede que não bulam com o seu sistema de vida, as suas manias de solteirão...

Quem é, porém, esse Anselmo, que até agora o leitor absolutamente desconhece?

V

Anselmo Guedes Guerra, amigo de Ramos Soares desde tempos do colégio, e companheiro seu indefectível em todos os trâmites da vida, testemunha até do casamento, figurara, para assim dizer, no legado universal tão a propósito deixado à bela Lucinda pelo finado marido. Havia sido, anos e anos, amigo da casa e seu freqüentador diário e para tanto contribuía predados especiais em quem disso fizera inalterável norma de existência.

Solteirão, tristonho se não de todo merencório, magro, esguio, de aspecto, porém. Não desajeitado e displicente, tinha para mais de 50 anos, dando-lhe alguns com manifesta generosidade mais de 60; o que, entretanto, era de todo o ponto impossível tirar a limpo, com os hábitos de rigorosa reserva, e até sigilo de quem os possuía, uma dezena mais, uma dezena menos.

Constituíra-se uma das suas características, o mistério. Nada, nada se sabia, ao certo, do que lhe era atinente, caso não fosse a uniformidade do seu viver uma das razões para que tanto se fechasse ela aos olhos da curiosidade e bisbilhotice.

Empregado da secretaria dos estrangeiros, tornara-se, desde amanuense, um modelo de pontualidade, por todos citado. Entrava para a repartição ao bater preciso das 9 horas da manhã e de lá não arredava pé senão às 3 da tarde exatas; isso por lustros inteiros, sem a menor discrepância, sem uma falha, uma doença, uma simples dor de cabeça. Ninguém o vencia na assiduidade do trabalho oficial, mas só dentro do que restritamente lhe competia fazer, sem calor nem desejo de distinguir-se ou galgar promoções, tudo com muita pausa, pronunciada frieza até. Chegara a chefe de seção a poder da antiguidade, não se queixando jamais das muitas preterições de que fora vítima, na aparência, impassível. Quando algum companheiro, pugnando por direitos conculcados, buscava chamá-lo a si, sacudi-lo, apelando para a necessidade de, pelo menos, protestar contra flagrantes injustiças, costumava responder: "Para quê? O mundo é assim mesmo. O senhor não sabe o provérbio: Quem não tem padrinho morre pagão?".

E, imperturbável, continuava no ingrato labor de prestar serviços à Nação, por alguns contos de réis mensalmente.

Pouco inclinado a familiaridades, nada comunicativo, dias havia em que não dava uma só palavra aos colegas de trabalho, que, apesar dos seus modos esquivos, lhe queriam bem e, sem maldade ou intenção de ofendê-lo, tradicionalmente lhe chamavam o *Guégué*, pela aproximação e assonância do Guedes ao Guerra. E tal combinação, quase alcunha, causavam-lhe estranhado desgosto, sobretudo depois que Lucinda Soares lhe perguntara, um dia, sorrindo:

- Então, como é isso, Sr. Guerra? Ouvi dizer que os seus companheiros não o tratam senão por *Guégué*?

Sem dar disso o mais leve sinal, ficara sendo aquele *Guégué* o espinho da sua carreira burocrática, o campo de mil amargas e miúdas cogitações. Achava-o cômico, grotesco, ele que, de si para si, já não gostava nada do seu nome. Também, que idéia,

a de seus pais e padrinhos, batizarem-no de Anselmo! Anselmo... que estúrdio! Lembrava logo alguém... não sabia como... maçante... apoucado... Não lhe passava esse Anselmo, que tinha de carregar eternamente... como um rótulo fatídico. E então Guerra?... ele tão pacato, tão inimigo de guerras, violências e pancadarias! E logo agarradinho ao Guedes! Havia, por força de produzir-se alguma conseqüência desagradável...

E o pobre homem afligia-se muito, lá consigo, quereloso de tudo e de todos, sem saber porquê. Chegara a pensar na conveniência de riscar, suprimir para sempre, por declaração pública nos jornais, um dos dois *gués* ou Guedes ou Guerra; mas, afinal, fizera um esforço sobre si e votara ao desprezo aquela contração fonológica que tanto o magoava. "Chamam-me *Guégué*", dizia ele a sós e em momentos de maior azedume, na noite particularmente da pergunta de Lucinda, uma noite em claro! Pois bem, eu lhes chamo cabulas, relaxados, canalhas!".

Não alteara, porém, por isso, e já dissemos, uma linha da máxima cortesia para com os outros, serviçal sempre pronto para emprestar a sua régua de fio de cobre, o lápis, a raspadeira, tão ativa nas repartições do Estado, o berço de papel-chupão e até a própria pena, de que era, contudo, em extremo cioso, trazendo-a, mal descansava, zelosamente limpa no boneco de lã, quase sempre um capuchinho, e metida numa caneta de fabricação inglesa.

O que queria dos superiores, iguais e inferiores em categoria, o que deles exigia, se o termo quadra aqui, era que o tratassem bem, com a delicadeza e seriedade correlatas aos seus modos de aprumada correção.

Nunca perdoara ao Cotegipe a zombeteira aspereza com que, numa ocasião, estranhara a forma de certo ofício, "Quem redigiu isto?" perguntou-lhe o ministro, talvez em hora de irritação. "Fui eu, Excelentíssimo", declarou Guerra com algum desvanecimento. "Pois, meu amigo, pode limpar as mãos à parede; está uma *mixórdia*". E, com meia dúzia de rabiscos, inutilizou o Aviso.

Que dia para o triste do Anselmo! Ele, que exatamente caprichara no estilo da malsinada peça, arredondando-lhe os períodos, avolumando a sonoridade das frases! E tanto dela se embelezara, que não quisera dá-la a copiar a qualquer amanuense e lhe consagrara a sua mais bela caligrafia! Tudo para levar pelo rosto com o tal *pode limpar as mãos à parede*, tão chulo e impróprio de um estadista, e mais o soez *mixórdia*!

Quanto remoque naquele *meu amigo*, legítimo raio fulminatório de sarcástico Júpiter a pulverizar modestíssimo empregado público!

Ah! Fazia justiça ao descomunal talento do Cotegipe, não lhe podia recusar a homenagem da sua desvaliosa admiração; mas não lhe relevava jamais aquela cenazinha, de que saíra tão malferido.

O seu homem, o seu ministro-tipo, único, incriticável, teria sido o Rodrigo Silva. Que político sagaz, que maneiras tão fidalgas, que superioridade olímpica, que frieza glacial, a um tempo de aterrar e atrair! Quanto meditado estudo no trajar, que donaire! Ocupara a pasta de estrangeiros 687 dias (sabia-o ele ao certo pois os ia marcando, à medida, com um traço num fixete de notas); pois bem, podia asseverar com bons fundamentos, que esse ministro dispunha de nada menos 75 a 80 gravatas de feitio e cores diferentes e igual número de alfinetes para pontua-las com uma cintilaçãozinha de pedra preciosa, diamante, rubi, esmeralda, safira e uma cópia delas, tudo, porém, sempre om o maior gosto e sem nenhum *rastacuerismo*. Diziam-no muito atirado a senhoras da boa sociedade, opulentas em carnes e haveres. Fizera muito bem, muito! Por isso, havia sido o duque de Morny do segundo Império. Com que natural e fleuma não convidava qualquer ministerial, não se sentava ao lado e mandava tocar pelo catete fora, com grande estrupido das patas dos cavalos das ordenanças?! Era de pôr um sujeito embasbacado, tonto, de queixo caído! Quanto às mulheres, nunca, nunca teria, em condição alguma, sangue frio e coragem para tanto;

mas, também, que era ele, ao passo que o Rodrigo... E não é que há nomes predestinados?

*"Rodrigue, as-tu du coeur?...
Tout autre que mom père
L'éproverait sur l'heure...
...Agréable colère!"*

E, no meio de tantas e tão absorventes distrações, não se descuidava dos deveres da sua pasta, que cumulava aos de outra, agricultura, comércio e obras públicas, naquele momento tão afanosa; não deixava, na Câmara e no senado, acusação e reparo sem imediata réplica e explicação, dizendo na tribuna, só e só, aquilo que queria e convinha dizer.

Ah! Que homem aquele Rodrigo!...

Também o Rio de Janeiro em peso não tinha olhos senão para ele.

"Tout Rio pour Rodrigue a lês yeux de Chimène"

cantrolava o nosso Anselmo, nos dias de bom humor, parafraseando para seu uso o célebre verso de Boileau.

É que sabia bem os clássicos, os tratava e manuseava e conhecia regularmente o português, um dos seus motivos de orgulho; o que, por vezes lhe trouxera alguns atritos com os chefes. Numas longas instruções pusera ele, por exemplo, certo dia: "falta que mereça notada" ao que observara o superior hierárquico: "O senhor deixou cair o infinito *ser* no fundo do tinteiro". Perdão, retrucara Anselmo meio picado, a fórmula é clássica, uma elegância da nossa língua; visse Alexandre Herculano, Garrett, Camilo..." Bem, bem, observara o outro com rispidez que não admitia discussões, podia ter carradas de textos a citar, mas a primeira qualidade da frase era a clareza e, sobretudo, frase de secretaria.

VIII

Não havia noite, que Anselmo deixasse de ir à casa de Lucinda Soares. Chegava às 8 horas, dava as notícias do dia, ora de caráter genérico, político ou não, ora as novidades da rua do Ouvidor, o boato mais recente ou algum escandalozinho, contado com leveza, tomava uma chávena de chá às 9 e retirava-se, sempre discreto e compassado, antes das 10.

Tinha fases de esquiva e poucas palavras, que duravam semanas. Fechava-se, então, em quase completo silêncio difícil de quebrar, apesar dos esforços de Lucinda, como que abstrato, absorto, a matutar, dizia ela. Fora, porém, sempre assim. Não raro, costumava até o falecido Ramos Soares queixar-se que ele lhe moia a paciência, embora excelente pessoa, digna de todo o apreço e confiança. Maçava-o, porém, em regra, por modo formidável... Sim, maçava-o sem compaixão... Dava-lhe medonhos suadouros!

Naquela época, não figuravam ainda na tecnologia social fluminense o *cacetear* e seus derivados, tão correntes, hoje em dia, em todos os círculos.

Por seu lado, confessava de si para si o incriminado, que o Roberto, ótima criatura, leal como poucos, lá isso era, pecava por pesadão e sonolento!... Demais, egoísta, indiferente às coisas mais capazes de acordar do torpor uma preguiça, si...

Sim, legítima preguiça no topo de um pau de imbaúba. Não merecia, por certo, a mulher que tinha; não conhecia a jóia que possuía...

Malgrado as irregularidades de gênio do Anselmo, todas elas dentro sempre do círculo de maior acatamento, era a sua convivência sobremaneira útil à Lucinda.

Em primeiro lugar, nele tinha um conselheiro seguro em tudo quanto se referisse a questões de gosto e modas: nem era pouco de estranhar encontrar-se juiz tão entendido e intransigente em quem parecia dever ser de todo hóspede em semelhantes assuntos.

Explicava-se isso, porém, pelo seu espírito arguto, observador e miúdo que a tudo presidia e que forçosamente havia de estender-se também a tais futilidades. Nos bailes, aliás, só do Cassino, não dançava, não conversava, não comia, mal tocava num *croquete* ou num docezinho seco; mas, no dia seguinte, descrevia a *toilette* desta ou daquela elegante com tal minúcia e exatidão, que deixava a perder de vista os mais rigorosos *comptes rendus* do *Souvenir*, com todas as exigências e complicações da terminologia parisiense.

Nos períodos de mais loquela, tinha momentos animados, raptos de indignação, críticas quase acerbas. Não é que vira – vira, ninguém lhe contara! – o ministro da justiça, de farda bordada e grã cruz de uma ordem estrangeira atravessada ao peito, estar, ao *buffet*, a comer peixe com a faca! Que vergonha para o Brasil! E o homem lambuzara-se todo, barbas, bigodes e fitão com o molho! Que haviam de dizer de nós os diplomatas? ! E não é que, dali a pouco, se pusera a conversar em péssimo francês com o plenipotenciário da Rússia, o Gortinkoff – um tipo a Metternich – e Santo Deus! A palitar-se freneticamente e com muitos puxados de dentes e contrações de queixos? ! Depois, não queriam que, lá fora, nos metessem as botas, nos chamassem botocudos e macacos! Tudo, culpa da maldita politicagem que guindava um mandachuva lá das aldeias do Amazonas ou de Goiás às alturas de ministro e secretário de Estado... Modos era o que lhes faltava, a quase todos... Menos retórica e palanfrório... mais compostura... simples decência. Ah! O Rodrigo...

E aí vinha a apologia ditirâmbica do político que tanto cativara o espírito.

A Lucinda servia também Anselmo, com todo o tino e pressurosidade, para uma série de compras nas lojas e armarinhos da rua do Ouvidor, ora o romance da moda ou a música em voga, ora mil objetozinhos indispensáveis à vida feminina e aristocrática. E, para tanto, recebia sem acanhamento o dinheiro necessário, dando dele conta até o último real. Às vezes, incumbências de mais vulto lhe eram cometidas; assim, ir examinar os prédios quando deixados pelos inquilinos, verificar o estado em que haviam ficado ou ainda ativar o pagamento atrasado dos arrendatários de chácaras e terrenos suburbanos, senão falar a este ou aquele corretor sobre negócios e transações de bolsa e cuidar de públicas formas e procurações.

Nem jamais se despedia de Lucinda sem lhe perguntar:

- Então, não tem alguma ordem para amanhã?... Falaram-me hoje num livro novo de Paul Bouget, *Complications sentimentales*.

- O senhor vai lê-lo?

- Oh! D. Lucinda! A senhora sabe que abomino romances. Gabo-me de nunca ter aberto uma só dessas obras perniciosas.

- Nem Monte Cristo?

Nem Monte-nada! Era a perdição dos seus companheiros de secretaria. Uma lástima! Traziam os bolsos cheios de romances ensebados de tanto uso, nojentos, e passavam o dia engolfados neles com prejuízo do serviço público. Então, no velho Arruda, a extravagância tomara vulto de monomania, até perigosa. Fosse alguém interrompe-lo na dedução das façanhas de Rocambole ou de qualquer herói de Xavier de Montépin, e eram berros a estrondear pelas salas e de ensurdecer mortos. E não havia folhetins de jornal que não seguisse ávido, febricitante, cortando-os à medida,

de maneira que não parava folha na secretaria... Mas estava abusando da bondosa atenção de D. Lucinda. Então, deveras não queria nada por enquanto?...

- Obrigada; dentro em poucos dias, porém, lhe hei de entregar umas cautelas da Leopoldina para a conversão, conforme anunciaram os ingleses no *Jornal do Comércio*.

Perfeitamente, tudo quanto quisesse determinar. O seu maior prazer era obedecer-lhe, prestar para alguma coisa.

E lá se despedia o nosso homem, após tímido aperto de mão e profunda vênha, levando... que é que ele levava? ah, sim! Bem escondido nas mais complicadas dobras do coração, longe, muito longe dos olhares mais perspicuos e inquisitoriais, um segredo que jamais ousara confiar a si próprio, agitar consigo mesmo, nos momentos de maior isolamento e concentração – um amor imenso, acima de todas as forças do universo, consagrado a Lucinda Soares, desde os primeiros tempos que a vira, ainda que franzina e diferente, então, do que viera a ser depois. E, com os perpassar dos anos, a fora colocando em esfera tão elevada, tão intangível, verdadeiro círculo do Paraíso de Dante, que houvera considerado indigna, absurda profanação e possibilidade de qualquer outro sentimento que não o da gratidão mais submissa e fervorosa, a oblação do mais humilde crente a uma sacrossanta imagem.

Podia-se até dizer, isto é, nós – romancista e leitores – poderíamos dizer, em Lucinda Soares se concretara a única religião de Anselmo Guerra, tanto mais quanto, segundo asseverava com insistência D. Helena Glerk, se mostrava ele refratário a qualquer outra.

E aí vem a pêlo uma dúvida psicológica. Ignoraria em absoluto a bela viúva o que ia pelo íntimo do solícito e tão avassalado adorador?

Nunca teria percebido o culto de que era alvo, por mais cuidados e empenho postos em rodeá-lo de impenetrável sigilo?

Não fora ela mulher, se tal se desse.

DE há muito, devassara tudo quanto se agitava na dorida alma do pacato e prestadio Anselmo; mas, reconhecida ao seu zelo em não deixar transluzir o menor resquício de tão intempestiva paixão, fora de vila e termo – qualificava ela, lá consigo – não lhe dispensara a menor atenção, como coisa entre muito natural e ridicularmente dispartada.

Ora, até o Anselmo! Discreteava ela a sós, sorrindo despreocupada e meio irônica. Felizmente, era o primeiro a compreender quanto a ofenderia qualquer manifestaçãozinha de mais vivo e interesseiro pendor à sua pessoa... Ofende-la, por que? Coitado, tão bom, tão prestativo sempre! Desde tantos anos que a via, a... aturava! Que sina aborrecida, porém, não poder nascer e manter-se calma, simples e franca a amizade entre um homem e uma mulher! Lá despontava logo o ambicioso anelo de agradar... que, no fim de contas, redundava na ânsia de abrir luta, vencer e dominar!

O eterno duelo dos sexos... Ora, estar ela a atormentar-se e a filosofar Schopenhauer por causa do pobre Anselmo!... Não haveria até engano nas suas conjecturas?

Em suma, bem ponderado tudo, daí não lhe podiam provir dissabores e ainda menos perigos. Se paixão havia, não era de fazer explosão e arrebenatar caldeiras; porém, sim, amornada, ainda que de temperatura constante, espécie de perene e inócua banho-maria. Quanto a ela, tinha um só caminho a seguir: ignorar tudo, tratá-lo como simples e leal amigo.

Nem surgira jamais o mais leve indício de que teria de modificar, numa só linha sequer, tal traça de proceder.

IX

Toda vez que ocorria qualquer ensejo entravam Helena Glerk e Anselmo Guerra a rusgar. Chegavam a declarar-se inimigos um do outro, irreconciliáveis até; mas, no fundo, ambos, criaturas honradas e incapazes de mal, ambos estremecendo com fervor a mesma pessoa, não se podiam furtar a forte inclinação de comum simpatia.

- Como vai o *seu* herege? Costumava perguntar a devota a Lucinda.

- Que notícias me dá a senhora da *sua* beata? Indagava do seu lado o outro.

Era encontrarem-se, e logo se entroviscava disputada peleja, nos dias de expansibilidade de Anselmo, porquanto D. Helena estava sempre pronta para tagarelar e esgrimir-se.

- Já começa a pendência teológica, observava Lucinda Soares, acomodando-se, na sua indolência de mulher feliz e satisfeita de si, para ouvir o debate, cortando-o de xistosos apartes.

Mas, afinal, inquirira a Glerk, por que razão se mostrava o Sr. Anselmo tão contrário, tão hostil a tudo quanto vestisse batina, homens dedicados até a mais absoluta abnegação, empenhados em tão árduos misteres, desinteressados e santos varões, a salvação da humanidade? Efeito só de leituras perniciosas, de livros perversos e repletos de insuflação demoníaca? Pouca observação dos fatos/ Consentisse que, sem intenção de feri-lo, capitulasse isso de leviandade de viver, tanto mais quanto era a primeira a reconhecer a seriedade do seu caráter, a prudência dos seus atos e conceitos em muitos assuntos. Por que então? Tudo por não procurar, estava bem certa, um bom confessor, não se lhe atirar contrito aos pés, não lhe abrir o coração e desvendar as dúvidas e perplexidades que o desencaminhavam. Verificadas as coisas, muito orgulho; mas exatamente, manobrando com esse terrível pecado mortal, é que Satanás fazia mais conquistas, alargava os seus domínios; o trecho do impetuoso rio da vida, em que mais almas pescava ele, o maldito!

Anselmo prezava o padre recatado, virtuoso, desprendido das investigações terrestres, verdadeiro e fiel discípulo de Cristo; respeitava-o, achava-o, em tal caso, útil, indispensável até à sociedade; mas onde encontra-lo? Tornara-se, por fim, fruta tão rara, que ficava sendo de existência problemática. Fazia justiça a quem a merecesse. Ademais, para poder vir a ser simples e embaciado reflexo do Redentor, tais qualidades, tão extraordinárias e angélicas se requeriam, que não era dado ao homem reuni-las em si. Para quê, então, apregoar-se, apresentar-se aos outros como podendo preencher condições impossíveis? Não seria também isso mais um ardil do demônio? O seu melhor disfarce para os malefícios diários? Não, seguisse cada qual o que lhe ditasse a consciência, o melhor e o mais seguro guia posto no íntimo do homem pela bondade e providência de Deus, essa sim, o espelho em que refulge e providencia Deus, essa sim, o espelho em que refulge uma centelhazinha da grandeza divina.

Todos, porém, objetava com ardor D. Helena, estavam no caso de trazer presos os olhos a essa bússola excelente, fiel, concordava, nos corações bem formados, mas que, mesmo assim, quase nunca se consultava? E podia haver navegação segura sem zelo e cuidado de todos os momentos, já do piloto, já da tripulação perita e experimentada?

Anselmo não falava, aliás, sem angustiosa experiência própria, vítima de uma trama infernal, positivamente diabólica, que, desde bem moço, lhe varrera as ilusões sobre o modo porque os padres entendiam dever cumprir a sua tarefa. Era um dos segredos da sua vida, e já tomara a liberdade de o narrar com todas as particularidades a D. Lucinda...

- Com efeito, confirmou a viúva, mas conte-o de novo; exponha o caso a D. Helena.

Pois bem, falaria, sairia do seu habitual retraimento tratando de si, tomando um desafogo que lhe custava, por avivar dores bem agudas e sempre renascentes. Fosse D. Helena juiz; talvez lhe abrisse os olhos. Em Guaxindiba, lugar de nascimento dele, Anselmo, possuíam os pais valiosa e extensa propriedade, onde sempre lhes correra a existência feliz e descuidosa, até ao dia fatal, em que uns padres lazaristas compraram em leilão e por uma tutameia longos terrenos ao lado. Queriam fundar ali um asilo de meninos desamparados... mil histórias, uma escola agrícola modelo... uma enfiada de coisas! Mandaram medir os tais terrenos, e não tardou que surgissem contestações, protestos e pleito. Perguntava à puridade que tinham aqueles padres e, por cima, estrangeiros de se ir encafuar em Guaxindiba, para tormento de seus pais? Encurtava razões. No fim de algum tempo, não se contentavam com algumas simples braças mais de frente, exigiam nada menos de metade das terras dos velhos, alegando documentos antigos, desentranhados na sede da freguesia... um horror! E o certo era que tudo haviam conseguido com arte e jeito mefistofélicos... Daí, irremediáveis desastres na família, de que nem se queria lembrar...

Oh! Que maus padres, exclamara compungida D. Helena; mas por que tornar a todos responsáveis de tão triste feito? Assim, era para desanimar da humanidade inteira. Caso dolorosíssimo, esse, e que a afligia enormemente, mas cuja apreciação, custosa decerto a um coração de filho, deveria ser estudada com a mais demorada e profunda imparcialidade. Quanto arrependimento provavelmente não teriam depois sentido aqueles lazaristas? Tomava ela o compromisso de expor o cruel conflito veladamente ao seu confessor... um santo varão.

- Ah! a confissão, replicara Anselmo sardônico, a clava do padre! Quantos males não tinham vindo no mundo da vassalagem da vontade de milhões de seres pensantes aos cálculos e interesses do clero! Consultasse a história! Visse Luiz XIV...

Não valia argumentar com abusos...

Eram eles, por fim, a regra geral...

Não, mil vezes não! Os abusos estrondosos davam na vista, ofuscavam a razão, levantavam um oceano de ressentimentos, cóleras e ódios; mas a regra geral estava do lado dos benefícios ocultos, imensos, prestados pela confissão, toda suave, consoladora, bálsamo levado com a maior unção às almas sofredoras e combalidas. Podia a história calcular o número dessas, desde que Cristo instituíra tão adorável sacramento?

Era o que restava provar.

Experimentasse, uma só vez que fosse, Anselmo, a paz e alegria que lhe havia de infundir uma confissão plena e sincera, o desvanecimento, o santo orgulho de poder chegar-se à mesa da comunhão, depurado, por instantes, de culpas e erros, e daria por bem empregado o momento em que humildemente se ajoelhara aos pés de um sacerdote, a pedir por intermédio dele, o perdão de Deus! Não valia porventura, nada essa parada no caminho do pecado, esse recolhimento, essa aspiração à coisa tão superior, à mísera contingência de cada dia?! Ah! era um dos seus desgostos ver a sua bela amiga D. Lucinda refrataria a essa prática, de tamanhas vantagens a bem da paz interna!

- Mas de que pecados poderia acusar-se D. Lucinda? objetou com fogo Anselmo.

E tal foi o tom de voz e o ímpeto do protesto, que todos três, inclusive quem o lavrara, não puderam deixar de rir gostosamente.

- Lá isso não, acentuou Lucinda. Quer queira, quer não, vou-me fazendo velha e já, de vez em quando, penso em pôr-me bem com o céu, que, aliás, procuro não ofender.

Ninguém, nenhuma moça de 25 anos poderia vence-la em frescor e elegância, contrariara-a por seu turno com vivacidade Helena, não seria por isso; mas aproveitava aquele dito para recomendar, e muito, à sua rica amiga o padre Belmiro de Andrade, um sacerdote de muita ciência e conhecimento da sociedade. Acusavam-no os colegas de demasiado mundano a fim de monopolizar a clientela que tinha, senhoras todas do mais alto tom. Ela, Helena, particularmente não gostava do seu sistema, mais palestra amigável do que mesmo confissão, espécie de conferências, em que admitia réplicas, objeções e contraditas, muitas dessas, às vezes, vitoriosas por condescendência ou mal entendida franqueza. Enfim, não poucas estradas levam a Roma; mas acreditava que o padre Belmiro semeava aquela que trilhavam as suas penitentes só de flores, poupando-lhes bem merecidas agruras. Também contava com legítimas fanáticas que não viam senão pelos seus olhos verde-mar, padre velho, sem dúvida, mas todo faceirão ainda... E choviam presentinhos, os pratos de doces finos e delicadas mães-bentas, além de umas belas moedazinhas de ouro, pois ninguém ousava retribuir-lhe essas legítimas consultas de médico d'almas com o sujo papel-moeda... E que modos tão brandos, insinuantes... lá isso era um encanto!...

- Eis um padre que me agrada, declarou Lucinda.

- Pois comece por aí... sempre será alguma coisa. Depois, eu lhe asseguro, a sua razão sã e bem formada pedirá apoio mais valente, mais benévolo, direi até mais áspero, e daí mais em harmonia com o seu pensamento enérgico e acostumado a viver sobre si.

X

Numa das noites seguintes, entrou D. Helena como uma cauda de pampeiro pela sala de visitas de visitas de Lucinda.

Estava esta ao piano, tocando com muita nitidez e expressão uma bela *romanza* sem palavras de Alfredo Napoleão, espécie de estudo característico, cujo acompanhamento exige da mão esquerda extrema clareza e flexibilidade.

Anselmo Guerra, em dia de mutismo, ouvia-a absorto, sentado a um canto da sala.

- Então já sabe da grande notícia? Perguntou Helena ofegante. Sem dúvida, o Sr. Anselmo lha contou.

- Não... que há?

- Se eu não sei dela, replicou o interpelado com algum amuo.

- Santo Deus!... Então não sabe que depois de amanhã chega o *Nile*?

- Sra. D. Helena, que nos importa que entre o *Nile* ou o *Thames*? Todos os dias estão vindo paquetes da Europa...

D. Helena pareceu atônita de semelhante indiferença. Afinal explodiu:

- Ah! bem lhe batia a passarinha, que Anselmo não lhe queria senão mal... era um espírito prevenido, que não mostrava contemplação alguma para com ela... e a prova irrecusável a tinha agora, com essa chegada do *Nile*, tão ansiosamente esperado... ela que contara os dias, as horas, calculando as paradas as demoras, aterrada com a possibilidade de qualquer temporal!...

Lucinda interviu.

Ela da sua parte de nada sabia, que pudesse tornar tão interessante esse vapor, o tal suspirado *Nile*...

- Como? A senhora também? Pois, eu não a avisei...

- Mas de nada, minha boa amiga.

- Será possível?
- Com certeza...
- Que cabeça, a minha, que cabeça, Sr. Anselmo! Desculpe-me então; mas deveras eu me sentia ofendida de tão pouco caso com as minhas maiores alegrias... Eu não lhe perdoaria nunca, ouviu?
- Bem, mas a senhora já se está desviando do assunto.
- É verdade... Pois, meus amigos, não lhes digo nada; depois de amanhã, estarei abraçando o meu Eduardo!...

E, numa torrente de palavras: Dois anos e meio de ausência! Como custara a passar tão longo tempo! Quantas preces, tão bem empregadas, aliás, por aquele ente querido... Quantas ânsias, alta noite, nas horas de insônia!... Era, na realidade, a existência um tecido sem fim de terrores e angústias. Debalde pedia calma aos céus; achava pecado bastante grave aquele constante susto pelo seu Eduardo... Mas não podia, coisa superior às suas forças... E ainda faltavam 36 horas para o grande momento! Ah! o primeiro olhar que deitasse sobre o Eduardo... junto dela, enfim!... Quanta compensação a cruel sofrer não concedia Deus às suas criaturas num instante único?! O Onipotente era, com efeito, muito bom, muito misericordioso!

Perguntava, porém, a D. Lucinda como havia ela de preencher aquelas 36 horas que faltavam?... Tinha, bem sabia, obrigações urgentes que desempenhar... visitar, por exemplo, a pobre mulher cardíaca do largo dos Leões, que não via já há dias; mas tivesse a coitadinha paciência, não podia aquecer lugar e ir sujeitar-se, em tanta perturbação de espírito, às maçadas que ela lhe pregava... Fora capaz de um movimento de impaciência... de que viria depois feroz arrependimento... O padre Juvêncio já a pusera de sobreaviso... ou efeito da idade, ou artes do demônio, estava-se sentindo propensa a esses ímpetos de repentino nervosismo. Fazia por se conter, mas reconhecia, já não tinha a pachorra de outrora...

E falou, quase sem tomar fôlego.

- Que belo moinho tibetano, dizia lá consigo Anselmo.

Numa vaza, entrevistou Lucinda amavelmente:

- Já que depois de amanhã desembarca o Sr. Eduardo, traga-o a jantar conosco terça-feira... dou tempo às suas expansões. Será coisa muito sem cerimônia. Só teremos o Sr. Guerra. Quero conhecer essa maravilha dos sobrinhos...

- E não sofrerá decepção, replicou ardente a tia. Aliás, pelo muito que tenho falado da senhora nas minhas cartas, ele já deve conhece-la bem... Se chega a mostrar ciúmes... Que eu ando repartindo o meu coração e um rol de espirituosos queixumes... como só ele os sabe fazer.

E qual uma cauda de pampeiro entrado novamente no rumo de que se deslocara, lá se foi D. Helena Glerk, deixando que a suave *romanza* de Alfredo Napoleão fosse levada ao termo.

XI

Não podia o jantar da terça-feira marcada ter sido de mais apurado gosto. Positivas delícias culinárias preparara a mulher do jardineiro Cardenas, que, por seu lado, ornamentou de flores e miúdas folhagens a mesa com engenho e requinte dignos de nota.

Quão formosos aqueles punhados, um tanto à solta, de rosas, a casar um sem número de delicados matizes e a embalsamar o ambiente! Por toda a parte ramalhetes, mas não de feição portuguesa, apertados, impresados, formando

compactas e monótonas pirâmides, que estragam os mais lindos primores dos jardins. Em tudo, a graciosidade e o abandono da natureza, realçados pela arte: aqui, um racimo pendente, ali uma folha a romper por entre a alvura das camélias ou o rubro *tuyauté* de algumas dalias dobradas. E quantas flores singulares no colorido e forma, a denunciar o amoroso zelo de quem delas cuidava dia e noite! Várias de um exotismo raro, por exemplo, esplendidos crisântemos, o emblema simbólico do Japão. E, como triunfo de recompensados e assíduos carinhos, umas dez ou doze *Glórias de Dijon* que pareciam, na sua perfeição, um tanto fria contudo, obra da mais hábil e paciente florista.

Pela mesa, corriam, umas cercaduras caprichosas de mimosos miosótis, que davam singular valor à alvura da toalha, à finíssima porcelana do serviço e aos cristais de diáfaneidade positivamente aérea, entrelaçadas, em minúsculo e bem combinado monograma, as três letras L. M. S.

Ficara D. Helena deslumbrada, e com a sua habitual garrulice não tivera mão em si.

Sim, verdadeiro pecado sentar-se a uma mesa daquelas. Apegava-se demasiado a gente aos encantos e comodidades desta vida. Em tudo aquilo, quanta candonagem aos olhos e ao paladar! Estava quase ralhando com a sua bela amiga; mas, enfim, por exceção...

E mais isto e mais aquilo.

Metido em casaca preta e colete branco, mostrava-se Anselmo Guerra reservado, todo formalista.

Eduardo Glerk estava de farda da Marinha.

Era, na realidade, moço, que de pronto atraía as vistas pelas feições e maneiras.

Mais para o alto, esbelto sem magreza, da sua pessoa emanava um fluido de simpático magnetismo, embora nela se sentisse, desde logo, a tendência dominadora, o costume do mando; tudo, porém, com a maior naturalidade, sem propósito feito e nenhum estudo.

Extrema correção nos traços fisionômicos, nariz afilado, boca bem feita, sombreada por sedoso bigode um tanto louro, dentes excelentes, a morder – ligeiro cacoete – o lábio inferior, olhos grandes, luminosos, faiscantes ou meigos, conforme a disposição do momento, cabelos levemente ondeados, de que não tirava vaidade alguma, ainda que os soubesse a cada instante acariciados pelo olhar das mulheres. Bem pronunciada palidez, palor, porém, baço, de saúde, nada doentio, imprimia ao conjunto de todas as linhas do rosto essa rara distinção que, no dizer de George Sand, é o apanágio da verdadeira beleza masculina.

Em todo o caso, Eduardo Glerk procurava, quanto possível, não *fazer efeito* pelos dotes físicos e, com algum enfado, reconhecia que exatamente esse efeito se produzia por toda a parte onde aparecesse.

A impressão que, incontinenti, provocou em Anselmo Guerra, foi, senão de formal desagrado, pelo menos um misto de desconfiança e cólera, imediata retração de caráter hostil, revoltoso. Achou-se hesitante, coato, no seu direito de julgar e reagir, num assomo de independência contra repentina superioridade.

Experimentou Lucinda Soares mais que ligeiro movimento de surpresa, como se lhe deparasse valioso objeto de arte, um busto de boa escultura, uma estátua credora de atento estudo, no acordar dos instintos estéticos.

Com efeito, observou lá consigo, tal sobrinho deve dar ufania a D. Helena.

Quanto a esta, espriava-se em verdadeiras inconveniências e demasias de encômios, que irritavam Anselmo, na sua displicência a custo disfarçada e o deixavam enervado.

XII

No correr do jantar, em que, desde princípio, pairou certo constrangimento, mal grado a loqüela de D. Helena, tocou Eduardo Glerk mui discretamente nas suas viagens e, com mais desafogo, nas últimas novidades da Europa, a guerra greco-turca, o processo Dreyfus e o possível, senão iminente então, rompimento entre a Espanha e os Estados Unidos.

Todos os seus votos eram por aquela valorosa nação, forçada a tão desigual luta pela arrogância *yankee*, que calculava levar tudo de vencida, logo ao primeiro arranco.

Tal, porém, não havia de suceder, tinha por certo; pois se devia contar com o indomável valor de um povo, cujas tradições, em todos os sentidos e campos da ação humana, o cercavam dos raios da glória.

Ainda uma vez, a Espanha não mentiria ao seu passado, travado sem dúvida de erros e até crimes, mas também de imensos sofrimentos e estrondosos triunfos; podia ser vencida, provavelmente o seria, mas só esmagada, sem mais recurso possível de resistência, cederia, dando mais uma nobre lição à humanidade.

E para o Brasil, como para todos os países americanos, via ele gravíssimo perigo na vitória dos Estados Unidos, que se afirmaria pelo pan-americanismo a alastrar por todo o novo continente, do México para baixo, isto é, a subserviência da América inteira e a sua nulificação ante o colosso do norte. Não sobreviessem inesperados incidentes, que ninguém pode contar sempre com a lógica, e essa conseqüência era dedução natural das premissas estabelecidas.

- E que ouvira de novo, de muito novo, em música? Perguntou Lucinda, deslocando a direção da conversa.

Grande preponderância do wagnerismo, ainda que fosse já provocando forte reação. Não gostara das produções de Bruneau, em que havia, contudo, muito talento. Wagner, porém, no seu entender e fraco, porquanto não passava de simples amador, não era dos que formam escola. Parecia-se nisso com Emílio Zola. Muitos tentavam seguir-lhe as pisadas, mas, por fim, naufragavam. Nessas duas mentalidades, em esferas tão diversas, achava exageradas asperezas e violenta exuberância, que só podiam ser resgatadas por uma possança de criação assombrosa.

- Estou, porém, acrescentou Eduardo, fazendo preleções e isso é ridículo.

Ao que aditou:

- Agora só falo em diálogo. Devo, aliás, apreciar a delicadeza deste jantar, tal como talvez não tivesse o czar, em Paris.

- Festas estupendas, não é verdade? Perguntou Lucinda. O senhor lá estava?

- sim, minha senhora; mas há de V. Excia. permitir que eu não caia na graciosa esparrela que me é armada, encetando outra conferência.

- Mas você se exprime tão bem, Eduardo, declarou D. Helena.

- Ora, minha tia, a senhora está me dando ares de menino que recita à mesa e é aplaudido, antes de todos, pelos pais...

- Que gaiato!... Pois, não fale mais...

Foi servido o café, saborosissimo.

Aí, porém, o brilhante oficial de Marinha já se mostrava, como que outro, preocupado, visivelmente inclinado, aliás conforme anunciara, ao silêncio e a certa reserva.

Donde essa mutação? Por que?...

Olhara demais para Lucinda Mendes Soares.

XIII

Com a impetuosidade do seu gênio, concebeu Eduardo, desde esse dia, uma dessas paixões que levam os homens a muitos tresvarios e incoerências.

Embora, segundo já dissemos, notável pelos dotes físicos, a que regalias intelectuais de vulto inculciam ainda mais valor, nunca fora propenso a mulheres e jamais se deixara absorver pelo culto exclusivo do *eterno feminino*.

E tal fato sucede, felizmente, com muito mais freqüência do que se supõe; homens de sugestiva plástica em condições de dominar o sexo, tão dolorosamente apelidado fraco, e pervertê-lo, mas que costumam manter-se numa linha de proceder acautelada e comedida, sem abusar das suas qualidades de fácil supremacia.

Há nisso, até, certa salvaguarda providencial, a impedir no seio da sociedade renovação demasiado repetida e cruel desse terrível tipo de D. Juan, tão fatal, tão desapiedado na sua insaciabilidade, tão ávido em poluir a inocência e a virtude pelo simples capricho de minutos; para quem, todavia, a humanidade se deixa arrastar por quase criminosa condescendência, vendo nele uma força irresistível da natureza, uma elação incompreensível e misteriosos ideais.

Ah! esse nome de D. Juan, o simples nome! Quanto não faz pulsar, de medroso e imprudente, o coração da mulher? A vertigem do abismo, a insânia do orgulho, a ilusão nos encantos de cada uma delas! Quem não sabe se não lhe caberia a glória de prender para sempre junto de si o eterno volúvel?

Por outro lado, às aspirações do adolescente, quando não se afigura objetivo altaneiro, ofuscador, conquistar, conquistar sem tréguas? D. Juan e Napoleão, os dois imãs polares, que empuxam a si ardente e desvairada a imaginação da mocidade!

Eduardo Glerk, chegado então, como já sabemos, aos 28 anos, tivera, sem dúvida, alguns amores fáceis e rápidos. De índole, porém, assisado e entregue, ainda por cima, a estudos sérios e encargos de não pequena responsabilidade, conservara-se mais ou menos arredio do torvelinho das paixões tumultuosas.

Já ganhara, aliás, experiência, pois na Europa sentira o peso e corraera os riscos de uma dessas aventuras de adultério, gratas ao amor-próprio do homem, por mais discreto e ponderado que seja, semeadas, embora, de perigos e canseiras. A mulher de um secretário da embaixada russa em Paris, princesa por parte dos pais, tomara-se por ele de loucos amores e, formosa, muito rica e desmiolada, levava-o a tangenciar escândalos de estrondo. Ciumenta como legítima eslava, criada à solta e acostumada a não pôr peias às suas mil vontades, fê-lo cruelmente sofrer, ao passo que, por seu turno, padecia horrores, ardendo em zelos medonhos.

Nessa ligação, cortada de doidas alegrias e fundas angústias, momentos houve em que o maior empenho daquela mulher parecia ser a notoriedade, provocar o protesto e a indignação da sociedade, por mais benévola que se mostrasse, mas cansada, afinal, de tão reiteradas incongruências e desnecessária ostentação.

- Meu marido sabe de tudo, disse ela um dia a Eduardo.

E acrescentou com toda a serenidade:

- Eu mesma contei-lhe.

- E ele?

- Não se mostrou surpreso. Desde muito tinha quase certeza... Fez-me até pena... Chorou... Chegou a pedir-me pelo menos... Mais cautela e bem... Sabes de quê?

- Estou ouvindo...

- Da sua carreira diplomática, meu belo brasileiro... Confessou-me, entre parênteses que miserável! Que só vivia com os olhos fitos no cargo de embaixador... Contentar-se-ia com o de ministro... Mas que os meus arrebatamentos (sim arrebatamentos foi a palavra que empregou) talvez o impossibilitassem de alcançar essa meta... Chegara-lhe aos ouvidos que, em S. Petersburgo, na chancelaria de estrangeiros, ridicularizavam a grande a sua proposital cegueira.

Que se acautelasse, porém, esse forasteiro, continuara a princesa relatando os queixumes do marido; aproveitaria azada ocasião para desafiá-lo a duelo e mata-lo sem piedade, como a um cão. Saberá cumprir o seu dever de esposo ultrajado, tirar condigna desforra e impor-se ao respeito da chancelaria de S. Petersburgo e de todos.

E era bem capaz de bater-se e realizar a sua ameaça. Jogando as armas com perícia, muito senhor de si sempre e calculista, executaria os seus planos, quando os achasse de jeito e conveniência. Oh! Mas do seu lado, tomava ela um compromisso sagrado: envenena-lo sem vacilar, se quisesse fazer-se arrogante e vingador. A mulher do seu *mujick*, a velha ama de leite possuía um tóxico infalível, que não deixava vestígios.

- Por que, porém, não pede ele divórcio? Perguntou Eduardo Glerk.

E rindo-se:

- Não penses que lembro tal alvitre para me furtar ao prometido duelo. Não sou lá de muita força em esgrima ou no tiro ao alvo; mas, juro-te, saberei defender-me. Eu e o Brasil não ficaremos mal, disse podes ter certeza.

Ah! sim, replicara ela, ente tão amado tinha obrigação de ser brioso e saber matar, calcar aos pés, esmagar o seu rival e inimigo. Divórcio?... E a fortuna, as regalias do luxo para quem não passava de um pobre coitado?... E a carreira? O interesse bradava muito alto... Aceitaria tudo, menos... divórcio.

E, com indefinível sorriso:

- Queres saber, Eduardo, qual o resultado da conferência? Arranquei-lhe, afinal, com certo custo, convenho, a promessa de que se apresentaria candidato à primeira vaga que ocorresse na legação do Rio de Janeiro... De mestre ou não?... Ninguém na diplomacia gosta de atravessar o oceano, ir tão longe, ao passo que um dos meus caros sonhos é ver o lugar em que nasceste, meu bem supremo!... E estar lá contigo, *cela va sans dire!*

Se, de um lado, a feia e interesseira concordância do marido abria margem a inapreciáveis facilidades, do outro, porém, o gênio indomável daquela amante, os seus repentinos e particularmente ciúmes de legítima pantera traziam Eduardo num perene estado de conturbação e enervamento, por vezes, inaturável.

Deu-se o despedaçar de relações tão agitadas e penosas do modo mais inesperado, após rapidíssimo incidente de inexcedível violência.

XIV

Como é sabido, os grandes bailes da Prefeitura do Sena não primam pela elegância e correção. Neles costuma dar-se o atropelo, a *cohue* e desordem que caracterizam festas em que não há a devida escolha e seleção no distribuir de convites. Em ponto, aliás pequeno, lembram a célebre noite de 22 de Outubro de 1878 de Versailles, quando, a chamado do Presidente da República marechal Mac-Mahon, pretenderam congregar em suntuosa e deslumbrante reunião 20.000 pessoas, número que representa a população inteira de cidade não pouco povoada!

Também naqueles bailes, em que de tudo se vê, desde as *toilettes* mais luxuosas, pontuadas de riquíssimas gemas, até o modesto chalé e a modestíssima chita francesa – senhoras em completo decote, quase nuas no busto, outras de vestido afogado alto e chapéus e toquinhos – naqueles bailes, o aperto, a confusão, o calor, a pressão de compactas mós de gente tornam-se, desde as primeiras horas da noite, imensos, quase medonhos. E tudo isso toma proporções indizíveis nas salas da copa, nos *bufês*, onde os assaltos e as mais extraordinárias provas de avidez e gula são nojentos, positivamente indescritíveis, e transpõem os limites da verossimilhança. E, por cá, também não desconhecemos tais cenas, que se vão até tornando corriqueiras nas festas mais gabadas do nosso meio social.

Como é de prever, a *finá flor* de Paris abstém-se, cautelosa e irônica, de comparecer aos bailes da Prefeitura e a quaisquer outros de caráter oficial; mas, por capricho, marcara a princesa *rendez-vous* a Eduardo Glerk, à meia-noite em ponto, na sala principal da frente.

- Vou por tua causa, dissera ela cariciosa, quero dar aos teus olhos as primícias de uma toailete cá da minha fantasia... Exijo que sejas franco... A tua opinião bem espontânea.

Nessa noite caiu desabalado aguaceiro; p serviço da interminável cauda de carruagens foi pessimamente feito pelos guardas a cavalo, a quantidade de convidados atulhados no vestibulo e nas escadarias incalculável, de maneira que Eduardo Glerk, apesar de toda a sua agilidade e da ginástica de hábil marinheiro que desenvolveu, só pôde chegar ao local convencionado, quando poucos minutos faltavam para uma hora da madrugada.

Encontrou também a amante numa crise de inexprimível exasperação.

E quão deslumbrante no seu esplêndido vestido verde furta-cor, de um corte original, cheio de apanhados, em cujos centros de suspensão cintilavam grandes brilhantes, os ombros divinais constelados do fulgor das mais variadas e ricas pedrarias.

Os seus olhos desferiam sinistros raios , e mortal lividez cobria-lhe o venusto rosto.

Acolheu o mancebo com palavras sibiladas em russo, que naturalmente ele não entendeu, e balbuciou depois em francês, com os dentes cerrados, trêmula de furor:

- Miserável!... Há uma hora que o espero... Não sei o que me impede de lhe... quebrar o leque... na cara!...

- Nádia, acalme-se um pouco, pelo amor de Deus!

- Sim... Pensa que não sei... Esteve com aquela patrícia sua... A quem tanto cortejou ontem... na Ópera.

- Uma senhora idosa!...

- É da pátria comum... Não importa!

- Para quê tanta injustiça?

Bem... Acabemos com isso... Despeço-o de meu... Amante, como se faz..., com um criado vil, indigno, infiel! Tenho asco de mim mesma...

- Senhora!

- Uma última ordem: esteja amanhã... em minha casa... Às 2 horas exatas, ouviu, desbriado?... Receberás os seus honorários...

- Nádia, quanto arrependimento terás dessas palavras!

- Arrependimento? Nunca, nunca, lá isto juro... Pelo descanso eterno de meus pais! Ademais... Já tomei outro amante... Olhe, aí vem ele... Pouco falta para que eu lhe pertença... Como mulher perdida que sou!

E, levantando-se, aceitou, com forçado sorriso, o braço do airoso oficial austríaco, que envergava vistoso uniforme coruscante de condecorações.

Imagine-se a noite que passou Eduardo Glerk.

No dia seguinte, vacilou se iria ou não ao palacete da princesa, nos Campos Elíseos.

Afinal foi.

- Vou arrostar a minha indômita tigrina... A sessão há de ser quente.

Achou-a, contra toda a expectativa, calma, muito calma até, numa espécie de torpor adoentado, o rosto, porém, com vestígios de lágrimas e lancinante padecer.

Comovido, desculpou-se longamente ele da involuntária demora, apresentando razões irrecusáveis.

A princêz ouvia-o em silêncio, como que alheia, indiferente a tudo, acabrunhada do tremendo temporal, que na véspera tanto lhe abalara o organismo.

Tomou-lhe Eduardo com brandura a mão, cedida sem relutância, numa dolorosa passividade.

- Sabes, Eduardo? É demais o que sofro por tua causa...

- Culpa toda tua... Ou melhor, dessa imaginação de fogo que te abrasa... Cria medonhos fantasmas... por momentos te tresvaria...

- Sim... pode ser... Tudo é possível... Talvez sejas de todo inocente... Em todo o caso, o que me tortura, dia e noite, é pavoroso... Acima das forças de um gigante, quanto mais de uma mulher fraca, como sou, desde menina!

- Inútil tanta aflição!...

- Que fazer? É superior a todos os meus esforços... Desde ontem, então, pensei muito... Isto é... Desde há tempos estou pensando nisso... Sem sossego, sem cessar... Devo... Sim, devo romper contigo!

- Romper comigo?... Estás por certo a gracejar... Que fiz eu, Nádia?

- De coisa alguma posso te acusar, concedo; mas, por esse andar, tudo isso acaba em terrível desastre... Por mim, pouco se me dava... Mas quero, preciso imporme essa prova de amor, que te dedico... Sim, é caso comigo mesma... Conversei de espaço com Sonia, minha velha ama de leite... Discutimos tudo, horas e horas inteiras... Olha! Foi ela quem me impediu o suicídio ao voltar do baile...

- Mas que loucura!

- De fato; por isso urge aproveitar qualquer momento de pausa e sensatez. Devo romper contigo!

Opôs-se Eduardo, com fogosa eloquência, ciente da sinceridade daquelas palavras e por elas fundamentalmente perturbado.

- Atende, meu belo amante; eu, ontem, disse-te muito disparate... Estava fora de mim... Por pouco não te esbofetei ali mesmo. Vê só que fera sou eu. E essa idéia aniquila-me, pois me sinto incapaz de reprimir as fúrias que me fervem no peito e se vão, cada vez mais, exasperando. O tal oficial, um arquiduque austríaco, era nulo como o último dos beócios... Mande-o passear, apenas saíste daquela sala cruel, que, momentos depois, também deixei...

E, após curto silêncio:

- Num ponto, entretanto, não te menti... Tenho hoje outro amante... e já de certo tempo.

Ergueu-se Eduardo, fremente, sentindo rubra nuvem toldar-lhe os olhos.

Mal pôde gaguejar;

- Impossível!... Perdeste de todo... a razão!... Estás me tratando como... a teu marido!...

Nádia fez um gesto...

- Aquieta-te um pouco... Não me vêes tão calma? Sim, confesso-te lealmente, dei-te um rival, e rival poderoso, que me desprenderá de todo de ti... e depressa, assim m'ó prometeu.

- Mas... Quem é? Quero saber... ordeno...

- É a morfina, meu caro, ouviste?

E o repentino cair das vozes tornou, por minutos, bem sensível o tic-tac de um relógiozinho gótico, colocado sobre a mesa.

- Nádia, minha Nádia, que terrível mal fazes a ti... e a mim!

- Sim, terrível e... irremediável! Agora, Eduardo... Adeus para sempre! Nunca mais nos tornaremos a ver.

Levantou-se lânguida, serena e beijou rapidamente o amante na testa, furtando-se ligeira ao seu ardente amplexo.

No dia seguinte, anunciava o *Figaro*, em sua seção *Le monde et la ville*, que, na véspera, à noite, partira inesperadamente de Paris, a formosa e tão elegante Mme. Nádia de Kastine, *née princesse Ogheroff*, com destino a S. Petersburgo. Para lá, continuava o *entrefilet*, devia muito breve seguir o seu ilustre esposo, bem conhecido diplomata funcionário destinado, pelos talentos e caráter, ao mais auspicioso e invejável futuro.

No meio de imensa dor que salteou Eduardo Glerk e por muitos dias o prostrou de cama, enfermo de corpo e espírito, sentiu ele, a pouco e pouco, certa impressão de alívio, que, um mês depois, francamente se foi acentuando, mau grado todo o empenho em combatê-la, com deprimente sintoma de egoísmo e ingratidão.

XV

Quase a braços agora com uma nova paixão, decidiu o moço abafa-la com toda a valentia à nascença, impedir-lhe a progressão, reprimi-la, enquanto tempo. Paga, e por modo breve, a *visita de digestão*, na frase convencional francesa, retraiu-se sistematicamente, recusando os contínuos pedidos da tia, para acompanhá-la à casa de Lucinda.

Alegava sempre ter demasiado serviço e atirou-se, de fato, aos trabalhos a seu cargo, entregando-se, dia e noite, à elaboração do relatório que devia endereçar ao governo sobre a sua comissão na Europa. Não descansou, para assim dizer, um momento; mas, infelizmente, em tudo quanto punha a atenção mais concentrada, via, como que através de flutuante gaze, a imagem da sedutora vizinha, aumentando o seu prestígio pela calculada oposição imposta ao valente arrastamento.

Toda essa luta que daria a Paul Bourget tema para peregrinas páginas, no seu tão sutil e fundo talento a esquadriñar a alma humana, trazia a Eduardo Glerk um sofrimento mesclado de irritação e amargor. Achava-se ridículo, sim, positivamente ridículo, empolgado de súbito, como um adolescente que começa a viver e entra no mundo, por uma mulher nas condições de Lucinda, viúva, rica, amiga muito chegada da tia, e, sobretudo, mais velha do que ele em anos. E esse delicado ponto, em que não queria absolutamente pensar, nem de leve ferir, mas que voltava sempre à baila com imperiosa insistência, magoava-o por modo excepcional e cansativo. Que idade teria ela? Uma pergunta de todos os instantes, como que sarcástica interrogação de algum diabrete, alojado num recantozinho do coração. "Bravo, Sr. Eduardo Glerk, mil parabéns, apaixonado agora por quem talvez pudesse ser sua mãe! Chasqueava a vizinha mefistofélica, lá de dentro. Que é que o impedia, porém, de tirar a limpo essa dúvida? Por que não indagar de sua tia? Não pecava por segredista. Caso não elucidasse em regra o enigma, para que deixar de proceder a inquirições, ou melhor, escavações, até encontrar o assentamento de batismo? Devia ser uma boa peça arqueológica. Ora, fizesse um esforçozinho a bem da verdade histórica...

Ah! quanto o torturava essa ironia de curiosidade malsã! E, entretanto, as exterioridades todas eram de adorável criatura, em seu pleno apogeu! Que resposta

mais cabal, irrefutável, do que a sujeição que lhe fora imposta em três horas, quando muito, de permanência junto dela? Perfeitamente, replicava zombeteiro o maligno duende, mais admiração daí viria, uma vez tirada a prova e findos quaisquer motivos de perplexidade.

Repelindo com energia a maldosa insinuação, chegou Eduardo a afasta-la de todo do pensamento, encontrando nisso relativa tranqüilidade.

Dias houve até, em que julgou dissipado, definitivamente concluso, o *capricho* que já dera causa a tanto e tão doloroso cismar.

- Mais algum tempo assim, observava de si para si, e creio que sem perigo poderei novamente enfrentar aqueles belos olhos.

Que, contudo, lhe desconcertava os planos de completa libertação era D. Helena com as suas constantes referências a Lucinda Soares.

- Você sabe, disse ela numa ocasião ao almoço, a minha amiga perguntou por notícias suas. Observou-me que o achava esquivo demais... talvez saudades da Europa.

Que imprudência naquelas simples palavras, destituídas da mínima duplicidade, mera observação de passagem na expansão de descuidosa palestra, mas que podia prestar-se, como de fato logo se prestou, a encontradas interpretações!

A verdade é que Lucinda Soares estava de todo o ponto alheia aos embates da paixão que, tão de pronto, se ateara no ânimo do garboso oficial de Marinha e, desde as duas vezes que o vira, continuara, muito desafogada e alegre, a viver a sua vida de todos os dias, de sempre, a vida que mais convinha aos seus hábitos e temperamento.

De Eduardo Glerk falara a Anselmo Guerra com toda a naturalidade e abundância de coração.

- Eis uma visita, declarou ela, que, de vez em quando, receberei com prazer, pessoa distinta com quem se pode conversar e trocar duas idéias. Que tal lhe pareceu, Sr. Anselmo?

Vacilou este um tanto para externar a sua opinião.

Ora, respondeu por fim, com D. Lucinda não podia estar usando diplomacias; francamente e, aliás, não sabia porquê, fora a sua impressão pouco favorável; mas, ao exprimir-se assim, reportava-se à coisa peculiar a si. Em verdade, justiceiro como se prezava de ser, reconhecia que Eduardo Glerk não era um homem qualquer, conhecia bem as práticas da boa roda e devia, no exterior, ter honrado o Brasil, o que não é de somenos. Apesar de tudo... antipatizara com ele.

- Oh! protestou a viúva, logo antipatia... palavra tão feia! Pois, para mim, tem ele um defeito, e bastante grave num homem... É bonito demais. Logo que o vi, lembrou-me um espirituoso conto de Bulwer Lytton, se não estou em erro. O herói, afligido de uma beleza exagerada, encontrou, por isso, tropeços em todas as carreiras que procurou seguir. Até as mulheres o olhavam com suspeição, desconfiadas de que não saberia admirar e amar senão a si mesmo, espécie de Narciso apaixonado do próprio reflexo. Acredito bem que o sobrinho de D. Helena não sacrifique nas aras de tanta inconsideração... Não me pareceu fátuo.

- Na realidade, corroborou Anselmo, não pode ser melhor o nome de que goza na Marinha, caráter sisudo, gênio pouco inclinado a futilidades. Dele não dizem senão bem... Entretanto, não o quero para... amigo.

E acrescentou:

- Estou velho demais para criar amizades novas; eis como explico o que experimento no caso vertente.

- O melhor é não apurarmos minúcias psicológicas.

XVI

Logo às primeiras visitas de Eduardo Glerk, na quadra de assiduidade, reconheceu Lucinda Soares que inspirara um sentimento muito fora dos seus sinceros desejos e bem longe dos limites da afinidade eletiva, mas cordata e branda que se chama simpatia.

Dessa já incontestável certeza não lhe proveio amor-próprio algum; pelo contrário, pronunciada ponta de mau humor, repassado de receio. A que propósito vinha gora anuviar-lhe os dias tão azuis até então esse homem, cujos olhos falavam com ardega vivacidade, ainda que nenhuma palavra ou gesto o tirava, ou buscava tirá-la da sua paz de espírito, um dos mais preciosos apanágios da vida que para si formara e em que encontrara tamanha quietude no justo equilíbrio de todos os seus atos e pensamentos?

Saberia, na luta prestes a travar-se, impedir que, por qualquer fenda do coração, se insinuasse o veneno do amor, o conturbador eflúvio da paixão, por ela, em suma, desconhecida? Amor, amor! Palavra que sintetiza a mulher toda, estrela polar dos seus sonhos e esperanças! Podia ela crer-se rara e perdurável exceção? Continuar a sê-lo? E não lhe estava, exatamente, preparando a sorte castigo bem duro por se haver posto fora da regra universal e de todo o sempre?

Em certos momentos, sentia-se Lucinda presa de verdadeiro terror. Amar, naquela idade, passados já todos os períodos de desculpa a essa vassalagem e ao escurecimento da razão? Amar, isto é, dobrar-se ao domínio de outrem, quando, desde tantos anos, não obedecia senão à vontade própria?! Que hóspede incômodo, no sossego dos seus mais caros hábitos, essa simples agitação, esse discutir consigo mesma de um perigo iminente? Que sabia ela das procelas que, de improviso, podiam envolvê-la? Teria força bastante para esconjura-las? E, rememorando coisas dos tempos de casada, pois à mente não lhe acudia outra qualquer idéia, enchia-lhe o peito imensa onda de vexame, como atroz insulto feito à sua integridade de mulher honesta, casta! Seria o amor tão somente isso? Ah! então havia de repeli-lo com indomável coragem e sagrada indignação. Formava-lhe o pudor couraça inteira, sem a mais leve falha, de encontro à qual se quebrariam todas as setas, por mais aceradas e certeiras que fossem. Para intimidades absorventes bastava-lhe o estadio da primeira experiência e isso em épocas já distantes, quando ainda em começo de cristalização o caráter e a altivez de ânimo. Nem cercados de excepcional prestígio lhe voltavam à lembrança aqueles anos em que mais prevaleciam, como boa recordação, cenas de cordial companheirismo, do que outras de feição propriamente sexual. E, nesse sentido, legítimo ímpeto de asco a arrepiava toda, formando, no conjunto do seu rápido evolter, uma barreira que nada no mundo seria capaz de derrocar e vencer.

E também, de repente, aproximava Roberto, o seu falecido esposo, de Eduardo Glerk, não para pô-los em paralelo, que fora deprimente àquele, mas numa incidência de ordem positivamente pueril. Que poderia dela querer o destino, oferecendo-lhe agora o abrasado amor de um oficial de Marinha, carreira que fora aspiração não satisfeita e sempre renascente do bom e irresoluto Roberto? Que reencarnação, porventura, era essa? Tão singulares, as ocultas forças a arrastar-nos, à maneira das correntes oceânicas que trouxeram Cabral às costas do Brasil!

E mil dessas reflexões, com ramificações de curiosas minudências, traziam-na num estado de vibração íntima, penosa e até pungitiva, embora nada transluzisse na placidez da fisionomia e dos modos.

Nesse latente trabalho psíquico, bafejava-lhe o espírito, como refrigerante e acarinhadora aura, a possibilidade de sair ainda ileso e com relativa facilidade de passo

tão arriscado, arredando de si com jeito, sangue frio e perseverança, a admiração e o arrebatado culto daquele moço, nos quais só enxergava razões de desgostos, comprometimentos e bem inúteis provações.

Firme nesse intento arquitetou Lucinda o seu plano de defesa, pois já se sentia ameaçada, fazendo-o particularmente consistir no cuidado com que mediria quaisquer palavras e gestos. Assim, a pouco e, pouco, acentuaria gradualmente a sua esquiva e, por fim, formal reprovação. Perspicaz e pundonoroso como era Eduardo Glerk, pensava, compreenderia que as homenagens prestadas não conseguiriam resposta de acordo com as suas esperanças. Conter-se-ia, então, nas raias de moderada afetividade, receoso de tornar-se importuno e merecedor de definitiva repulsa.

Concordava, contudo, que melhor fora não andar ideando projetos e combinando efeitos de êxito dúbio, e deixar que do seio das ocorrências surgissem, prontos e eficazes, os elementos de resistência e impugnação. Nada pior, em quem deve combater, do que a ansiedade mental, o afã de querer tudo prever e obviar, para incutir em si a convicção da vitória. Pensar demais no perigo entibia a coragem, afrouxa a fibra mais resistente.

Cumprir, sempre, abrir-se margem ao inesperado, entregar-se muito ao império da circunstância, ao esforço subitâneo, instintivo, com que o braço fará recuar o arco para, no momento dado, desferir as melhores flechas da aljava. Inimigo que se teme com exagerada antecipação já alcançou metade do triunfo. Boa, por certo, indispensável, a previdência, mas não a ponto de fazer nascer a obsessão que nos peia os recursos da mente descansada e livre de acumulados temores.

Por mais que Lucinda os quisesse arredar, cônica de que, no instante capital, em que não houvesse mais tergiversar, se acharia bem senhora de si, não se julgava mais com a grata despreocupação de outrora em casos, senão idênticos, pelo menos correlatos.

Tal nauta que, experimentado em certos mares, noutros menos navegados, vê nos ares tormentas e assaltos de aspecto e negror mais temerosos e minazes. De contínuo cogitava não na pessoa daquele mancebo, mas na paixão que consubstanciava; não na sua figura sedutora, mas no simbolismo que lhe bailava ante os olhos, o cataclismo moral que dele poderia advir, como instrumento impiedoso nas mãos do destino. "Tenho sido demasiado feliz até agora, murmurava melancólica; alguma desgraça adeja sobre mim!".

E esse tributo obrigatório à desventura, a que nenhum mortal escapa e que mais tarde ou mais cedo tem de pagar, parecia-lhe em termo de ser cobrado, suspenso sobre a sua cabeça como sinistra nuvem, bojante de eletricidade, prestes a faiscar e fulminar.

Por isso, já não eram as suas noites tão boas, tão bem dormidas, o seu acordar tão alegre de descuidado pensamento que conta com um dia mais de suave deslizar. Maus sonhos, incoerentes, sem forma precisa agitavam-na, embora não chegassem a ser ainda pesadelos.

E Lucinda, pela manhã, inquieta, inquiria do espelho se esses sobressaltos não lhe iriam já alterando a placidez da fisionomia, o correto dos traços, a frescura da tez, como se causas de incipiente recordação devessem de pronto riscar na cetinosa cútis sulcos e vincos, destruindo a harmonia de um todo perfeito, mas que infelizmente conhecia ser frágil e sutil.

Aquietava-se o espelho solícito e verdadeiro, confirmadas as suas reiteradas asseverações pelos elogios que à farta recolhia.

- Nunca a vi tão bela, exclamou D. Helena Glerk saudando-a, numa ocasião, pela manhã no jardim...

E, entre parêntesis, era bem cedo, uma dessas manhãs de penetrante suavidade, como só tem o Rio de Janeiro, raras, aliás, bem raras.

D. Helena ia às pressas desempenhar certa obra de caridade, depois de ouvida missa na matriz da Lagoa, por sinal que trajava com sensível desalinho, a contrastar o todo com um artístico chapéu, trazido da Europa pelo amoroso sobrinho.

- Deveras, insistiu ela, parece que a senhora cada dia vai ficando mais moça. É uma maravilha! E, com a volubilidade de sempre, contou que isso mesmo dissera ao Eduardo, concordando este entusiasticamente. Ah! D. Lucinda era, sem contestação, um ser feliz, protegido por Deus; nascera empelicada. Ninguém a encarecia como o Eduardo e, para que Eduardo gabasse alguém, era preciso que, de fato, valesse muito... A propósito, não andava, satisfeita com ele; achando-o de todo diferente do que fora até ali... Agora muito arredio, amigo de fechar-se no quarto, falando pouco, como que fora deste mundo... Um rapaz outrora tão contente de si e da vida, dado a festas e reuniões, mudar assim, de repente, do pé para a mão... Tinha muito que lhe contar. Estaria em casa às 4 horas? Pois bem, conversaria então com mais vagar. Precisava aconselhar-se, ouvi-la, pois era pessoa de cujo tino fazia o mais elevado conceito. Por enquanto tinha de seguir. Não é que descobrira uma pobre família, casal e sete filhos, que vivia só com 80\$ mensais, prodígio de ordem e decência?! Não recorriam a ninguém, o pai operário do Arsenal de guerra, quase inválido, a mulher um portento de trabalho e economia. As crianças sofriam, o dia inteiro, fome, fome, D. Lucinda! e todas caladinhas, sem chorar, até as pequeninas, santo Cristo! Legítimo drama de todos os momentos! E eles tão pálidos, tão magros e ao mesmo tempo tão resignados! Era de cortar o coração! Mas que dificuldades para lhes fazer aceitar qualquer socorro?! Orgulho do verdadeiro pobre... Ralhava a grande com eles... Passava a ser pecado aos olhos do Onipotente.

Dizia, porém, adeus, adeus! Não tinha mais tempo... Logo, logo, narraria mil coisas.

XVII

À hora indicada, voltou D. Helena, dando mostras de muita fadiga, ainda mais mal ajorcada que de manhã; o gracioso chapéu todo amarrotado e com a vistosa pluma quebrada a meio.

- Que foi isso? Exclamou Lucinda tomada de surpresa. A sua bonita pluma estragada desse modo! Que pena! Um enfeite de tanto gosto, assim perdido!...

- Ora, replicou a outra levantando os ombros com pouco caso; culpa toda do Sr. Eduardo, que me traz da Europa coisas de luxo, quando não me assentam nada e de que não sei cuidar, desajeitada como sou. Ao subir a escadinha de umas águas furtadas para ver um triste velho que está *morre-não-morre*, bati com a cabeça numa viga do telhado, e lá se foi o tal penacho preto, que me dava ares de um mosqueteiro de Luiz XIII.

E, tirando o chapéu, rompeu o pedaço do mal-aventurado adorno e atirou-o fora.

- Assim fica melhor, decidi.

E começou a relatar o emprego do seu dia.

Não podia Lucinda ter idéia do que fizera naquelas 8 ou 9 horas. Correra séca e méca, verdadeiras bibocas, onde jamais supusera pudesse morar gente. Um horror de misérias, este Rio de Janeiro! Mas, também, que bem-aventurança dos desgraçados, cujo sofrimento colhia um olhar de piedade, uma palavra de conforto! A principiar pela família do operário, de eu já lhe falara. Ah! D. Lucinda! Que heroísmo naquele casal! Levava às criancinhas uns grandes pães de leite... E não é que mãe quase proibira os

pequenos de os aceitarem! Tinham almoçado bem, pretextava, acostumavam-se depois mal... E as martirezinhas, com olhos esbugalhados de fome e lábios a tremer, confirmando, com um cabecear medroso, aflitivo, que sim, que sim! Repreendera ela, Helena, áspero a mãe, fizera-a chorar e afinal distribuía os pães, ficando atônita da avidez com que neles mordiam os dentes dos pobrezitos esfaimados...

- Aproveitei, continuou, ter saído por instantes a velha e indaguei de uma pequerrucha de talvez cinco anos: "Então, que é que vocês almoçaram hoje?" Sabe a senhora qual a resposta? - "Uma xicarazinha de café com farinha!". Veja D. Lucinda, uma miserável jacubazinha! E todos eles tão sisudos, comedidos, sobre si, compreendendo que se não comiam à larga é porque pai e mãe não podiam dar-lhes mais. Ah! Não pude conter, ali mesmo, as lágrimas... Não... Não!...

E de novo saltaram aos punhados compridas lágrimas, que muito enterneceram a amiga.

- Quanto a senhora é boa! Disse abraçando-a com meiguice.

Era um defeito que ainda não se curara, acusava-se D. Helena, abalar-se demais. A caridade devia ser sempre plácida, ter o olhar brando, mas límpido e não empanado por intempestiva emoção, que é sempre sinal de fraqueza, indício de uma alma frouxa, efeminada. Mas não estava nela, aliás, sabia-se tão imperfeita, sujeita a grandes desfalecimentos...

- Quero, atalhou Lucinda, ajudar esses seus protegidos, mandar-lhes alguma roupinha... dinheiro...

- Vá com jeito, eles se melindram facilmente... A mulher pertencia à família boa, quase rica, fizera um casamento desigual com um pobre rapaz, professor a princípio, mas que, pouco a pouco, fora afundando. Erraram os dois, não há dúvida; mas carregavam as conseqüências de uma paixão da primeira mocidade com muita nobreza e inquebrantável altivez.

E, a propósito de paixão, tocara Helena no caso do sobrinho. Estava perplexa; mas parecia-lhe que o homem deixara lá pela Europa o coração. Com minúcia expôs a Lucinda vários sintomas corroborantes do seu acerto e pediu opinião franca. Precisava ser guiada, pois dessas histórias de paixão não entendia patavina. Tivera sempre uma única - a igreja, a devoção; mas essa nunca a entristecera nem lhe tirara o apetite; antes pelo contrário, tornara-lhe a existência mais agradável, mais animada e risonha. Estava pronta para morrer quando aprouvesse a Deus nosso Senhor; absolutamente não se aterrava com essa idéia, afagava-a, ao invés, com particular carinho; mas, sinceramente confessava, gostava da vida, achava prazer em viver.

Só pedia aos céus um grande favor, não falecer de repente. Ah! Isso não, precisava preparar-se, anelava sofrer bastante!...

E nesse teor descarçou palavras à maneira de legítimo moinhozinho tibetano - na frase de Anselmo Guerra - a desenrolar tiras e tiras de preces budistas.

Bem sabia a amiga, casara-se com o Sr. Patrik Willis Glerk que ela mal conhecia, por obediência aos pais e não fora nem feliz de todo, nem infeliz.

Protestante, tivera o Sr. Glerk a nímia delicadeza de nunca a estorvar nas práticas de católica militante. Gratidão imensa por isso lhe tributava. Antes de fechar os olhos, chegara até a dizer-lhe:

- Quem sabe, Helena, se a verdade não está com a sua religião?

Visse, visse Lucinda o valor daquela dúvida. Só por ela, muita coisa fora, por certo perdoada à alma do Sr. Glerk. Tinha ele, porém, dias, períodos, do terrível *spleen*, ora muito calado e casmurro, ora frenético, inquieto, rezingão, para não dizer logo, insuportável.

Em matéria de paixão, Lucinda, do seu lado, declarava-se hóspede. Coubera-lhe, mais ou menos, idêntica sorte, com exceção do gênio do Roberto, sempre uniforme, moderado e condescendente.

- Estará, porém, ele, agitava D. Helena, deveras apaixonado? Que tal será essa *cuja*, lá da outra banda? Aqui para nós, pode entrar para o rol das mulheres afortunadas! Inspirar amor a um ente como ele! Tem motivos de não pequeno orgulho. Quem sabe, porém, se não estamos batendo no ar?... O que ele precisa, minha rica amiga, é casar-se...

- Eis uma saída, apoiou Lucinda sorrindo-se vagamente.

- Ou então... Vá consultar um bom médico.

- Não consulte médico, recomenda o Machado de Assis...

- Quem é esse Machado de Assis, algum especialista em moléstias da moda?

Desfeito o equívoco, espraizou-se Helena na sua ignorância de tudo, humildade e desvalor. Quando muito, conhecia inglês, isso mesmo escassamente. Tinha-se, até, em conta de tapadona, bronca, do que, aliás, não se afligia lá muito, nem se vexava, pois contava com a magnanimidade de Quem, lá em cima, teria de julga-la e levar muito erro e cinca à culpa da sua má compreensão e curteza de vistas.

E insistia.

Sim, era preciso que Eduardo se casasse, mas com quem, santo Deus? Que moça no Rio de Janeiro o merecia, estava na altura de semelhante escolha?

- Sobretudo, observou Lucinda, procure ele quem guarde proporção de idade. Nada de disparates.

Ah! Por certo; o mais fora rematada loucura. Tantos exemplos bem tristes na sociedade, desses casamentos desarrazoados! Não havia muitos dias, estivera ela consolando o Mendes Siqueira, toda em prantos, feia, aliás e desengonçada como um socó, por causa das folias do marido, um pelintra de força, todo metido a barítono e a espirituoso, com ares de toureador e umas gravatas vermelhas!...

Eduardo tinha juízo e dignidade demais para semelhantes claudicações. Mas – uma hipótese – se ele estivesse preso lá na Europa, que fazer?

- Então, que parta! Para que estar sofrendo por cá?...

E, notando aflita expressão no rosto da amiga, aditou rápida:

- E fazendo sofrer a senhora?

Lá isso era bem verdade. Declarava-se pronta para todos os sacrifícios; aos seus dissabores daria remédio, agarrando-se com Deus e Maria Santíssima e cuidando dos seus pobres, um não acabar nunca.

E, embrulhando tudo, voltou a falar no velho moribundo, contando que fora ela à matriz da Lagoa buscar o Viatico, seguira a pé atrás do vigário e do sacristão e assistira à comunhão do ancião já nas últimas. Parecia um S. Jerônimo, com barbas imensas, olhar embaciado, mas cheio de unção e reconhecimento. Ah! Que cena! Nada, nesta terra de transição, como procurar ser útil aos mais, fazer bem, ajudar a carregar a cruz que todos têm de arrastar pelo caminho da agonia. Fizesse o Eduardo como ela e não teria motivos nem tempo para sombrias cogitações. Pensara até então, que a paixão fosse efeito da vadiagem e não pouco trabalho; mas via que o sobrinho não descansava um momento. Para assim dizer, não apagava mais a vela, a noite inteirinha. Isso assim não podia continuar, sem que ele ficasse doente e grave. Ah! Tudo aquilo a perturbava de um modo!... Impossível... Quanto ao velho já devia ter morrido; fora, afinal, descansar. Uma feita, lhe confessara que tinha 88 anos, protegido dela desde 1890; exigente no fundo, como se todos tivessem obrigação de lhe aturar os caprichos, rabugices e até malcriação! Não é que, poucos dias antes lhe mandara pedir um pratinho de trouxas de ovos, para matar as saudades, explicava? E lá enviara a gulodice pedida. Noutra vez, zangara-se forte, porque lhe faltara fumo de primeira qualidade, marca Caporal!... Aquele S. Jerônimo... Ora, que burrice! Perdoasse-lhe o glorioso santo... Aquele Sr. Gregório de Assunção lhe fizera comer fogo, deveras abusara demais da sua paciência... Depois da comunhão, perguntara-lhe: "Que mais deseja o senhor?" Ficara indignada com a resposta: "Eu desejava viver!" Visse a sua amiga! Estivera por um triz a dizer-lhe na bochecha: "Ora, vá

bugiar! Pois quase chegado ao fim da viagem, quer voltar atrás? Não pense nisso, Sr. bolas!”. Contivera-se, porém, assegurando-lhe que havia de viver ainda muito tempo.

- O seu dito, D. Lucinda, prosseguiu Helena, saltando de súbito para assunto mui diverso, impressionou-me bastante... Então a senhora é de parecer que ele deve casar?

- Quem? O Sr. Gregório? Perguntou a viúva chasqueando.

- Ora, não seja má comigo... Bem sabe de quem se trata.

- Olhe, porém, que a idéia não foi minha, protestou a outra com viveza.

- Ah! É fato; partiu de mim. Agora bem me lembro. Esta minha cabeça é um ninho de guaxupé, como se diz na minha terra, em S. Gonçalo, onde nasci, pois, nesse tempo, meu pai lá cultivava uma fazendola... Que belos e saudosos os dias da minha infância! Não que tenha de me queixar do destino, lá isso não; muito menos mereci sempre a Deus. Agora o que quero é ver o Eduardo casado... E que acerte! Aliás, como não acertar, se a sorte só tem sorrisos para ele?...

No meio de tantas divagações, ia-se ela, porém, esquecendo do fim de tamanha parolagem, tão fora de horas; anunciar a visita do padre Belmiro de Andrade. Pedira, ao encontrar-se na matriz, que prevenisse D. Lucinda. Estava arranjado um bazar de caridade para os pobres do bairro e ia, de porta em porta, requisitando donativos e prendas para a tal festa. Ela, Helena, não se metia absolutamente nisso, ab... so... lutamente... porque, reprovava com todas as forças essas ocasiões de luxos, competências, intrigas e mexericos. Mas o padre Belmiro era todo *chic*, só melúrias; não saía das grandes rodas. D. Lucinda havia forçosamente de gostar dele, aliás, homem de muito saber, experiência e palavra aproveitável. Estivessem, porém, as nossas elegantes de Botafogo tentas ao que sucedera no Bazar de Caridade, em Paris. Quando a cólera do Senhor acorda é tremenda! Aí tudo devasta pelo fogo, a arma purificadora! Ah! que sermão do frade Olivier! Quanta verdade em todas aquelas cruéis objurgatórias! Tinha toda a razão; estava inspirado do influxo divino; trovejou, fulminou. Castigo medonho, expiação pavorosa; mas necessária. Cumpria rasgar fundo a ferida, para saneá-la, antes de a pensar em regra; conturbar as almas para domá-las, dobra-las ao jugo da fé e prepara-las a receber o bálsamo da consolação...

E mais e mais discursaria a valente devota, se não assomasse ao limiar da porta o gravibundo Jacinto.

- O jantar está na mesa, anunciou, solene sempre.

- Já horas do seu jantar?! Exclamou apavorada D. Helena. Meus Deus, quanto a *caceteei*... Estou de miolo mole.

Lucinda quis retê-la.

- Impossível; preciso ir distrair um pouco o belo tenebroso, se não é capaz de ficar sem comer. Assento-me diante dele e falo... falo!...

- Afinal, a senhora é quem fica em jejum.

- Qual! Não perco uma só garfada... Minha cara, não ando apaixonado. Adeus, adeus!

E lá se foi ela às carreiras, com o chapéu de pluma quebrada todo caído sobre a nuca.

XVIII

Nessa noite apareceu de visita Eduardo Glerk. Fora-se ele acostumando ou, melhor, estabelecera o hábito de freqüentar duas vezes por semana a casa de Lucinda Soares, meia hora, mais ou menos, antes da chegada regular, isócrona do infalível Anselmo Guerra. Essa meia hora dava-lhe momentos de indizível gozo, trazendo uma

como que intimidade, não real e efetiva, mas toda de ordem material. Estavam a sós, era o essencial; quanto por ora lhe bastava.

Experimentava Lucinda, pelo contrário, nesses melindrosos trinta minutos, não pequeno mal-estar, sobressaltada, a cada instante, pelo receio de que tudo quanto, bem às claras, lhe revelavam os apaixonados olhos do oficial da Marinha, o mundo de admiração e fervor que deles irradiava, pudesse afinal explodir e passar a ser expresso em arrebatada linguagem, obrigando-a a respostas e atitude definitivas.

E com esse receio enlaçava-se um quê de ansioso, repassado, contudo, de curiosidade e prazer, que, essencialmente, lhe desagradava à sã razão e ao justo discernimento das coisas.

Disfarçava quanto possível, cortava habilmente qualquer pendor do diálogo ao sentimentalismo e aparentava perfeito desembaraço que de fato só cobrava, ao ver chegar o seu velho amigo. Aí sim, tinha-se por segura e então sem mais constrangimentos se entregava à satisfação de uma boa palestra, animada e, na superfície, de insuspeita cordialidade, toda ela.

Eduardo Glerk era fino conversador, muito viajado e lido, dava gosto ouvi-lo, ora a contar um trecho das suas digressões pelo globo, até África e Ásia, ora a fazer crítica de um livro, ou destrinçar qualquer ponto disputado de política e literatura. E, por vezes, travava discussões bem interessantes e calorosas com Anselmo, que, muito contra sua vontade, se sentia burlado na resolução de antipatia e se via impelido a longas controvérsias, quando quisera fechar-se, carrancudo e severo, no mais significativo silêncio.

Da parte do outro havia exatamente como que positivo empenho em conseguir dele expansões e apreço, no que punha todo o seu talento de sedução. De pronto lhe sondara os fracos e sabia lisonjeá-los, com jeito e ao mesmo tempo sinceridade, porquanto em tudo punha uma nota leal.

Era, pois, com verdadeiro interesse de aproveitar, que, por exemplo, lhe perguntava o parecer sobre certas delicadezas do português, seus idiotismos ou então confusões derivadas do modo de falar e escrever brasileiros.

- Esbarrei hoje, declarara ele uma vez, num ponto do meu relatório com uma locução que me deixou perplexo: *fazer-se de forte ou fazer-se forte*? O senhor que conhece bem a língua esclareça-me isso.

Vencido o primeiro óbice da modéstia, que mal disfarçava o amor-próprio suavemente bafejado, explicara Anselmo que *fazer-se de* era um brasileirismo, justificável quicá como qualquer outro. Nos clássicos, porém, fonte obrigada de assíduo compulsar, só se encontrava, *fazer-se* seguido logo da qualificante, quando intransitivo, então, da preposição *de*; assim, *fazer de forte, de calmo, etc.*, ou *fazer-se forte, calmo, etc.*, por simular, fingir.

- Pois eu cá, interviera Lucinda, direi sempre *fazer-se de*; está mais ao meu sabor brasileiro; nisso ponho, ou melhor, d'ora em diante, porei um salzinho de patriotismo. Mas, Sr. Anselmo, não é tão comum a expressão *fazer-se de rogado*?

Concordara o pedagogo que, de fato, assim era, parecendo-lhe talvez essa uma exceção à regra.

- Fico eu ainda mais atrapalhado, observara com chiste Eduardo. De um lado, o conselho bem fundamentado e que respeito do Sr. Guerra; do outro, a opinião de D. Lucinda, que até faz questão de patriotismo...

E, desse modo, um sem conta de incidentezinhos no correr da conversação que, de momento, agradavam a Anselmo, mas, depois, no isolamento do seu quartinho de solteiro, o agastavam, o punham desconfiado, como se fora vítima de meditada cativação, tramada com calculado maquiavelismo.

- O tal Sr. Eduardo Glerk, reflexionava ele dobrando a roupa com a cautela de todos os dias, é um sujeito perigoso!... Preciso estar de alcatéia por mim e por...

Nunca dizia por quem mais.

Desde o começo, porém, da tal meia hora daquela noite, mostrara-se Eduardo Glerk menos sóbrio de palavras que de costume, mais alegre, quase risonho.

- Sabe, D. Lucinda, disse ao sentar-se defronte da viúva, acomodada no canapé – uma larga cadeira de permeio aos dois – de que se lembrou hoje minha tia? Não é possível adivinhar. Fez-me deveras soltar uma boa gargalhada, a mim, que não ando com disposições de galhofas.

- O senhor, com efeito, ainda trouxe certo ar prazenteiro, que – deixe lhe dizer com franqueza, talvez inconveniente – lhe assenta muito mais, do que melancolias e rosto amarrado.

- Enfim, houve já essa vantagem para mim, merecer uma palavrinha sua... de simpatia.

- Que lhe disse, porém, D. Helena? Nada que não fosse para benefício seu...

- Esteve-me pregando... e com que razões, nem imagina!... esteve-me aconselhando... caí das nuvens, pasmo, tonto!... casamento. Eu, casar-me? Mas que absurdo!... Porventura posso pensar nisso ou em qualquer coisa deste mundo, quando tenho o futuro perdido... Quando de todo não sei o que há de ser de mim amanhã, em vésperas de desgostos imensos que estão por uma dependura, quem sabe? Bem perto da morte, cujo frio por vezes já tenho sentido?

- Oh! Santo Deus, que tragédia essa! Interrompeu em tom de gracejo Lucinda.

Deveras, porém, fria se sentiu ela, chegada talvez ao momento decisivo de que tanto se arreceava.

Uma voz, um *Dê licença* vindo da porta da entrada, de súbito a reanimou.

Era Anselmo Guerra, que adiantara a hora da costumeira visita e chegava mais cedo, e, também, muito a propósito.

E, fato singular e próprio das hesitações e complexidades do espírito humano, aquela inopinada interferência deu igualmente alívio ao arroubado mancebo, desviando-o, pelo menos por enquanto, de áspero caminho que o havia de levar a bem duras provações.

Nem jamais se mostrou tão de posse de si e espirituoso. À saída, porém, achou meios de, rápido e à meia voz, observar com amargo entono:

- Uma palavra sua, D. Lucinda, confirmou a máxima de um pensador inglês: "A vida é tragédia para quem sente e não se domina; comédia para os que refletem e se resguardam". É a nossa situação recíproca, minha e da senhora.

XIX

Não faltou o padre Belmiro de Andrade à entrevista anunciada. Era um tipo de homem nada vulgar. De estatura pouco elevada, tinha cabeça pequena em relação ao corpo, traços miúdos e regulares, embora a cara toda picada de sinais de bexigas confluentes, de que estivera à morte em criança, assim mesmo o narizinho muito correto, aquilino, com a sua ligeira e curiosa serrilha. A testa era larga e abaulada, os lábios breves, com certa contratura e expressão entre benévolo sorriso e uns laivos de ironia. Já entrado em anos e de compleição franzina, trazia muito tratados os cabelos brancos, em cujas pontas costumava, com os dedos da mão esquerda, fazer e desfazer caracóis, sobretudo quando meditava nas suas respostas, em diapasão sempre macio, baixo, às vezes quase imperceptível murmúrio. Caprichava em dar à voz inflexões aflautadas, musicais, e qualquer esforço para ergue-la um tanto mais, ou por estudo ou na realidade, parecia custar-lhe bastante. Afastara-se também do púlpito sagrado, bem que a frase lhe corresse fácil, dúctil, persuasiva e castiça.

Diziam-no português; e o seria, mas português distinto, pois os seus modos, a sua afabilidade, a sua compostura um tanto afetada e delicadeza de conceitos o punham muito, muito longe da classe desses padres abrutalhados, sórdidos, ignorantes e presa de grosseira luxúria, tão insistentemente descritos por Eça de Queirós e seus discípulos de escola, como peculiares à terra lusitana. Se lá nascera e se educara, conforme teimosamente afirmavam muitos, constituíra-se exceção da regra, antinomia completa, radical dos produtos clericais daquele solo.

Notavelmente instruído, erudito quase, conhecedor exato dos quinhentistas e das sutilezas da língua vernácula, dizia-se ele filho do Maranhão; mas com alguma agudeza os seus inimigos – e no clero os tinha em não pequeno número, que o acoimavam de intrigante e hipócrita – faziam cabedal da freqüência das suas idas a Lisboa, ao passo que nunca mais pusera os pés na pátria de Gonçalves Dias, se porventura lá tivesse algum dia estado, quanto mais nascido.

Fora capelão do Exército, e do seu contato com as armas na campanha do Paraguai, onde prestara bons serviços patenteando muita dedicação, sempre um tanto espalhafatosa, contudo, no cumprimento dos deveres sacerdotais, guardara hábitos e ademanos de mando e imposição muito característicos e de efeito salutar no ânimo de quantos lhe ouviam a lição.

Contava-se, que possuía bens de fortuna e avultados, sendo o seu defeito capital o gosto de entesourar, tal ou qual avidez de dinheiro, sem, todavia, fazer questão de paga no exercício das suas funções. E as numerosas clientes, quase todas senhoras da boa sociedade, retribuía-lhe os serviços espirituais como bem lhes aprazia e de todos os modos, já o simples e cômodo papel-moeda, incluído em perfumados envelopes, já presentes e donativos de várias espécies, doces, frutas, até pratinhos de petiscos e acepipados quitutes, já bordados, crivos e rendas, ou peças de linho e até jóias de bom quilate e mimoso lavor. O que parecia, porém, causar-lhe mais satisfação eram moedinhas de ouro e prata, particularmente aquelas, modernas e antigas, por causa da coleção numismática, que, segundo assoalhava, estava reunindo e classificando, mas que, à paridade, ninguém nunca pudera ver e examinar.

No bonito chalezinho, propriedade sua, à rua da Real Grandeza, rodeado de vasto jardim muito zelado e em que cultivava variedades de roseiras aos centos – a sua paixão dominante – dava ele, todos os dias, das dez horas às quatro da tarde, verdadeiras consultas de médico de almas, palestras de feição dulcificante, amistosa, em que, na penumbra de uma salazinha de visitas, toda catita, atulhada de elegantes preciosidades e com as venezianas a meio cerradas, as consciências se abriam veleiras e, confiantes e gratas, se deixavam devassar pelo olhar bondoso e todo condescendências do perspicaz e amestrado investigador.

Não pouco de profano havia nessas conferências, meio termo entre simples pedidos de conselho sobre dúvidas íntimas e a confissão formal, rigorosa e consoante aos preceitos da Igreja; mas, também, não raro, sabia ele imprimir-lhes subitâneo cunho de solenidade, obrigando a cliente, recalcitrante e amiga de objetar e discutir, a prostrar-se aos seus pés e escuta-lo, já então como penitente, na exprobração ríspida dos seus transvíos e erros.

Tinha o segredo da frase incisiva, da expressão apropriada e enérgica que calava fundo na mente de quem a merecesse, arripiando, só por ela, carreira em vereda dúbia, senão já de todo criminosa.

Assim, uma vez, fora procurado por uma senhora que se mostrava muito exaltada contra o marido. Amando-o extremosamente, tinha certeza de contínuas e até indecorosas infidelidades. “Não posso mais, dizia ela com os olhos a chamejar, hei de vingar-me!” “Mas vingar-te como, filha? Procura chamá-lo a ti pela dignidade e prática da virtude.” “Não, farei o que ele faz, Sr. padre; impossível mais paciência e honestidade, do que tenho tido até agora; não posso mais!”. “Quer isto dizer, replicou Belmiro de Andrade, sibilando quase os vocábulos de tão apertados que tinha os

lábios, que te pesa já esse papel de decência e retidão". "Isso não; pelo amor de Deus, não faça tão mau juízo de mim!" Protestou, aterrada e com fogo, a esposa ofendida, rompendo em copioso pranto.

Deixou-a o padre chorar longamente. Ou enroscava nos dedos os anéis dos seus belos cabelos brancos, ou tomava pitadinhas de rapé canjica, piparotando, um a um, das dobras da batina, muito caprichoso, como era, em tudo quanto importava asseio das suas roupagens. E o lenço que de leve passava pelas narinas trescalava discreto aroma.

Em certo ponto, continuou ele com voz insinuante:

- Compreendo bem quanto deves sofrer, filha; escusado é, pois, insistirmos nisso. Grava, porém, na tua lembrança o que te vou dizer. Não modifiques em nada o teu modo de proceder até hoje; serás recompensada. Olha bem: no dia seguinte ao da tua pretendida vindita, tu, lealmente virtuosa, te havias de sentir o ente mais vil, mais indigno, mais nojento da terra. O que teu marido faz te pareceriam de repente simples levandades, ao passo que a tua culpa, aos teus próprios olhos te esmagaria aniquilada no chão da ignomínia. Verias então a diferença entre macular e ficar maculado; dar uma bofetada, por exemplo, ou recebe-la em plena face. Apela para o tempo; sempre traz solução a grandes dificuldades. Teu marido voltará com certeza a ti, desenganado e arrependido da sua vida de dissolução e inseqüências. Uma vez culpada, embora protegida, na melhor das hipóteses, por impenetrável mistério, nunca mais te seria possível acolhe-lo com serenidade e alegria; e essa insanável destruição da tua felicidade a ti só te havia de caber, obra de uma instigação tão baixa e miserável, qual a ânsia de momentâneo esforço.

O certo é que a ultrajada esposa de todo abandonara qualquer plano de vingança e pôde ver realizada, com imensa exultação, a profecia do padre Belmiro.

Noutra ocasião, vira ele chegar à sua vivenda, e por sinal bastante abatida, uma das mais antigas e generosas clientes, Anália de Souza. Vinha falar-lhe num caso que a inquietava e afligia, de umas semanas àquela parte. Não precisava contar-lhe a vida, que ele bem conhecia. Casada havia já cerca de uns vinte e dois anos, bonita ainda, em pleno outono de reputada beleza, feliz sempre, adorada pelo marido que buscava adivinhar-lhe os pensamentos, abastado como era, tinha um filho único, de dezoito para dezenove anos, motivo só de orgulho e estremecimento, estudioso, morigerado, cheio de carinhos e afagos.

Pois bem, de certo tempo, ficara esse menino esquivo, sombrio, arredo às suas meiguices e boas palavras, taciturno e a procurar muito mais o pai do que a ela. Por que? Que devia fazer para coibir manifestações de mais positivo desagrado e de novo chamá-lo ao seu amor, magoada como se ia sentindo?

- Cumpre, replicou o padre, após curta pausa, averiguarmos as causas dessa mudança, pois tudo, no mundo moral como no físico, tem uma origem lógica. Não é de um gênio refletido, qual o de teu filho, que se devem esperar inversões dessas, caprichosas e repentinas. A que deves atribui-la, filha? Pensa bem e responde-me com lealdade.

Esse tratamento de tu, o atuar do português clássico ou, conforme à moderna já se vai dizendo, o tutear, era muito do sabor de Belmiro de Andrade, e, até nisso, enxergavam os seus desafetos mais uma prova da procedência transatlântica.

- Por acaso, continuou ele, não mudaste, cá do teu lado? Nada se deu no teu modo de ser, que importasse modificação, por pequena que fosse?

Nada absolutamente, replicara Anália. Impossível maior empenho em rodeá-lo de carícias e festas. Tudo recebia com ar de enfado, feição constrangida, afastava-se silencioso, fugia dela, tão amantético outrora, tão amigo de lhe contar as novidades da rua do Ouvidor e da academia, de distrai-la, de fazê-la rir.

- Bem singular, na verdade, murmurou Belmiro; mas, torno a perguntar-te; nada mudou em tua casa, em torno de ti e dele? Repara bem...

Na resposta, achou precipitação demais, exagerada, como que resquícios de perturbação, um movimento de dúvida.

Sentado como estava, sem mudar de posição, disse em tom imperativo e que não admitia réplica:

- Ajoelha-te, filha; precisas elucidar-me em confissão a verdade inteira.

Obedeceu Anália; caiu de joelhos e, com voz alquebrada, balbuciu humilde:

- Eis-me a seus pés, meu padre... Que devo fazer?

- Reza alto o *Eu Pecador* e abre sem rebuço o teu coração.

Tolhida de vexame, com largas reticências, narrou então que, na realidade, desde algum tempo, um amigo antigo da casa, em que todos depositavam a mais plena confiança, começara a fazer-lhe apertada corte. Reconhecia que ela a recebera, a princípio como mero passatempo; e pouco a pouco, porém, se fora prendendo, meio inclinada por quem, em momentos de mais reflexão, considerava indigno, infame, destruidor do seu sossego e felicidade.

Odiava-o quando ausente; mas na sua presença achava-lhe graça, sentia-se enleada, agradavam-lhe as suas audácias, embora as fosse repelindo. Uma vez – e abaixou a voz com intenso pejo – o filho, entrando de súbito numa saleta onde ela se achava com esse pérfido amigo, vira-o depor-lhe um beijo na face. Que horroroso momento! O rapaz dera surdo grito de pasmo e dor e, sem dizer palavra, retirara-se acabrunhado.

- Basta, atalhou o padre. Cala-te agora e medita comigo.

Fez-se longo silêncio; Belmiro concentrado, a penitente de joelhos ao seu lado, com as mãos postas em atitude desolada, mas sem poder ter o lenitivo das lágrimas.

Após algum tempo, fê-la o confessor levantar-se e sentar-se de novo.

- Não te dou a absolvição, disse com vagar e tristeza. Não me cabe dar-ta. Compete ela ao teu filho, ouviste? No dia em que ele voltar a ti, prazenteiro como dantes, a terás inteira. Para tanto só há um remédio – expulsar o inimigo da tua honra e do teu lar. Nada de escarcéu. Bem sabes como deves agir. Qualquer sinal de real indignação porá logo cobro a essa feia aventura. Sem atenuante possível, não passa de um capricho serôdio e ridículo. Atende bem – não incorras no desprezo do teu filho; nada mais cruel para um coração de mãe...

- Oh! Meu Deus! Exclamou Anália no auge da angústia... Desprezada por Armando! Tudo... Tudo menos isso! Meu filho... Degradada para sempre aos seus olhos? Não, mil vezes não! Essa idéia... Mata-me... É atroz!

E com os olhos secos, ardentes, quase perdeu os sentidos.

Consolou-a o padre com a perspectiva e até certeza do pronto serenar das coisas; mas, à saída, repetiu-lhe, grave, imperioso:

- Não incorras no desprezo de teu filho!...

Tal era o padre Belmiro de Andrade.

XX

Dos mais cordiais e agradáveis foi o colóquio entre o sacerdote e Lucinda Soares. Com muito tato e moderação gabou ele quanto viu no jardim e na casa, a ordem e bom gosto que a tudo presidia, dando ao conjunto uma impressão harmônica de bem-estar, placidez e honestidade.

- Uma moldura condigna da sua beleza, minha senhora. Padre velho como eu, é-me lícito dizer a verdade por completo. E essa formosura tem o mais peregrino dos adornos – a virtude.

Expôs então o fim da sua visita, o tal bazar, cujo produto se destinava a aliviar sofrimentos da gente do bairro, muito maiores do que poderiam supor egoístas e inconscientes. D. Helena Glerk bem sabia do que por ele se passava, tão solícita em procurar minora-los, talvez com exagero. *Nequid nimis*, dizia-lhe de contínuo, sofrendo ímpetos, que lhe punham em risco saúde e até vida.

Não havia sacrifício que a fizesse recuar. Admirável a sua caridade, o seu entusiasmo pelo bem! Não fazia muito tempo, chegara a insuflar ar nos brônquios de uma criancinha diftérica, encostando a boca à da pobre agonizante. Não, assim era demais! Essa senhora não se poupava.

E insinuou umas censurinhas jeitosas, leves e veladas a outras que, dotadas de coração bondoso e cheio de excelentes intenções, se deixavam subjugar pela inércia e julgavam ter feito tudo quanto lhes competia fazer na sociedade, atirando migalhas do muito que desperdiçavam em nonadas de vã ostentação.

O bazar que estava organizando dava-lhe, referiu, muito trabalho; mas ao mesmo tempo bastante satisfação. Entretanto, não poucos tropeços tivera já que vencer, para conciliar interesses de vaidade, desfazer atritos e impedir rompimentos entre senhoras que se diziam amigas íntimas, devotadíssimas. Todas queriam ser diretoras dos balcões de venda ou neles incluir como caixeiras filhas e parentas. Ninguém cedia a precedência. Procedera ele, porém com o maior escrúpulo e espírito de justiça, buscando para tais encargos gente de escol, pessoas dignas de toda a consideração e confiança. Queria imprimir àquela festa, que prometia ser brilhantíssima, cunho de perfeita seriedade, sem excluir a alegria e animação, tudo, porém, dentro dos limites do maior comedimento e irrepreensível bom tom.

Lembrara-se de Lucinda para lhe entregar um daqueles balcões; designasse ela as suas caixeiras.

- Não posso, Sr. padre, objetou a viúva e, para tal recusa, que me vexa, por desejar servi-lo e ser-lhe amável, dou-lhe poderosa razão. Não está isso no meu gênio; não me sinto com desembaraço para dar conta dessa incumbência, acostumada como estou, de há muito, a viver longe do bulício das grandes rodas, conhecendo a muito poucos e no meio de um círculo extremante restrito de amigos.

Não queria Belmiro de forma alguma contraria-la; aplaudiu até a franqueza e discernimento com que lhe falava.

Daria, contudo, Lucinda uma caixeira que havia de preencher devidamente quase todas as condições exigidas; primeiro que tudo, bonita, muito bonita mesmo, sua priminha Hercília Ramos...

Sorriu o padre com finura e disse, lisonjeiro:

- Vejo que é dom de família, a beleza, Com efeito, um rosto formoso, num bazar, é um bom anzol...

E, numa talvez descaída de delicadeza, acrescentou:

- para os peixinhos tontos e inexperientes. Peço, porém, prendas, sobretudo coisa feita pela mão das doadoras.

- Mandarei estes dois vasos, alguns bibelôs e mais aquela anforazinha de Sévres.

Encareceu Belmiro de Andrade a preciosa porcelana e, como amador seguro que era, aconselhou-lhe que guardasse o Sévres, tão valioso e raro o achava, admirável na translucidez, no esbelto das linhas e peregrina pintura – uma paisagem em dia sereno, cercada de finíssimos arabescos.

Não aceito a ânfora, disse com entono meigo, deixe-a ficar onde está, no sossego desta bela sala. Aos meus olhos, sempre um tanto fantasiosos, como que encerra a sua felicidade... Uma grácil mascote.

- Bem frágil, contudo...

- Como é sempre a felicidade, filha. Não se tem ela, porém, conservado íntegra, intacta, anos e anos? Assim há de perdurar, tenho a certeza.

E levantou-se.

Pediú Lucinda então licença para lhe entregar, desde logo, uma pequena esportula, destinada aos trabalhos de preparo do bazar, 400\$000 dentro dum envelope.

Agradeceu Belmiro e despediu-se.

Parecia, porém, retirar-se a custo e explicou:

- Acho-me tão bem aqui e tanto me agrada a senhora, que me vou saudoso.

Na saleta da entrada, esteve olhando para uns bons painéis e, ainda aí, se mostrou conhecedor na especialidade.

- Oh! Um legítimo Courbet exclamou, eis o que, decerto não contava encontrar. Até em matéria de quadros este Rio de Janeiro tem mil revelações... Traz-nos cada surpresa!

E, de pé como estavam, falaram sobre pintura.

- A senhora deixa-me pasmo, observou ele em certo ponto. Vejo que não desperdiçou o tempo em futilidades; estudou deveras. Quando me der a honra de me procurar em minha casa, por qualquer motivo que a leve a precisar dos conselhos de um padre velho e com alguma experiência, mostrar-lhe-ei um Carot autêntico, delicioso. Muito me serve nas horas de concentração. Parece então que percebo o ligeiro frêmito das folhas ao perpassar de ténue brisa pelas delgadas árvores.

E, distraidamente, pegou uma brochura colocada sobre um consolo e, naquela ocasião, a meio lida por Lucinda.

- *Complicações sentimentais*, de Bourget. Bem interessante, como tudo que sai da pena do arguto pensador, minucioso talvez demais...

E risonho:

- Cuidado com as tais complicações, filha! Eis, porém, uma coisa que levo para o meu bazar, este marcador de livro. Bordado por suas mãos, muito vale.

- Mas já tem uso, Sr. padre.

- Melhor... E que bela, a concisa inscrição... *Remember!* Última palavra de Carlos I no cadafalso, enigma que a história nunca pôde decifrar! *Remember!* Lembrar-se!... Mas de quê? Não constitui, porém, o encanto da vida?... Recordar-se é o nosso martírio, mas também o nosso consolo...

E retirou-se após cerimoniosa cortesia.

XXI

Completo e, mais que isso, estrondoso o êxito da venda de caridade do padre Belmiro de Andrade nos amplos salões do Clube de Regatas, em Botafogo. Ultrapassou toda a expectativa pelo seletos da sociedade que a ela acudiu, aprimorado gosto a resultados pecuniários.

Mandara Lucinda convidar a sua jovem prima Hercília Ramos, tão fresca, louça e atraente no desabrochar dos seus deliciosos dezoito anos, e fizera empenho em realçar-lhe os dotes pelos cuidados com que soube prestigia-los, substituindo certos enfeites do vestido e suprimindo outros. Penteou-a, ela própria, buscando a moda que mais lhe quadrava ao rosto, de clássico oval. E enquanto manuseava os seus bastos e longos cabelos, de um louro quente, veneziano, pensava, de si para si, que bem pudera aquela adorável criatura ser valioso anteparo, como que salvador para-raio, ao amor que tão intempestivamente lhe estava, a ela, perturbando a vida.

- Se Eduardo, reflexionava, se apaixonasse por Hercília, se inflamasse por tanta mocidade, se desviasse, enfim, de mim, deixando-me sossegada! De bom grado havia eu de concorrer para casa-los... Oh, sim!

E essa idéia, a um tempo, lhe sorria à mente e a pungia. Pareceu-lhe até possível base de um plano que, mais tarde e com tática, deveria desenvolver e fazer medrar.

Causou sensação a entrada das duas primas. E naquela noite, nem de propósito, os encantos de Lucinda Soares, como que em súbito renascimento, numa rivalidade de tácita e instintiva luta com a esplêndida juventude de uma rival, tanto e tanto fulguraram, que difícil era contempla-la sem estacar de admiração.

- Mais bonita ainda que a Hercília, sentenciava a voz geral.

Aproximara-se Eduardo Glerk, trazendo nas feições, pela intensa palidez e brilho febril dos olhos, bem estampados os estragos da paixão que, já vencido e desalentado, atrozmente o torturava.

- Tudo quanto a rodeia, disse meio acanhado, fica logo tão belo! A sua prima ganha muito em estar ao seu lado...

- Nada de lisonjas, replicou ela séria; não assenta num homem de espírito...

- Lisonja?!... A senhora chega a assombrar-me.

- Agora, observou Lucinda, risonha, embora descorando, o senhor faz de mim uma cabeça de Medusa?

Sentiu-se Eduardo ofendido.

- Bem; vejo que não me quer compreender! Sou-lhe antipático. E que fazer senão curvar-me ao destino?

Fora Hercília ramos tomar o seu lugar de caixeira e, como era natural e bem predissera o padre, não tardou que aquele balcão de prendas se tornasse o mais procurado, o ponto de atração da sala toda.

Tudo quanto a gentil menina oferecia à venda, apregoando preços fabulosos, era comprado sem vacilação. Distinguiu-se nesse afã, impossibilitando concorrentes à posse de mil ninharias, um mocetão bem apessoado, vestido no último apuro, que, desde o começo da noite, não arredara pé de junto à sedutora rapariga. Diziam-no muito inteligente e destinado a vantajosa carreira, o Moreira Passos, já deputado federal até.

Era um casamento feito, correria logo pelos círculos do bazar de boca em boca.

Entre ele e Eduardo Glerk ocorreu rápido incidente, mas que deu muito que falar.

Em certo ponto da festa. Hercília Ramos pôs em licitação um marcador de livro.

- Foi bordado por minha prima Lucinda, anunciou alto, corando de tanta audácia.

- Ora, Hercília; repreendeu Lucinda, sentada ao lado, que história!

- Qual o preço? disseram apressados e a um tempo Eduardo e o outro.

- Vinte mil réis, replicou a caixeira; creio que não é caro.

- Dou cinqüenta! Propôs o Passos.

- E eu duzentos! Lançou o oficial de Marinha, puxando logo pela carteira e com mal reprimida fúria que causou estranheza.

Ah! Esse marcador de livro, tão inocente e a meio desbotado, que causa de delirante sofrimento para aquela alma devastada por medonho temporal! Nas inconstâncias da razão desvairada, parecia-lhe claro que o tal homem amava Lucinda, queria-a para si, era provavelmente o obstáculo, que lhe impedia o acesso do disputado coração. E, então, nas ânsias da noite da mais agra insônia, em tudo enxergava a confirmação das suas cruciantes suspeitas! Afigurava-se-lhe positivo, certo, que os dois, havia muito, se amavam, se pertenciam até. "São amantes, rugia ele passeando pelo quarto, não há dúvida, não há dúvida possível!" E rememorava quantas condições se juntavam no imaginário inimigo para agradar às mulheres, até a

posição política, e, por contraste, se via amesquinhado, feio, sem valor na sociedade, repelente até.

Que significava aquela palavra *remember!* Senão um apelo humilde, uma prece, uma súplica para que sempre, sempre, a todos os instantes, se lembrasse de quem tanto o estremecia? Que infames! Ela, tão superior, tão Angélica nos modos, nos traços puríssimos e adorados – adorados, não, odiados oh! Sim, causavam-lhe ódio na hipócrita candura – descer a tanta degradação, pedir uma esmola de amor! E ele, recuar miseravelmente ante os olhos da sua amante por uma questão de dinheiro! Que vilania!

Ah! Quão bem empregados duzentos mil réis! Que lição de mestre dera aos dois! Começara já a sua vingança e não havia de parar aí. Tiraria desforra completa, desvendando a todos tão ignóbil comédia e provocando um escândalo que se tornaria, por muito tempo, motivo de pasmo para todo o Rio de Janeiro! Não duvidaria ir até o crime... Morreria depois!

E, no auge da exasperação, picou a canivetadas e em pedacinhos o desastrado marcador de livro.

Só quando começou a raiar a sanguínea e fresca madrugada, no expressivo verso do poeta, é que Eduardo Glerk conseguiu algum repouso, atirando-se, vestido como estava, sobre a cama defronte da janela, escancarada à aragem e aos eflúvios do suave alvorecer.

XXII

Afinal falou Eduardo Glerk.

E falou com abundância, arrebatamento, eloquência, quando supusera não poder senão balbuciar palavras desconexas e frases sem sentido.

Sabia que não merecia nada, que era um pobre infeliz, indigno até de qualquer piedade, mas já lhe não era possível guardar silêncio. Tinha que abrir o peito a qualquer expansão, fossem quais fossem as conseqüências, houvesse ele de ser para sempre expulso daquela sala, que se constituíra um paraíso único na terra, um cantinho do céu, o altar em que depositava com imenso fervor a oferta de uma adoração, como jamais houver igual no mundo.

E contou tudo quanto fizera para dominar-se, apartar-se de Lucinda, fugir dela, convencido, desde princípio, que nunca haveria de alcançar a mais insignificante parcela de comiseração, um gesto de condescendência em resposta a padecimento inexprimíveis, inauditos, ânsias de todos os momentos, a quebrar-lhe as forças, a aniquilar-lhe o desejo de viver e a antepor-lhe, como solução certa, como lenitivo único, a destruição, o acabar de tudo. Não era aquilo melodrama, porém, sim, a realidade simples, inteira, singela, mas aterradora como afinal é, a cada passo, na existência a morte!

Havia já amado, havia sido amado e muito, dizia-o sem alarde; jamais, porém, imaginara que a paixão pudesse no coração humano tomar tão medonhas proporções.

Afrontara na sua carreira não poucos temporais, contemplara sereno a cólera desordenada dos mares revoltos, ondas que desafiavam astros, mas agora todos os furacões unidos, de tropel, se lhe desencadeavam na malsinada alma, como se fora um oceano com a sua imensa amplitude. Quão pequeno, contudo, para tamanhas violências, quão estreita arena para tão grande devastação!

Ao sopro daquela fúria descompassada, rompiam-se-lhe todas as fibras. Tinha por certo que pouco faltava para que a última se partisse, libertando-o de tanto sofrer.

Ah! Sim, queria a morte, por ela clamava, já que tudo conspirava contra a mínima possibilidade de salvação. E tão pouco, entretanto, bastara para alivia-lo de tanta agonia! Um só aceno de brandura, uma simples palavra mais suave de lábios sempre tão severos e cerrados: "Vive, sim, ordeno-te que vivas; adora-me de longe, do teu lugar, respeitoso, humilde, vassalo submisso, acorrentado, escravo eterno, exultante de tanto teres conseguido, preso à tua palavra de honra, à promessa sagrada de nada mais poderes impetrar, nada mais te passar pela mente, alcançada essa ventura única, inexcedível, acima de todas as grandezas da terra e até do céu!".

E tão leal era Eduardo Glerk na sua ardente declaração, tamanho cunho de verdade e império lhe imprimia num tom velado e vibrante, numa atitude de timidez vencida após ingentes embates, que nem de leve reçumbravam quaisquer laivos de insincero aos olhos de Lucinda. Conservava ela, entretanto, o sangue frio necessário e a todo o trans queria mantê-lo. Por vezes, porém, sentia um tal ou qual afrouxamento da vontade, o temor, embora fugaz, de se deixar, de súbito, arrastar a perigosa simpatia.

Assim acontece a quem, em grato passeio por floridas Campinas, rodeado de risonhas perspectivas, margeia hiantes cortes de terra, profundos, abruptos e desprotegidos, e agita, por mais rápido que seja, a eventualidade de neles se deixar despenhar, empuxado por momentânea, mas caprichosa atração.

Queria interromper o arrebatado mancebo, e não podia, tal o fluxo de palavras que a rodeavam como que de uma atmosfera abrasadora, elétrica, desprendida de possantes e entorpecedoras correntes.

Reagia ora resoluta, ora menos valente, contra a repercussão das terríveis impressões que ele lhe ia descrevendo com ardorosa minúcia, numa admirável fertilidade de termos e comparações e tropos, tudo com a naturalidade de inspirado orador, ou melhor ainda, quase sem consciência do que estava dizendo, sem calcular efeitos, ao acaso, numa espontaneidade completa, nada estudada, de momento, irresistível, impetuosa.

E quanto refletia a bela fisionomia de Eduardo a intensidade do seu padecimento!

Como luziam, chamejavam, as negras pupilas!

- Ah! sim! Prorrompeu ele, o que, no meio de tudo, constitui alegria que por nada trocarei é suportar tanto para ter o direito de amá-la. Imensamente gozo de padecer o que padeço, todas as torturas imagináveis, e isso desde o primeiro passo que dei ao seu encontro quando o meu olhar se ergueu para o seu rosto divino! Pode desprezar-me, rir-se à minha custa, fazer de mim simples juguete, enxotar-me da sua presença, dou tudo, tudo por bem empregado. Nada lhe pedirei. Já muito obtive, neste curto desabafo; poder desapertar um pouco as férreas cadeias que arrocham a minha desgraçada alma e a estortegam dia e noite. Este meu peito arde em chamas, é indomável vulcão, tinha por força que romper passagem, derrubando todos os óbices da timidez, do respeito e da consciência do meu nenhum valor, que por largo tempo o conculcaram. Pelo amor de Deus, perdão, perdão, D. Lucinda! Apelo para toda a sua generosidade, a complacência de um ser acima de todas as misérias, intangível, nascido só para a felicidade e protegido, desde o berço com bem justo carinho pela meiguice do destino. Tenha pena de quem está no pólo oposto, batido da sorte, estirado no chão da desgraça, sujeito a todos os suplícios que se contém na natureza inteira, ela também criada para amarguras e dores. Seja o seu olhar, um só, um só, não almejo mais, a gota d'água pura e caridosa com que Esmeralda refrigerou os lábios de fel de Quasímodo, a estorcer-se de angústia no alto do infamante pelourinho!

- Não prossiga, Sr. Glerk, atalhou Lucinda aflita e ofegante. Para que mundos me quer o senhor levar? Não consinto absolutamente que me fale assim, me diga coisas dessas!

Protestava Lucinda, mas Eduardo Glerk prosseguia no arroubado expandir do que lhe ia pela alma, numa entoação baixa, doce, querelosa, como regato que desliza meio sussurrante em felpudo tapete de relva.

Queria ela levantar-se, pôr termo à ebriedade hipnótica que a ia invadindo e não podia. Sem se mexer, parecia-lhe que, por vezes, se erguera de pé e tornara a cair sentada, vencida, sem forças.

E aquela murmurante voz a embalava acalentadora, a envolvia como que de quente e macio arminho, mágico manto que, voando pelos espaços, a transportava às regiões do sonho.

Ali, a sós, sem mais ninguém junto de si, vagueava, em plácido e melancólico cismar, por encantados e nunca vistos jardins. Perfumadas auras, leves, breves, beijavam-lhe a face, brincavam nos seus cabelos, ao passo que aos olhos enleados se alargavam perspectivas de indizível magia, iluminadas por uma luz igual, irradiada de um foco azulão e fosco.

Mil flores, do colorido mais vivo e das formas mais variadas, quase todas exóticas e desconhecidas, desabrochavam sob os seus passos e de cada uma delas pulavam, ora para os ares, ora para o solo, uns geniozinhos alados pequeníssimos, lindos, que a cercavam de um ruflarzinho de asas microscópicas ou a encaravam risonhos, espirituosos, empertigados petulantemente nas perninhas de minúsculos anãos.

E de todos os lados voejavam elfos e trasgozinhos vestidos de fúlgidos reflexos, montados em grandes borboletas e fascinantes colibris. Não poucos, no chão, escanchados em agigantados caramujos de conchas nacaradas, os iam guinado por entre as ervinhas com fios de aranha, orvalhados de rocio, à guisa de adamantinas rédeas.

Entrara Lucinda no reino vaporoso, ideal, de Oberon e Titânia, criado pela estupenda e radiosa fantasia de Shakespeare. E todos aqueles gnomozinhos, em compactos grupos ou isolados, a saltitarem pela vasta campina em folguedos de inimaginável vivacidade, reverentes se curvavam à sua passagem, com grandes barretadas, em que se mesclava o gracejo à zombaria.

E das corolas mis largas, sobretudo de uns lírios que pendiam de elegante jarra ao lado do canapé, e cujo aroma, desde o princípio, dera uma ponta de dor de cabeça a Lucinda, surgiam fadazinhas medievais, com chapéus compridos e afunilados e vestidos de longas caudas roçagantes. Desciam pelas extremidades das pétalas unidas com ares solenes e gestos pudicos e, gravemente dirigidas por Puck, o diabrete dos bosques, iam formando aparatosa procissão que desfilava, no meio das galhofas, gargalhadas, cambalhotas, mil engraçados trejeitos, assobios e até apupadas dos geniozinhos, a imitarem as travessuras, sobretudo, da buliçosa Coweb, e da traquinas Blossom.

De súbito, destacou-se da longa teoria, que lá foi pelos meandros da estrada além e por entre místicos cânticos, uma das fadas. Caminhando rápida e resoluta para Lucinda, começou a crescer, crescer, até ficar do porte de airosa mulher, cuja formosura era deslumbrante. Apertou-a então ternamente ao peito e com voz insinuante e bafo ardente, perfumado como se saísse de um feixe de rosas, segredou-lhe ao ouvido: "Sou a Mocidade; quero que doravante não pertenças senão a mim! Demasiado te tens sacrificado à Razão, que no fundo é o Egoísmo! Sofre, mas ama! Goza afinal do privilégio da juventude e da beleza! Não soubeste ainda o que seja a vida, a vida que se resume no amor, no amor sem cálculo, sem reflexão! Tudo mais é vão, é nulo, é estéril, árido, a natureza sem sol, a árvore sem fronde, a planta sem flor! Que fizeste dos teus mais ridentes anos? Deles que te fica? Páginas de um livro em branco, banal, sem valor, quando podiam ser tesouro inestimável! Acorda, enquanto é tempo; sacode o torpor em que te envolveste à maneira de gélida armadura e que te desbotou o frescor da existência!".

Alguém então lhe bateu de leve no ombro. Voltou-se e viu outra mulher igualmente formosa, mas de rosto um tanto carregado, severo. "Cuidado, filha, disse-lhe num tom de voz que lhe lembrou talvez a do padre Belmiro, não te deixes arrastar por esta louquinha; é perigosa sereia. Creio que até agora não te tornei infeliz. Sou a Razão, proteger-te-ei sempre; mas deveras tenho medo da poderosa rival que te quer arrebatá-lo dos meus domínios!".

E as alterosas competidoras trocaram demorado olhar de desafio, enquanto os mil geniozinhos de Shakespeare, tão graciosos nos mínimos esgares, formavam largo círculo e se preparavam, cheios de alvoroço, exultantes e curiosos, para assistir ao duelo já meio travado, inesperado torneio em que iam medir forças duas valentes e inconciliáveis antagonistas.

E ferviam já as apostas, caindo montões de pepitazinhas de ouro, em grandes vasos de cristal, que tinham sonoros, espalhando misterioso e singular ruído no cálido ambiente.

Um as notas soaram mais alto, muito alto até, apressadas, metálicas, quase ríspidas.

Era o relógio da sala imediata que batia dez horas.

- Tão tarde! Exclamou Lucinda, voltando a si e levantando-se assustada.

Balbuciou Eduardo Glerk umas desculpas e retirou-se à pressa. Como que carregava consigo um pedaço do céu...

Só aí é que Lucinda reparou ter faltado Anselmo Guerra à visita de todos os dias.

Deu ordens para que, no dia seguinte, fossem desde bem cedo saber qual o motivo de tão extraordinária novidade e toda a noite sonhou com *Puck Robin, o bom diabo*, e mil elfozinhos, que a porfia lhe faziam loucas declarações de amor e, furiosos uns contra os outros, se engalinhavam na luta mais jocosa e grotesca que se dar pode, apesar do sincero ardor e da raiva com que se batiam e buscavam triunfar.

XXIII

Sem demora acudiu ao chamado o amigo de sempre. Gaguejou umas explicações, mas estava visivelmente alterado.

- Que tem o senhor? Indagou logo a viúva. Fale-me com franqueza; é caso disso, porquanto vejo muito de anormal na sua fisionomia.

Anselmo Guerra não se conteve. Com efeito, havia tempos queria avisar Lucinda e não ousava. As assiduidades de Eduardo Glerk, os seus arrebatamentos, a tal história do bazar tinham afinal dado na vista de quase todos. Corriam boatos que, por certo, não atingiam a pessoa de uma senhora invulnerável como ela, mas já iam ligando o seu nome ao desse moço, to imprudente e impetuoso, incapaz de reprimir os seus sentimentos aos olhos dos demais.

- Que hei de eu fazer? Perguntou Lucinda bastante amuada. Não é a primeira vez que me requestam. Busco arreda-lo de mim... Como a tantos outros; mas não o posso desfeitear, quando me dou com a tia. Dele, aliás, não tenho nenhuma razão de queixa, pois me trata com o maior acatamento.

Dolorosamente se contraiu o semblante de Anselmo, quase um soluçar.

Havia nisso algum impossível? Tão natural, pelo contrário! Por isso fora ele, cumprindo um dever que considerava sagrado, a minuciosas e hábeis informações e quantas pudera colher não diziam senão bem de Eduardo, um nome sem jaça, oficial

de seguro e brilhante futuro, casamento que qualquer, por mais rica e bem colocada que fosse, de bom grado aceitaria, uma vez levada por mais viva inclinação.

- Que extravagância, Sr. Guerra! Quer agora o senhor fazer-me à força apaixonada... Na minha idade? Agradeço com efusão o seu proveitoso aviso; é de amigo leal. Fique, porém descansado; breve porei termo a esse... Romance, buscando sair-me dele do melhor modo possível... Vou pensar detidamente como.

E desconversou.

Pensou, com efeito, Lucinda quase que a noite inteira; mas, no fundo, não ficou lá muito satisfeita com a sua consciência. Achou-se irresoluta, perplexa, chegada à difícil situação que, desde o princípio, previra e tanto a assustara.

No dia seguinte, procurou o padre Belmiro.

Recebeu-a este com respeitosa alacridade e todo amável, sem afetação, porém, nem exageradas zumbaias.

- Já sei que vem ver o meu Carot, disse fazendo-a entrar na elegante salinha de visitas e abrindo largos os batentes das janelas. Precisa de muita luz para lhe estudarmos bem as infindas delicadezas de pincel.

- Com franqueza, respondeu Lucinda, não tanto como para ouvir da sua experiência uns conselhos de que muito careço.

- Neste caso, observou ele com espirituoso sorriso, cerremos um pouco os postigos. Palestras dessas requerem claridade temperada, bem combinado claro-escuro.

Contou-lhe então Lucinda o que se estava dando com ela, os receios que a salteavam, os perigos, até, que a cercavam, as complicações em que se via, e confessava com acanhamento que, em certas ocasiões, se sentia, não diria, arrastada para aquele moço tão atraente quanto sincero nas manifestações de tão ardente amor, mas, enfim, hesitante, tibia, em suma pouco severa para consigo mesma.

- Se assim é, por que não pensar na solução mais própria e razoável, no casamento?

E a disparatada desproporção de idade? Ela com quarenta e quatro anos já feitos, ele com vinte e oito! Que mundo de desgostos para ambos, que futuro de agruras, uma vez dissipado o violento capricho, ligados para sempre um ao outro!

Concordou plenamente Belmiro de Andrade. Via nessa preocupação dominante e tão justa evidente prova de que, uma vez livre Lucinda da momentânea obsessão, havia de recuperar de todo a liberdade de ação.

- A mulher que pensa assim, filha, não ama, está claro, sobretudo chegada ao ponto da vida em que a senhora se encontra. Tire, porém, bem a limpo a dúvida que aflige o seu espírito. Para tanto lhe lembro este expediente: saia do Rio e fique uns quinze ou vinte dias a sós, em algum ponto por aí perto, Tijuca, Petrópolis ou qualquer outro. Se, nesse período de ausência e quebra de hábitos, se achar bem, como que aliviada de grande peso, alheia à constante recordação desse homem, poderá nutrir a convicção de que o seu coração não se deixou prender. No caso contrário, se experimentar angustiosa, impaciência, indefinível mal estar, então não poderá mais contar consigo; terá partilhado o sentimento que, estou certo, a contragosto inspirou.

- Oh! Sim, asseguro-lhe que não concorri para isso, declarou Lucinda com absoluta sinceridade.

E quedou-se um tanto acabrunhada.

Admiraram então o Corot, Belmiro com entusiasmo de perito e provectoro amador a apontar todos os primores do painel – um radiante e melancólico crepúsculo.

- Veja filha, quanta luz por toda a parte, que fulguração nos céus, que toques divinais na paisagem inteira! Não se diria, porém, que tudo isso é por pouco tempo? Que essa magia como que se está amortecendo, vai morrer daqui a pouco?

- E não é, mais ou menos, o meu caso. Sr. padre, já que ainda me querem?

- Ora, contrariou Belmiro, deixe-se dessas idéias; a sua forte razão formalmente as reprova.

Ao despedir-se, entregou-lhe Lucinda uma formosa moeda de ouro portuguesa, datada de 1745; D.João V no verso, as armas reais no anverso, magistralmente gravados.

- Que magnífico presente! Observou ele mirando a dádiva com grata surpresa, os olhos cobiçosos, esperto logo. Será uma das jóias da minha coleção numismática.

E acompanhou até a porta do jardim a donairosa cliente, depois de lhe ter graciosamente ofertado um galhozinho de três lindas rosas marechal Niel.

XXIV

Como correram rápidos aqueles dias passados na Tijuca!

Abraçando o alvitre sugerido pelo padre, mandara logo Lucinda convidar a prima Hercília, já noiva do seu deputado federal e chamara para acompanhá-las naquela estada fora da cidade uma antiga e avelhentada aia de casa, a Sra. Maria Rosa, conhecida de largo tempo, excelente criatura, sempre às ordens para casos tais. Morando com uma neta casada, muito protegida por Lucinda, de rara devoção, só tinha aquela boa mineira o defeito de suspirar pela fortuna, a aventar de contínuo hipóteses impossíveis, *se fosse rica*.

Tomando aposentos no hotel White, tão bem situado para quem vai em busca de sossego e solidão, abrigado na encosta de agrestes morrarias, espécie de grotão risinho, só a Anselmo Guerra comunicara Lucinda o ponto dos arrabaldes que escolher para aquele experimento de caráter especial.

E dele não tirou senão motivos de aplauso e quietude. Achou-se perfeitamente a gosto, libertada de uma atmosfera elétrica, logo com ótimo apetite, excelentes sonos, despertar leve e pronto sem mornos apegos ao leito, pulando da cama cedo e vestindo-se às pressas para longos e matutinos passeios.

Retemperada por aquele vivificante e amplo banho de ar e luz, no retiro que buscara para sondar com pausa e calma o seu íntimo, aproveitava manhãs de indizível suavidade e não se cansava de percorrer e esquadrinhar as pitorescas cercanias do hotel, galgando célere as subidas dos declives, alguns bem íngremes, ou por eles descendo em rápido impulso com a ligeireza de saltitante corça.

Por seu lado, não cabia Hercília em si de contente, mostrando a mais comunicativa alegria, que não deixava de causar certa estranheza à prima.

- Então, menina, não a matam as saudades do noivo?

- Assassinas, assim, não, respondia a gentil rapariga; algumas... Aliás, prometeu vir ver-nos... mas eu me sinto tão bem!

Ah! pobrezinha, quão diversa, se o outro, o belo oficial de Marinha, cujos olhos debalde procurara na festa do bazar ingenuamente prender, a houvesse distinguido? Ah! sim, como não mudariam as coisas de figura?

Havia, sem relutância, aceitado o sôfrego pedido em casamento do embelezado pretendente e não lhe desagradava o enlace já próximo; no fundo, porém, residia certo pungirzinho que, de vez em quando, lhe dava às faces desusado rubor, um esfogear de purpurinas rosas que desabrocham juntas, encostadinhas umas às outras.

Quem não apreciava lá muito as intermináveis excursões por veredas e azinhagas, ainda molhadas do rocio da manhã ou por umbrosas matas, era a Sra.

Maria Rosa. Embora magra e seca, com penas de vinte anos, murmurava brandas queixas num tom dolente e arrastado.

- Se eu fosse rica, dizia com resignado sorriso, não sairia nunca da cama senão lá pelas 10 ou 11 horas do dia, talvez mais tarde até.

- Pois amanhã, gracejava Lucinda, acordá-la-emos antes da madrugada!

- Virgem Santíssima!

E as duas riam-se a perder da boa mineira.

- Se você fosse rica, perguntou-lhe a viúva em certo trecho de encantadora digressão no seio de copado capoeirão, cortado de abertas sobre dilatada paisagem, se fosse rica, não gostaria de ver tudo isto?

- Preferiria muito mais andar de carro pela cidade. Há tantos, tantos anos que não entro numa sege!

E lá iam todas três, valentes, incansáveis.

Não havia recantos da Floresta da Tijuca que afinal não conhecessem, voltando de contínuo a lhes admirar as incomparáveis belezas. E, na realidade, quantas! Parece que por aí sobrepaira ainda a alma criadora daquelas maravilhas todas, o influxo do barão de Escagnolle, tão preso àqueles floridos bosquetes, àqueles frondosas avenidas, aos serpeantes regatos, aos mínimos detalhes e acidentes do vastíssimo parque, uma das raras paragens, nos arredores desta capital, em que ainda se ouvem as plangentes notas do sabiá e o gorjeio das avezinhas, tanto os defendia ele, vigilante e indignado, dos tiros de bárbaros passarinhos! Também, só o gênio desse administrador modelo, pensativo e retraído, entusiasta da natureza, só uma índole poética e elevada, como a dele, poderia ter casado a graça, a majestade e exuberância da luxuriante flora intertropical com as mil finuras, intenções e graciosidades da arte européia, imprimindo cunho tão original e idealista aos primores que sugestivamente foi apelidando "Gruta de Paulo e Virgínia", "Cascata diamantina", "Vista do almirante" e outros, e outros; acima, porém, de todos o "Excelsior", teatral rasgão de vista sobre a larga baixada em que se encastoa a baía do Rio de Janeiro, fechado todo o colossal panorama pela linha do alto mar, o oceano além, a confundir o brumoso horizonte com o esbatido azul dos céus!

Em todos aqueles sítios de tão penetrante enlevo e robustas auras, esquecia-se Lucinda de tudo. Nas horas, entretanto, de mais concentração, amolecida pelo calor do dia em apertado quarto de hotel, lembrava-se de Eduardo Glerk com alguma insistência pouco grata, decerto, porquanto nesse recordar preponderava uma Omo trepidação de sobressalto. Estavam-lhe bem presentes as fascinações que cercavam aquele homem de quase fúlgida auréola e tanto o salientavam de entre os mais. Esse mesmo brilho, porém, fazia-lhe mal aos olhos, punha-lhe trevas no coração; essa superioridade era base e tema de agitados encontros a que buscava subtrair-se, colhendo rédeas à imaginação e espraiando o seu espírito, tão propenso ao quietismo.

Fora, aliás, a última entrevista tormentosa, quase agressiva por vezes, ela em guarda, acautelada, ele nervoso, incoerente, ora súplice, dócil, ora quase frenético.

- A minha paixão, dissera a morder os lábios de despeito, não faz senão importuná-la. Pois bem, libertá-la-ei da minha presença; não sei ainda como, mas tomarei resolução digna de mim. Impossível é continuarmos assim.

- Mas afinal, que quer o senhor de mim? Casamento/ Concordará que fora insanável ridículo para ambos, quando...

E aí parou um pouco.

- ... Quando eu poderia... ser sua mãe. Então, o quê? Tornar-me sua amante?

Ecoaram estas palavras tão estridentes, tal conturbação infundiram quer num quer noutro, que nos seus rostos se desenhou o pasmo, quase terror.

Fez-se profundo silêncio, que, só a custo, Eduardo Glerk rompeu, falando com dorida emoção, a voz estrangulada de soluços, os olhos rasos de mal contido pranto.

Era com efeito um louco, sim, um louco varrido. Em nada cogitara, entregando-se àquele amor, sem medir conseqüências. Imaginasse um homem caído no fio das ondas de espumante e vertiginosa corrente, com os braços e pernas atados, sem possibilidade de qualquer ação. Tal fora tão funesto arrastamento. Desde logo náufrago, só conhecia que o abismo o ia irremediavelmente tragar. Ah! Quanto mais depressa melhor! De relance avaliava a extensão do mal que o condenava implacável, ainda assim feliz por vê-la dele preservada. Não mais a perseguiria com as suas preces, os seus lamentos e desesperos; saberia recalca-los com a valentia de um gigante e a resignação de um mártir. Arredasse, porém, justiceira, do seu espírito suscetibilizado a idéia de que jamais lhe houvesse passado pela mente, nos seus maiores desvarios o pensamento de desrespeitá-la, de apeá-la do puríssimo pedestal a que a guindara a sua humilde adoração, para torná-la alvo de indignos instintos e ignóbeis cálculos. Não, mil vezes, não! Jurava em nome de Deus, como crente e homem de honra. A tudo servia de atenuação o inferno de agonias a que lhe dilaceravam o íntimo com garras de fera. Mostrava aquela suspeita o desprezo em que o tinha, o conceito vil e baixo que dele fazia. Esperasse, porém, pelos fatos; haviam de implorar em seu favor, de levantá-lo do pó a que fôra jogado com tanto escárnio. Não lhe quisesse mal de todo; não o varresse da memória, quando longe, longe, nas sombras de esvaído passado.

E grossas lágrimas então lhe deslizavam pelas faces, ora lívidas, ora abrasadas.

De tudo isso bem se recordava Lucinda, mas, já aí, como de história acabada, irrecomeçável, um tanto orgulhosas da sua firmeza naquele arriscado passo.

XXV

Num dos dias seguintes ao da volta à rua dos Voluntários da Pátria, entrou, de manhã, correndo pelo jardim como uma doida, D. Helena Glerk, sem chapéu, desgrenhada, apenas envolvida num velho chalé preto.

Contra todos os hábitos, mal aberta a porta galgou quatro a quatro os degraus da escada e subiu aos aposentos interiores da amiga, batendo portas e soluçando alto.

- Lucinda, Lucinda, exclamou numa irrepreensível explosão, Eduardo, o meu Eduardo, está a morrer!

E caiu desfalecida numa cadeira, enquanto a outra a fitava muda, estarrecida, estatelada.

- Não é possível! Não é possível! Balbuciou por fim, branca como uma pétala de magnólia.

- Ah! sim, que noite! Que noite, minha Nossa Senhora!

E Helena, deixando-se escorregar de joelhos sobre o tapete do quarto, bradou, com os braços hirtos para o teto:

- Deus de misericórdia, ó Deus, tomai a minha triste existência, levai-me deste mundo, mas poupai meu filho! Já que a vossa justiça tem de pulverizar alguém, transferei para mim todas as culpas, todos os erros e desmandos desse adorado ente!...

Afinal, mais tranqüila, contou ofegante o que sucedera.

Bem previra que o estado normal de Eduardo, para o qual não achara ainda explicação, deveria dar em desastre. Desde a sua chegada, não tivera ele um dia só de sossego, não comia, não dormia, numa inquietação contínua, sem nome. Por vezes até, como que ia perder o juízo, chamando-se a completo mutismo ou então discorrendo com estranhável volubilidade sobre mil futilidades. Aí, de repente, resolvera aceitar nova omissão do governo à Europa; e ela, Helena, embora desgostosa, vira

nisso uma solução àquele incompreensível drama a que assistia apavorada, sem poder intervir. Isso quando Lucinda partira para fora, sem Dara visto a ninguém. Nesse tempo, parecera Eduardo melhorar, mostrara-se mais calmo, ocupando-se com atividade dos preparos da viagem, escolhera os companheiros que deviam acompanhá-lo e gracejara até das saudades prévias da pobre tia.

Na véspera, estivera o dia quase todo em casa, trancado em cima, a escrever cartas, alegava. Nem descera para jantar, pedindo apenas uma asa de frango e uma xícara de café carregado.

Às 8 horas da noite, viera combinar com ele certas medidas um dos camaradas nomeado. Havia luz no quarto. Batera em vão. Espiando pelo buraco da fechadura, pudera então ver o amigo a rolar sobre o leito, agitando os braços, arquejante, denunciando sofrer mil mortes.

- Arrombamos a porta, continuou Helena; ah! que cena! Que cena! O infeliz tinha à cabeceira vários frascos de remédios; acredita-se que se enganara e ingerira grande dose de veneno...

- E depois? Indagou a custo Lucinda.

- Aí encetamos tremenda luta. Felizmente acudiram logo médicos que, pela madrugada, o declararam, senão de todo salvo, pelo menos fora de perigo iminente... Virgem, Virgem das Dores, será crível que o meu Eduardo, tão religioso, tão sensato, tivesse podido atentar contra a própria vida, faltando a todos as leis divinas e humanas?... Não, não é possível!... Aí houve uma troca fatal de vidros... Pois só conciliava ligeiros sonos a poder dos mais fortes narcóticos... É um desgraçado!... Assim, antes a morte!

Helena Glerk e Lucinda, estreitamente abraçadas, choraram, largos, largos minutos, lágrimas bem amargas.

Afinal, aquietaram-se um pouco.

- Diga a seu sobrinho que viva, recomendou a viúva sem pensar muito nas palavras que proferia. Refira-lhe o abalo que sofreu... não podia ser maior...

- Ah! sim, o seu coração é todo bondade!

- Olhe, anuncie-lhe uma próxima visita minha...bem para ele. Um desses dias, irei em pessoa saber notícias. Quero achá-lo de pé, se for possível. Agora, nada de imprudências e precipitações...

- Mas... salvar-se-á... com o desgosto que mostra pela vida? Quando o moral está assim afetado, difícil é resistir a choques desses... E quanto é ele estimado, D. Lucinda! Não esvazia a casa... verdadeira romaria. Se houvesse alívio possível à minha desgraça, ficaria menos desconsolada... Afinal, a humanidade não é tão má como propalam.

XXVI

Ah! que olhar, o de Eduardo Glerk, ao penetrar Lucinda no seu quarto de enfermo! Só por ele deveria a boa da tia ter de relance desvendado o mistério que a desnorteava, se não fosse a tudo tão cega.

Era aquele olhar um poema de indefinida gratidão, um hausto de insaciável avidez, um espasmo de exaltação, todo um conjunto do quanto pode exprimir a alma de um homem, de um forte, arrebatado pelo torvelinho da mais íngreme paixão, a rolar pelas esferas ideadas por Dante.

E dele se sentiu por tal forma percutida Lucinda que, descorando como se fora perder os sentidos, mal pôde articular umas palavras banais.

Por que, aliás, se fizera tão arrebatadora, tanto zelara a sóbria e elegantíssima toalete, com tamanho capricho escolher o mimoso chapéu de betados cambiantes que mais assentava ao seu gênero de beleza?

- Obrigado... obrigado, balbuciava Eduardo num como delírio, os lábios secos, a respiração opressa. Quanto... sou ridículo!... Mas, também, quanto bendigo o leal esforço que fiz!... Agora... porém, posso... e devo abraçar-me à vida. Não preciso de mais nada. Tenho forças para a existência inteira.

- Boa dúvida, concordou D. Helena desfeita em riso, deixe-se de idéias sinistras, que tanto dano lhe causaram. E a mim? Olhe, quer saber uma engraçada novidade? Não é que o Sr. Gregório... o tal Gregório de que lhe falei, D. Lucinda, o velho de quase 90 anos, escapou arranhando? Arribou, depois de já amortalhado. E está contentíssimo, a fazer cálculos para daqui a dez anos!... Não, Cruz, assim também é demais!

Nas despedidas, em baixo, a gárrula senhora, entre mil protestos de ilimitado reconhecimento, mostrou-se seriamente apreensiva.

- Receio bem, segredou abaixando a voz, que o Eduardo fique desconcertado da cabeça. Fala tanta coisa incoseqüente... sem nexos, nem cabimento! Não pensou, uma vez sequer, na religião! Ah! minha amiga estamos atravessando uma crise extraordinária, sem explanação possível. Deus quer pôr à prova o meu poder de resignação, e com muito vexame confesso, não me tenho achado na altura da tremenda situação.

XXVII

Dias depois – e exatamente por esse tempo Anselmo Guerra andava com umas febres que o obrigavam a não sair à noite – Eduardo Glerk, embora ainda fraco e mal convalescente, foi à casa de Lucinda agradecer-lhe a fineza excepcional que merecera.

E com tanto baralhamento se expressava, numa frase trôpega e alucinada e em tom por tal modo baixo e singular, que ela mal o entendia.

- A minha salvação única, disse entre outras coisas, é... o casamento. Se me acha digno de alguma compaixão, confie em mim... Sei bem que o mundo verá nisso torpe especulação da minha parte... por causa da sua fortuna... Hoje, porém, pouco se me dá o juízo dos mais... Nem imagina quanto me apunhala a idéia, quanto mais abomino a sua riqueza... Embora! Pelo amor de Deus, conceda-me essa mão que... encerra os meus destinos e de que... depende a minha morte... Havemos de alcançar a meta da felicidade, como... jamais a tiveram mortais na terra.

Abanava tristemente Lucinda a bel cabeça, a lutar entontecida com um começo de vertigem.

E, a pouco e pouco, achou-se de novo naquele encantado sítio a que a levava a fantasia, na noite das primeiras juras de amor.

Estava, porém, aí, deserto de todo, abandonado, sem sequer um silfozinho de tantos que lá brincavam, sem uma só das gentis e miúdas fadas, que procissionalmente o percorriam. Por toda a parte, a solidão, ainda que impregnada das harmonias estranhas de um sibilo a modular, já melodias ternas, mas sem conexão, já sons quase ásperos, desafinados, espécie de insistente e longínquo apito. Cobrara, entretanto, a natureza mais viço, revestira-se a paisagem de mais galas, tornara-se a luz azulada mais intensa, abria-se o horizonte mais largo, transmudada a cor uniforme da perspectiva em planos destacados, vigorosamente iluminados nos vaivens

de nuvens a correr pelo céu, uns em plena e ofuscante claridade, outros mergulhados em espessa escuridão, formando duros contrastes à vista.

As flores, porém, muito mais pululantes que da vez primeira, atapetavam o chão, arrebentavam do solo, instantâneas, compactas, com um crepitarzinho sonoro, umas rasteiras, pegadas à relva, outras subindo alto, como jatos de cristalino repuxo, erguidas no topo de enormes pedúnculos quase ao nível do rosto de Lucinda, corolas gigantes a despejarem embriagadoras emanções, essências que evolavam como ardência de abrasadas caçoilas, fluidos sutis e coloridos dos mais variegados reflexos, vaporezinhos iriados prendidos de largos turíbulos balouçados por uma aragem quase violenta, candente, de eflúvios entorpecedores, narcotizantes.

Aí viu ela a seus pés Eduardo Glerk, em cujo semblante desatinado leu uma despedida de morte. Segunda vez não erraria a mão homicida.

E imensa onda de comisseração inundou-lhe os seios d'alma. Não houve instinto de piedade, meiguice e cordura, tão da índole da Mulher, nascida para o sacrifício, não houve incitamento desinteressado e generoso, que não lhe transbordasse do peito, que não a impelisse sem hesitação, que a não empurrasse para o báratro, prestes a devorá-la. Tudo faria para salvar aquele homem!

E ela própria, inconsciente, lhe estendeu os braços...

Sentiu-se então empolgada por férreo e delirante amplexo que lhe cortou o alento e a contundiu em todos os átomos da sua carne, beijada por boca açorada, voraz, o mais capitoso dos flóreos e venenosos hálitos que já tanto a haviam inebriado. E esses beijos, fragrantés, sugadores, entornavam-se-lhe pelos ombros, cabelos, testa, faces. Afinal, lábios em fogo colaram-se aos seus. Quis desprender-se, reagir; não pode. Descorporizou-se todo o seu ser, fundiu-se em inefável delíquio, num quebrantamento passivo de quem vai soltar o derradeiro suspiro, presa de fatal síncope, em que o corpo baqueia exânime e a alma se ala pelos espaços além, num arranco de asas para os páramos do Ideal!...

Quando, momentos depois, Lucinda recuperou um pouco os sentidos, não pertencia mais a si; pertencia a Eduardo Glerk...

Entreolharam-se como dois criminosos irremissivelmente perdidos, condenados pela vendeta pública e divina; ela esmagada, desfalecida, Eduardo atônito, indignado contra si mesmo, precipitados ambos no fundo de tenebroso abismo, cercados de caliginosa treva, sem esperança de salvamento.

- Perdão, suplicou ele de mãos postas, nada me lavarás dessa... indignidade... inaudita, de tão horrendo sacrilégio...Sou um réprobo... Anátéma sobre mim!

Erguera-se Lucinda com esforço, o corpo sacudido por calafrios a fuzilar-lhe pela espinha dorsal e por frêmito interno que, de instante a instante, lhe fazia bater os queixos, e tornara a cair sentada.

Ah! se, pelos menos, lhe fora dado chorar! Mas, não; no lento tombar das pálpebras, que mal podia depois entreabrir de tão pesadas, plúmbeas, sentia os olhos vazios, secos, áridos, sem mais linfa, à maneira de escassa fonte, cuja última gota acaba de ser sorvida por extenso areal.

Espaçados minutos decorreram para ambos, torporizados num confrangimento acabrunhador, de ignara desolação para Lucinda, de insano gozo e repassado de cólera para Eduardo Glerk.

De repente, estremeceram.

Parara à porta do jardim um carro. Lá fora tangeram a campainha elétrica. Houve tumulto de gente, vozes que indagavam...

Uma visita naquelas circunstâncias, misericórdia de Deus! A sorte tem por vezes refinamentos de atroz maldade...

Felizmente, após momentos de estupefação, o carro tornou a rodar. Houvera equívoco de casa, que o criado Jacinto fora logo desfazer.

- Perdão, voltou a implorar o moço num soluço de exortação.

Afinal, com voz exausta e gesto que, súplice e imperioso, arredava o amante, replicou ela:

- Tenha, por quem é, dó de mim!... Deixe-me... Mais tarde, muito mais tarde, falaremos... Por enquanto, anelo uma coisa unicamente: ficar só, entregue a mim mesma...

- Obedeço, obedeço, aquiesceu Eduardo, inclinando-se submisso. Peço, porém, leia isto; é um resumo desconexo da minha vida... a história dos meus suplícios.

E, precipitado, sacou do bolso volumosa carta fechada que entregou a Lucinda, sem reparar que, ao mesmo tempo, caíra no tapete um bilhetezinho aberto.

Retirou-se então com trôpego passo.

E ali se quedou a infeliz, a remoer a sua dor naquela sala garrida e luxuosa, que se lhe afigurava mortuária capela, no silêncio do retirado bairro, ao passo que um bico de gás continuava a silvar em assobio fino, um tanto estrídulo às vezes, outras com modulações quase harmoniosas.

Decerto, ah, sim! Para todos haveria perdão, indulto pleno, para ela não, pelo desapareço em que, no próprio conceito, para sempre afundara, pelo opróbrio a que se deixara arrastar! Se, ao menos, o tivesse amado!... Não, a sua vida era finda... estancada, em todo o caso, a estima da vida... Fenecera com o irremediável desfalecimento... Deixara de ser o que fora, uma mulher honesta, pura, cata, ciosa dos seus brios, ainda mais que do seu nome, e, quase sem transição, entrara no rol de tantas... tantas... por í! E para essas, ainda havia justificações aceitáveis, atenuantes. Para si, nenhuma... nenhuma possível! Julgava-se com imparcialidade e não encontrava pena assaz severa proporcional à sua falta, ao seu crime. Era a sua dignidade, o seu orgulho de virtude inata, desacostumada de lutas, tão superior a elas, que deixara às tontas crestar. Quando e como poderia recobrar a paz de outrora, uma vez cravado esse perenal acúleo, essa inaplacável causa de remorso e pungimento na alarmada e cativa consciência?

Ah! quanto não sofreu Lucinda naquela febril e atrevida convulsão, a girar em estreitíssimo círculo, como furacão que redemoinha nas dobras de apertado vale!

Parecia-lhe acima das forças arrancar-se daquele canto de canapé, onde se conservava imóvel, numa postura de insuperável esmagamento, numa dormência geral, as pálpebras tetânicamente cerradas.

Onze horas, afinal, soaram, e Jacinto, suspendendo o reposteiro da porta da sala, perguntou, reverente, se podia fechar a casa.

- Sim, sim, concordou ela vagamente.

E levantou-se.

Ao primeiro passo, viu logo sobre o tapete um bilhete. Apanhou-o e, automaticamente, sem compreender o que lia, percorreu-o vagarosa. Datado de S.Petersburgo dizia o seguinte:

Mon Édouard,

Qui sait je ne réaliserai pás le rêve que nous avons fait ensemble à Paris, um jour?... Je frémis encore de jalousie, em pensant à cette dame âgée que tu as tellement courtisée à l'Opéra... Du reste, je me sens plus malheureuse que jamais!...

Ta maîtresse pour la vie

Nadia.

Acasos há que semelham sarcásticas caretas do destino.

Deparou-se-lhe adiante, no chão, em fragmentos, a anforazinha de Sévres que o padre Belmiro tanto admirara. Um movimento brusco de Eduardo fizera-a baquear e partir-se em pedaços.

Amargo e dorido sorriso crispou os lábios de Lucinda.

- Ah! a minha felicidade! Murmurou irônica. Eis o que dela resta!...

Depôs, alheia a tudo, a carta e o bilhete no lugar onde estivera o simbólico artefato e dali saiu como uma sonâmbula.

Toda a noite ardeu em febre, cercada de pavorosos fantasmas que se riam a bandeiras despregadas da sua desgraça e, com clarins e tubas atroadoras, proclamavam aos mais distantes recantos do universo a suprema vergonha daquela mísera mulher.

XXVIII

Felizmente ainda se não havia retirado para casa da neta a Sra. Maria Rosa. De manhã, mandou ela chamar a toda a pressa o velho e experimentado médico Dr. Ribeiro de Almeida, que não ocultou a gravidade do mal. Fora Lucinda salteada de febre cerebral, com sintomas de violenta excitação nervosa. Tinha os olhos injetados, a respiração curta, difícil, o corpo todo moído, a cabeça a latejar com lancinantes pontadas que lhe arrancavam agudíssimos gritos, os gestos desordenados; repelia de si, nos paroxismos do delírio, medonha visão e dava saltos no leito, trêmula e tresloucada.

- Quero morrer, arquejava ela. Abram já e já... as vidraças... preciso... atirar-me pela janela fora... desprender a minha alma... deste... corpo que me causa... nojo!

Assim esteve sete dias. E se não fora a proficiência, calma e atilamento do provento facultativo e a admirável solicitude da enfermeira que não arredou pé daquele quarto de tamanho sofrimento, com certeza se houvera cumprido o voto da malsinada Lucinda.

Uma insônia rebelde a todas as prescrições, a ânsia de querer dormir e não poder matava-a, não lhe consentia um momento de sossego.

E, nesse labutar de intermináveis horas, com o aposento completamente às escuras, perseguia-a, esmagava-a uma obsessão tenebrante, pondo-lhe ante os olhos fatos e coisas que jamais vira e de que nunca sequer cogitara, senão quiçá em rápida leitura de algum livro de reconstituição histórica.

Achava-se numa festa imensa, estupenda – salas e salas de opulentíssimo palácio do tempo da Renascença, maravilhosa vivenda de um desses príncipes italianos, malvados, salteadores, capazes de todos os crimes e que amalgamavam os últimos requintes da suntuosidade romana com as tetricas tradições da Idade Média – talvez castelo de algum César Bórgia e Sforza ou alcaçar de Aretino. No seguimento daquelas salas, cortadas de altíssimas janelas, iam do chão ao teto agigantadas colunas dos mármore mais raros, versicolores, inteiriças, várias de lápis-lazúli, outras de malaquite, de puríssimo azul ou de esmeraldino verde, com fios de ouro maciço nas caneladuras dos fustes, nos capitéis de bronze dourado e nos pedestais de prata lavrada, tudo a fulgir deslumbrantemente com as cintilações desferidas a flux de colossais candelabros e serpentinas, lustres de cristal e lampadários da altura de dois homens.

Eram esses focos de luz ligados uns aos outros, já para cima, já paralelamente à linha da base, por maciços festões das mais vivas e olentes flores, entremeadas de folhagem com uma graça e gosto sem par.

O soalho feito, em largos trechos, de mosaico de riquíssimas madeiras, encerado e escorregadio, noutros de branco mármore polido ao último grau refletia invertidos todos os objetos, como a superfície de plácido lago, dando-lhes vertiginosa profundidade. O forro da abóbada, estucado, listrado de largas faixas áureas, com incrustações nacaradas, tinha os intervalos cobertos das mais finas pinturas a fresco, com tal leveza que, nalguns pontos, parecia não existir, rasgando clareiras num céu insondável e estrelado.

Não havia recanto, em que grandes e desdobrados panos de variegado e precioso veludo, franjado de ouro, não se casassem com as mais pesadas sedas da China e do Japão, furta-cores, coruscantes, achamalotadas, brocados de preço inestimável, tapetes da Pérsia de admirável tecido com mil caprichosos desenhos, os mais complicados arabescos, dominando a eterna e hierática palmeta de Cachemira. E, sobre todos eles, jaziam atirados a esmo, como que jogados de roldão, vasos de matérias mais peregrinas, cinzelados por geniais artistas, que neles haviam gasto anos e anos de insano labor.

Nos entrecolúnios, pendiam das paredes imensos painéis de inspirados mestres, sobretudo venezianos, na rutilação do inimitável colorido; e as carnações vividas e palpitantes das figuras contrastavam com a branquidão das primorosas estátuas eretas em frente sobre alterosos sócos.

Tudo aquilo, porém, tamanhos valores, encontravam-se numa promiscuidade disparatada, esparsos ou acumulados numa desordem de causar tonturas, provisoriamente amontoados, à maneira de encantado antro que de pouco recebesse os despojos de muitas cidades opulentas, saqueadas por ávidos piratas. E, com efeito, acre bafagem de morticínio e monstruosos atentados pairava naquele ambiente, a despeito dos incensos e resinas que, despejando densas e tortuosas espiras, ardiam num sem-número de caçoilinhas atiradas ao acaso, espalhadas as brasas sobre os mais ricos estofos, ateando, aqui e ali, começos de incêndio.

Acariciadora e voluptuosa música, só de instrumentos de corda, mágicas rabecas, violoncelos e contrabaixos de feitiços esquipáticos, partia, a um tempo, de muitos grupos de artista pitorescamente vestidos de hábitos talares de veludo azul, carmesim e preto, betados de arminho e forrados de martas-zibelinas, descidos das telas de Ticiano, Tintoreto e Paulo Cagliari, o veronês, onde deixavam largas lacunas.

A princípio, aqueles intermináveis e tão extraordinariamente decorados paços estavam, em parte desertos; mas, a pouco e pouco, iam-se enchendo de povo, repletos afinal de homens trajados com roupagens de todos os séculos e países, sobretudo do Oriente, cobertos esses de custosas pedrarias.

Tornara-se também o espetáculo deslumbrante, indescritível. E, por cima dessa multidão que se congregava compacta e já mal se podia mexer e circular, passavam, de vez em quando, uns clangores de trombetas vindos de longe e que ensurdeciam os ecos, abafando, de súbito, o concertante dos músicos venezianos.

Rompeu, então, de todos os peitos um grito ingente: - Aí vêm elas; aí vêm elas! - ao passo que arautos medievais proclamavam aos brados: - Glória aos símbolos da mocidade e da beleza vencedora! - E aquela gente toda ansiosa, ardente, abria sinuosas e compridas alas a bandos de mulheres completamente nuas, de rara formosura e em plena irradiação da juventude, quem com os seus cabelos longos, louros, castanhos, negros, soltos sobre as roliças espáduas, vinham em desapoderada carreira, rindo-se como perdidas, numa onda irresistível de insânia e de luxúria. E por instantes, estacavam nas atitudes mais graciosas, elegantes e lascivas que poderiam idear um cérebro de artista em fremente exaltação!

Oh! que aparição estranha!

Quanto brilhavam ebúrneas, à claridade dos feixes de luz, aquelas carnaduras alvinitentes, acetinadas, com leves gradações do mais risonho rosicler, e patenteando incomparáveis encantos! Iguais, só Vênus anadíomene desvendara, ao surgir da

espuma do cíprio mar, deslumbrando a vista dos fanáticos da Forma! E que olhares vorazes, que vesânico fervilhar de confrontos e cortejos no rápido instante da caprichosa parada, ao tomarem elas momentâneo alento!

No meio de tantas rivais, como dizer qual a mais bela, qual a triunfante?

Que disparidade na simples conformação dos seios! Que róseos matizes nas auréolas dos túmidos biquinhos e nos peitos pontiagudos, desde o carmesim da polposa pitanga, até o desmaiado da mangaba que vai amadurecer! Quanta diversidade na flexuosa linha da cintura, no descambar dos quadris, no abaulado dos marfíneos ventres, nos contornos calipígijs, nas curvas das coxas e joelhos, ligeiramente valgos, nos artelhos e tornozelos adelgaçados, atestando puras raças, a aristocracia da escala étnica!

Nos ares estrugiam súbitos bramidos. Eram mancebos, tomados de tantálica fúria, que perdiam a razão e se apunhalavam com aguçadas adagas. Caíam agonizantes, a estrebuchar, calcados logo pelos muitos que, mais e mais, a todo transe, se queriam acercar daquelas fascinadoras criaturas, origem de tanta alucinação.

Eis que nessa mó de gente se produziu, como ao sopro de repentina ventania, um impulso que a levou para cenário ainda mais largo e grandioso, monumental exedro, terminado por mirífico hemicíclo. E nele se mesclavam os maiores esplendores da arquitetura, escultura e pintura, realçados pelos mais cobiçados artefatos de todos os povos da terra. Tinha, porém, um quê de trágico na magnificência, com perspectivas tão bem combinadas e extensas que simulavam entrar pelos espaços infindos. Como no oico coríntio, alteavam-se, em derredor, inúmeras colunas, não poucas de pórfiro e verde antigo, unidas por um atíço que suportava o teto, furado de janelas, óculos e abertas, e ornamentado de pilastras, a dar-lhe feição e semelhança de aérea basílica. De todos os lados faiscavam os mármore, o jaspe, enormes placas de calcedônias, ágatas, granadas e esmaltes, embutidos de ônix, laca, âmbar, quando não drusas de esmeraldas nativas e núcleos de diamantes brutos.

No desdobrar de tantas pompas e gozos parecia, contudo, iminente formidável catástrofe.

Por sobre leitos dourados, cravejados de gemas, rebolcavam-se os convivas da babilônica orgia, coroados de pampanos e rosas, servidos por centenares de pajens, juvenis escansões, ou núbeis escravas de todo o ponto despidas e que, ágeis e esbeltas, corriam carregando elegantíssimos vasos de cristal de rocha e vertendo a ufa nas lavradas taças vinhos das mais antigas e afamadas adegas. Voluptuosos hinos e cântico enlanguesciam os sentidos.

Os sibaritas, de fartos, enxotavam de si a vergastadas o enxame de despejadas cortesãs e mercenárias bailarinas, que a eles se atiravam, ébrias, sedentas de amor, e rolavam pelos felpudos tapetes ou sobre cetins de Macau, gorgorões e montes de rendas e gaze, varias marmorizadas logo por fulminante sono, nas posições mais impudicas e provocantes, um sorrisinho alvar estereotipado aos venais e carmíneos lábios entreabertos.

Tiritava de horror Lucinda por se achar, sem saber como, nesse infernal pandemônio. Percebia vagamente, nas intermitências do sub-delírio, que tudo aquilo não passava de flagelante pesadelo, que lhe cumpria vencer e dominar; mas tinha as faces abrasadas de pejo por lhe perpassar na mente tanta coisa insólita, tão antagônica à sua existência inteira de castidade e modéstia. De que incógnitos recantos saíam em tropel todas aquelas imprevisas e extravagantes evocações, esse encadeamento de cenas tão pasmosas?! Em que lôbregos e negrejantes recônditos do íntimo haviam hibernado tantas minúcias, eivadas de infame e requintada lascívia? Quão deletério e contaminador o hálito da culpa, por débil e rápido que sobre! De súbito desperta e subleva nunca sonhados temporais na alma mais pura, mais honesta, mais acostumada à prática do bem e ao respeito de si mesma.

Agravava-se, porém, a abominável opressão.

Via Lucinda no fundo hemicírculo, centro de amortecida refulgência, enorme tálamo de ébano, pau cetim e sândalo em forma de concha, e nele fofamente estirado sobre púrpura e finíssimos linhos o monstro da Luxúria. Rodeavam-no, servis, bajuladores, os seus sequazes, em parte armados de cotas de malha de reluzente aço, que lhes protegiam os musculosos troncos, alguns com argênteos capacetes encimados de flutuantes plumas, outros de faceiros gorros à cabeça, cada qual simbolizando já a Audácia, já o Dolo, a Mentira, a Surpresa, o Perjúrio e tantos outros atributos da concupiscência. E de junto ao leito, de vez em quando, se afastavam para arrebanhar, em holocausto à Insaciabilidade, as mais formosas e tenras vítimas, empurrando-as sarcásticos, beluinos, até ao toro do odioso e sonolento Moloch. Se muitas das tristes sacrificandas se deixavam tanger passivas e resignadas, outras lutavam frementes, debatiam-se clamando socorro que não chegava, atiradas ao chão, zurzidas, puxadas pelos cabelos no meio de escandalosas risadas, baldões e sacrílegos insultos.

No turbilhão delas foi de envolta Lucinda até ser alcançada pelas garras do Monstro.

Este, porém, contemplou-a com olhos esbugalhados, estupefatos e, levantando-se a meio, ordenou, rubro de cólera, gaguejante de furor, com gesto fulminatório:

- Expulsem... daqui... esta velha!

E uma surriada de impropérios, uma gargalhada nunca ouvida, de fazer desabar muros e abóbadas, estourou, reboou por todas as concavidades, enchendo os ecos distantes e repercutindo ao longe:

“Fora a velha, fora a velha!”

Lucinda, com passo tropeçante, as roupas dilaceradas, quase em andrajos, fugia trepida, louca, quando por acaso avistou Eduardo Glerk.

- Salve-me... salve-me! Exortou meio moribunda. Serei sua para sempre!

Aí reparou que conversava com uma mulher na flor da idade e de ofuscadores encantos – era Nádia!

Encarou-a o amante com fisionomia impassível, frígida, sem sinal de qualquer emoção de lástima e muito menos alegria.

- Salva-la?... Não a conheço... Não sei quem seja...

- Sou Lucinda... Lucinda Soares! Nada mais me falta neste mundo!...

- *Mais c'est la dame âgée de l'Opera!* Exclamou a outra em francês.

Instantaneamente, porém, se transmutou o oficial de Marinha no padre Belmiro. E este, após umas arrebicadas palavras de fútil consolo, explicou-lhe bem claro a razão de tanta indiferença, tamanha ingratidão.

- filha, a tua beleza está irremediavelmente perdida. Dependia apenas do perfeito equilíbrio do teu viver. Levou-a o sopro letal da paixão, por mais que dele te quisesses resguardar. Para resistir a abalos desses, tão somente o viço e a fortaleza da mocidade. Do que foste, só restam agora desoladas ruínas, apagados vestígios... De hoje em diante, vais caminho da velhice...

Nisto, um urro, enfeixando mil gritos de horror, retumbou medonho: “Fogo! Fogo! O palácio está em chamas!”.

Precedidas de esparsas faíscas, umas pontezinhas de labaredas, esguias, tremeleantes e como curiosas de assistir também à estrondosa festa, tomaram de assalto portas e janelas, e, num ápice, galgaram o teto, ao passo que rolos e enormes bulções de asfixiante fumo jorravam pelas abertas, à maneira de vagalhões de nego oceano, a bramir de fúria.

Dali a nada, no seio da escuridão rasgada por apavorantes clarões, rompeu do alto um dilúvio de metais derretidos, pedras, vigas ardentes, trechos inteiros de estuque que esmagavam a multidão num torvelinho e pânico que mais aumentavam o morticínio e a alucinação.

Sentiu-se aí abarcada Lucinda por dois braços hercúleos que, instantes depois, a depuseram fora, sobre o frio chão, enquanto o palácio, teatro de nefandas orgias, se abismava, transformado em cratera de vingador vulcão, com explosões, uivos e estampidos, que sacudiam a terra até às entranhas.

Quem a salvara, fora Anselmo Guerra!

Desmaiou então e pôde conciliar um sono reparador de quase vinte e quatro horas seguidas.

XXIX

Se a convalescença foi rápida e sem oscilações, não teve, contudo, a doçura daquele meigo e penetrante júbilo de quem se sente voltar à vida, período de inenarrável beatitude, em que a natureza se nos afigura de uma louçania toda nova, em plena ressurreição, prometidora de bens e felicidades que não mais hão de acabar.

Arrancou-lhe surdo gemido o primeiro olhar que, depois de tantas provações, deitou Lucinda ao espelho. Nunca imaginara tamanhos estragos, tão completamente confirmado o vaticínio do padre, no final de terrível pesadelo.

Não havia contestar, tudo estava consumado!

Bem no alto da cabeça alargava-se, desde a testa, uma faixa de cabelos brancos, contrastando com o negrume dos que, para os lados e nas têmporas, não haviam encanecido. A cútis, tão igual e aveludada quinze dias antes, ressecara-se, cortada de vincos e rugas, sulcos riscados pela unha da fatalidade; a comissura dos lábios perdera o seu frescor, rijeza e graça, a boca, talvez até um tanto contorcida; apertavam-se-lhe os olhos sob pálpebras flácidas, quase empapuçadas.

Era outra mulher!

Disso não lhe restava a menor dúvida. Quisera ter morrido, quisera ter ficado prostrada na luta e descansar, vencida, na inalterável paz do cemitério, tendo levado para o regaço da protetora Mãe a sua cara beleza, de que tanto gozo imaterial haurira.

Pensou, por momentos, em rebelar-se contra a sentença do fado, em buscar recompor pelo artifício os encantos espezinhadados, fenecidos. Curta, porém, foi a perplexidade e decidiu aceitar a existência tal qual se lhe apresentava.

Recomeçara, aliás, o organismo o seu trabalho de reconstituição. Voltava-lhe o apetite, a necessidade de agitar-se, de mudar-se daquele aposento em que tanto havia padecido, o desejo de respirar ar livre, vivificante.

Tudo se ia repondo no seu lugar, menos aquele adorável simulacro de mocidade, zelado por tantos anos e que de chofre se esvaíra, como delicado e preciosos frasco de pompeana sala, derruída em seus alicerces por ingente terremoto, após séculos de milagrosa preservação.

No fim de uma semana, pôde Lucinda descer ao pavimento térreo e, com certo enternecimento, esteve, na saleta da entrada, a remexer a cesta de bilhetes de visita, atulhada de cartões.

Quanta gente viera saber notícias da querida enferma! Mais que a vizinhança, o bairro em peso acudira inquieto; a cada momento D. Helena Glerk. Do sobrinho, então, a cópia de cartões indicava bem a ansiedade em que vivera todo esse tempo.

No meio de tantas tarjetas, uma, ilustrada de espalhafatosa heráldica, deu que pensar a Lucinda.

- Quem é esse visconde de Margão do Avél? Perguntou a si mesma sem atinar quem fosse semelhante titular.

De Anselmo Guerra havia uma carta única. Com letra muito tremida, participava ele, em lacônicas linhas, que, após mortífero acesso de febre, fora levado para fora do Rio de Janeiro por um primo seu. Achava-se um pouco melhor, numa fazenda distante, e contava ficar restabelecido dentro de vinte ou trinta dias.

Tudo ignorava.

- O bom Anselmo, murmurou melancólica Lucinda.

E reportando-se ao pesadelo da febre:

- Foi o meu salvador! Será o companheiro fiel e sempre respeitoso dos meus velhos dias!

Repetiu, então, baixinho o terceto final de um soneto do inigualável poeta português que, na véspera, lhe havia prendido os olhos, por singular coincidência:

*"Triste de quem se sente magoado
De erros que não pode haver perdão,
Sem ficar na alma a mágoa do pecado!"*

Estava ela nesse indefinível e pungitivo cismar, quando o criado Jacinto lhe anunciou uma visita – Eduardo Glerk.

Quis recusar-se; achou-se vestida com demasiada simplicidade, sem preparo algum, os cabelos à chinesa, puxados para trás, a grande faixa branca bem em evidência.

Encolheu, porém, os ombros e mandou-o entrar.

XXX

O primeiro ímpeto de Eduardo foi tolhido por doloroso pasmo que se lhe tornou impossível disfarçar.

- D. Lucinda! exclamou estacando irresoluto.

- Quase me não reconhece, não é verdade? Observou ela com velado entono, estou tão... mudada... desfigurada!

- A senhora deve ter sofrido muito, balbuciou ele.

- Muito... muito... impossível mais! Que quer? Não é brinquedo uma transformação radical de existência.

E com forçada expressão de gracejo:

- Fiz o inverso da borboleta... entrei para o casulo... donde nunca mais me mexerei.

Com gesto um tanto frio, convidou-o então a sentar-se.

Largo tempo ficaram silenciosos. E, de vez em quando, erguia-se o olhar de Eduardo Glerk, ora atônito a tentar recompor o adorado semblante, ora submisso a interrogar o que lhe cumpria fazer, numa hesitação de quem está sonhando acordado.

A custo venceu esse enleio.

- Não me queira mal, disse comovido; eu também, do meu lado, padeci morte e paixão todo esse tempo atroz... O porvir nos compensará de tudo isso... ligada como está a nossa sorte... pois agora...

- Não podem, replicou vagarosamente Lucinda atalhando-o, estar a um tempo ligados o passado e o futuro – fora um contra-senso. O senhor caminha para a luz, eu dela me aparto... Um vai ao encontro da claridade, outro da sombra. Escusado é observar-me mis do que você já fez. Devem-lhe ter caído desfolhadas, mortas, todas as ilusões!

- Lucinda! implorou o moço procurando pegar-lhe na mão e com lágrimas nas pontas dos cílios, que linguagem tão cruel e desalentada! Continua o meu amor o mesmo... incondicional.

- Não poderá dar-me aos cabelos a cor que para sempre perderam. Não...

E, interrompendo o que ia dizer, levantou-se:

- A nossa separação impõe-se irrevogável... Parta quanto antes, se me amou de veras... Parta!... Na generosidade dos seus sentimentos, nada mais tente... Fora inútil e... demasiado torturante para ambos... um misto de impossível e de ridículo...

E tirando a carta ainda fechada de Eduardo e o bilhete de Nádía do lugar em que haviam ficado desde a noite fatal, disse com lentidão:

- Tome... tudo isto... é seu...

Descorou muito o mancebo e ansiado murmurou:

- Maldito bilhete... tanto o procurei!... Aliás...

Cortou-lhe brandamente a palavra Lucinda:

- Em nada influiu na minha inabalável resolução...

Estendeu-lhe, então, a destra gélida, mas que não tremia:

- Adeus... adeus! Siga o seu destino, que é brilhante... Esqueça-se de mim... Fico no meu papel de mulher mal ferida, mas quase resignada... a um canto obscuro... deste mundo. E... dele não quero sair, nem a troco de todas as promessas e grandezas da Terra!

FIM

Dados sobre o Autor e sua Obra

ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY (Visconde de Taunay) nasceu no Rio de Janeiro a 22 de fevereiro 1843 e faleceu 25 de janeiro de 1899. Descendente de nobres francês, vindos para o Brasil em 1816, para fundar no Rio de Janeiro a Academia de Belas Artes. Em 1858 conclui os estudos no Imperial Colégio de Pedro II, recebendo o grau de bacharel em letras. Em 1859 Ingressa no Curso de Ciências Físicas e Matemáticas da Escola Militar.

Cursava o penúltimo ano da Escola Militar quando foi chamado a integrar as forças expedicionárias que foram defender as fronteiras do sul de Mato Grosso, Invadidas pelos paraguaios. Toma parte como secretário do Estado Maior na Campanha das Cordilheiras sob o comando do Conde d'Eu e redige o Diário do Exército. Em 1875 é promovido a major e, no ano seguinte, nomeado governador de Santa Catarina.

É condecorado pelo imperador com o título de visconde. Em 1885 abandona a carreira militar, no posto de major, sendo nomeado presidente da província do Paraná. Em janeiro de 1886, é eleito deputado geral por Santa Catarina e logo depois era senador por aquela província. Afastou-se da política em 1889, como senador por fidelidade à monarquia. Faleceu no mesmo ano. A sua obra foi reunida pelo filho Afonso em cerca de 30 volumes.

Escreveu:

"A Retirada da Laguna" (La Retralte de Ia Laguna") - 1871 (Narrativa histórica); "Inocência" - 1872 (Romance); "Lágrimas do Coração" - 1873 (Romance publicado em 1890 com o título de "Manuscrito de uma Mulher"); "Ouro Sobre o Azul" - 1874 (Romance); "Céus e Terras do Brasil" - 1882; "O Encilhamento" -1894 (Romance); "Memórias" - 1948 - (Obra póstuma) etc.

A "Retirada da Laguna" escrita em francês, trata da expedição da coluna brasileira que foi libertar a província de Mato Grosso da invasão paraguála e narra o célebre e trágico episódio da "Retirada da Laguna".

INOCÊNCIA

É um romance de costumes sertanejos, onde retrata fielmente costumes, tradições, cenários e tipos da vida sertaneja. Marca a transição do romance puramente sentimental para a obra mais serena de observação. Grande paisagista, cor local, leveza e naturalidade nos diálogos. Estilo espontâneo, sóbrio, medido, nem sempre bem cuidado, mas elegante e expressivo.

"Inocência" é a fusão de uma realidade autêntica, quanto às personagens, quanto ao linguajar, hábitos, costumes, tradições, com uma história de amor bastante ao gosto romântico. Trata-se de um romance regionalista que nos retrata com fidelidade a

paisagem. Muito diverso é o "regionalismo" de Alencar, por exemplo, em "O Gaúcho", e em "O Sertanejo", onde o ambiente é apenas uma evocação e não uma amostra fiel.

Revelou-se Taunay um magno paisagista pela fusão do gosto apurado do artista com a exuberante natureza brasileira, além do fato de o escritor ser um naturalista, um conhecedor científico da natureza. Foi também agudo observador de tipos, hábitos e do linguajar do caboclo. Todas as personagens de "Inocência" foram tiradas da realidade vivida por Taunay; são caipiras com os quais o autor manteve relações nas suas passagens pelo sertão por ocasião da campanha do Paraguai.

O romance não peca por verossimilhança ausente, é perfeita a autenticidade dos tipos. Também do linguajar caipira foi o romancista arguto observador, contribuindo com um documento da época, de grande valor, para os estudiosos.

Em "Inocência" observa-se uma realidade vista de dois ângulos. De um lado Meyer e Cirino que são elementos fora de seus próprios ambientes exercendo pressão num novo ambiente. Do outro lado o sr. Pereira e Manecão com seus hábitos e costumes próprios do ambiente onde vivem, pressionados pelos estranhos. "Inocência" seria o campo de lutas dessas duas visões da realidade. Pereira e Manecão representam os hábitos e costumes do sertão brasileiro. São as absurdas normas morais que surgem, são as credices, são a falta de civilidade e a mentalidade diminuta, a visão exígua da realidade. Meyer e Cirino são a visão mais racional da realidade, a mentalidade aberta aos problemas.

"Inocência" sofre essas duas forças antagônicas e consegue desprender-se da obrigação absurda, a promessa de casamento, com um homem que ela absolutamente não amava, quando aparece Cirino que a ama e que ela também amava. As influências estranhas às maneiras do sertão brasileiro não conseguiram sobrepujá-las. Invicto, portanto, o sertão, como não poderia deixar de ser, pois que na época dominava a estética nacionalista. Cirino é morto por Manecão e "Inocência" não vê seu sonho realizado.

O Brasil que aparece em "Inocência" é um Brasil bem brasileiro, muito diferente do Brasil de Alencar, um Brasil produto da Imaginação romântica. O romance de Taunay é altamente importante no romantismo brasileiro. Ele nos trouxe o Brasil regionalista com todo o seu pitoresco, com toda a sua beleza, numa história de amor que demonstrou toda a força desse sertão bruto.

INOCÊNCIA foi publicada no Rio de Janeiro, em 1872 e que representa a tônica de seu prestígio tanto no Brasil como fora. Pelas suas características, a obra situa-se na transição entre o Romantismo e o Realismo. Inocência é "pivô" de um drama amoroso eclodido em meio a luxuriante natureza e o sertanejo, com sua obstinação, suscetibilidade e arrogância peculiares, é representado pelo pai da heroína. O livro foi traduzido a muitas línguas e mesmo com o passar dos tempos é sempre admirado. Ainda hoje é considerado um romance fundamental na literatura brasileira.